

Distrito Pandêmico COVID-19

Riscos e vulnerabilidades na capital federal



Repórteres do quinto semestre
Jornalismo - Taguatinga

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB

Getúlio Américo Moreira Lopes

Reitor

Carlos Alberto da Cruz

Diretor Acadêmico

José Pereira da Luz Filho

Diretor da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS

Henrique Moreira

Coordenador de Comunicação Social

Bruno Nalon

Capa, Projeto Gráfico e Editoração

Danthon Amaral

Designer - Ilustração da capa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Distrito pandêmico - Covid-19 : riscos e vulnerabilidades na capital federal : livro-reportagem produzido pelos estudantes de 5o semestre de jornalismo - campus Taguatinga / organizadora, Mônica Prado – Brasília : UniCEUB, 2019.

162 p.

ISBN 978-65-87823-06-5

1. Livro-Reportagem. 2. Covid-19. 3. Jornalismo. I. Prado, Mônica (org.) II. Título

CDU 070.41:616-036.22

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitor João Herculino

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
SEPN 707/709 Campus do CEUB - Tel. (61) 3966-1335 / 3966-1336

Distrito Pandêmico

COVID-19

**Riscos e vulnerabilidades
na capital federal**

Repórteres do quinto semestre
Jornalismo - Taguatinga

Mônica Prado - Org.

Carta de Apresentação

Até as primeiras décadas do século XX, especialmente no Brasil, o jornalismo tinha como principal característica a narrativa de um determinado fato com ênfase em seus aspectos mais humanos, mais pitorescos ou inusitados. Isso levava o jornalista a lançar mão de recursos estilísticos que aproximavam a notícia da literatura. Desde então, tal proximidade tem sido objeto permanente de interesse de escritores e jornalistas, empenhados em estabelecer limites e esclarecer a complementaridade entre a forma de escrever uma notícia e a de criar personagens e tramas fictícios ou não.

José Peregrino, então presidente da Academia Brasileira de Letras, numa conferência em 1957, defendeu a tese de que “Jornalistas foram, são e serão, realmente, no Brasil, os que têm feito a literatura mais legítima e autêntica.” Por isso, ver o empenho de jovens alunos do curso de Jornalismo do UniCEUB na produção de reportagens que remetem às características fundamentais do texto literário é motivo de orgulho e de esperança.

Orgulho por constatar que o Jornalismo é uma prática social que se reinventa permanentemente, sem perder suas referências mais importantes; e esperança, por enxergar nesses futuros jornalistas verdadeiros representantes de tudo o que o jornalismo sempre representou para a sociedade humana.

Este livro-reportagem materializa o esforço de todo um semestre de pesquisa e produção de nossos alunos, que sob a orientação firme de seus professores da disciplina “Edição e Cobertura”, resgataram a essência do jornalismo literário, trazendo ao conhecimento do público leitor uma série de acontecimentos de notável intensidade dramática recolhidos durante um dos momentos mais críticos vividos nos últimos cem anos: a pandemia do Covid-19. Por isso, a minha satisfação em minimamente contribuir com esse projeto, cujos inspiradores são jornalistas do quilate de Euclides da Cunha (pioneiro do jornalismo literário no Brasil) e de Truman Capote, principal referência no jornalismo literário universal. Que orgulho.

Professor-Doutor Henrique Moreira

Coordenador do Curso de Jornalismo do UniCEUB

Sumário

PREFÁCIO	06
VIVÊNCIA 1	
A violência de todo dia ... e nem somos ainda jornalistas <i>Adna Evelin e Rafaela Moreira</i>	08
VIVÊNCIA 2	
Idosos em asilos - isolamento e solidariedade <i>Thayssa Vidal</i>	22
VIVÊNCIA 3	
Brasília - o El Dorado e uma terra de desastres <i>Julianne Belo</i>	36
VIVÊNCIA 4	
Emprego - mudança para todo lado, não escapa um <i>Gabriela Arruda e Sara Meneses</i>	48
VIVÊNCIA 5	
Entregador - de bico a herói por seu serviço essencial <i>Ana Luísa França e Luisa Barmell</i>	74
VIVÊNCIA 6	
Produtor rural - resiliência e comida na mesa <i>João Paulo de Brito e Luiz Fernando Santos</i>	88
VIVÊNCIA 7	
Escola - uns em casa e outros em aula remota <i>Matheus Arantes e Renato Queiroz</i>	100
VIVÊNCIA 8	
Um pouco da vida em Taguatinga e no Riacho Fundo I <i>Maria Carolina Guimarães e Paloma Cristina</i>	112
DEPOIMENTOS NA ÍNTEGRA <i>Personagens das Vivências 2 e 4</i>	130
AGRADECIMENTOS	162

Prefácio

Sobre esses tempos ...

Dia 11 de março de 2020. Eram 19h23 quando mensagens umas atrás de outras se seguiam nos grupos de WhatsApp. O Governo do Distrito Federal (GDF) estava por decretar distanciamento social com fechamento de escolas e serviços e suspensão de eventos públicos. O Decreto 40.509, publicado oficialmente em edição extra do Diário Oficial do Distrito Federal, em torno das 22h, e depois sucessivamente prorrogado com ampliações e restrições, era a certeza de que a pandemia estava aqui e agora na minha vida e na vida dos estudantes de Jornalismo da disciplina de Edição e Cobertura, do 5º semestre. Dia 11 de março também é o dia em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decreta pandemia por coronavírus. A covid-19 já não era uma doença distante, da Ásia e da Europa. Começava a fazer estragos aqui, também, no Brasil.

O tempo de distanciamento passou a incluir, a partir de 18 de março, aulas mediadas por tecnologia. O sistema utilizado pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) permite que façamos live com os alunos e que empreguemos as ferramentas do aplicativo para exercícios, avaliações, tarefas e comunicados. Inovamos e nos renovamos, alunos e professores, em 24 horas, com aulas ao vivo mediadas por telas, qualquer tela, de celular a televisão. E, nesse ambiente e nesse novo contexto, decidimos, os alunos e eu, dar continuidade à experiência de escrever um livro-reportagem sobre riscos e vulnerabilidades, desde vez, imersos na covid-19. A aposta era alta e os talentosos estudantes de Jornalismo deste 5º semestre tomaram as rédeas e modificaram as pré-pautas escritas ainda em fevereiro. As modificações incidiram profundamente no processo de captação de dados e de apuração jornalística, e, em seguida, no processo de edição.

Uma coisa não mudou: o enfoque do livro-reportagem. A palavra vulnerável vem do latim - ‘vulnerabile’ - que significa “o que pode ser ferido ou atacado”, enquanto vulnerabilidade refere-se a uma situação de risco. Desse modo, o conceito implica que pessoas e/ou comunidades se encontrem em alguma circunstância de fragilidade, a qual pode estar regida por motivos sociais, ambientais, econômicos e políticos. A pandemia do coronavírus

se mostra não apenas como um criador de vulnerabilidades, mas, principalmente, um agravante dessas fragilidades. E, dentro da nossa realidade, o Brasil se encontra como um dos países mais afetados pela covid-19. Somos o segundo país no mundo com o maior número de casos (um milhão 368 mil e 195) e de mortes (58 mil 314), até o dia 30 de junho, quando estamos fechando a edição do livro.

A covid-19 nos afeta não só em números de casos confirmados e de vidas perdidas, mas também na perspectiva econômica. Fernando Canzian, em reportagem no jornal Folha de São Paulo, na edição impressa do dia 29 de junho de 2020, escreve: “Só entre janeiro e março —com apenas 1/6 do período afetado pelo isolamento social—, a metade mais pobre do país perdeu 6,3% de sua renda do trabalho na comparação com o último trimestre de 2019, segundo a FGV Social. Em contrapartida, os 10% no topo ganharam 0,8% a mais.” Afora a real possibilidade de que a pandemia aumente o fosso entre os que tem e os que não tem, o Brasil já é a nação na lista dos 10 países mais desiguais do mundo. E há números que refletem o quão pobre somos: mais de 11 milhões de brasileiros moram em favelas e estão distribuídos em mais de três milhões de domicílios, sendo que 32,7% deles não contam com rede de coleta de esgoto, segundo dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) .

Nos oito capítulos de nosso livro-reportagem, o leitor e a leitora terão uma experiência de imersão pelos olhos dos repórteres do 5o. semestre de Jornalismo – Taguatinga sobre o que foi vivenciar a pandemia e produzir e editar grandes reportagens sobre um leque de aspectos que afetaram, e ainda afetam, a vida das pessoas e a vida econômica da cidade que completou 60 anos, em 2020 – o Distrito Federal, a capital do país.

Gabriela Arruda, Mônica Prado e Sara Meneses

Dados extraídos do Painel Global da Johns Hopkins University & Medicine, disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

Dado disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14157-asi-censo-2010-114-milhoes-de-brasileiros-60-vivem-em-aglomerados-subnormais>

Vivência 1

*Jornalistas,
não apoiadores de um presidente
que diz que a pandemia
é apenas uma gripezinha.*

*Uma profissão
que sofre agressão
a cada momento
vinda do atual presidente.*

*Uma profissão
que com uma pandemia
pode se reinventar
e ganhar mais espaço.*

*Uma profissão
que trabalha acima de tudo
com a verdade dos fatos.*

*Uma profissão
para trabalharmos
com o objetivo
de passar informações.*

Rafaela Moreira (5/5/2020)

A VIOLÊNCIA DE TODO DIA... E NEM SOMOS, AINDA, JORNALISTAS

por Adna Evelin e Rafaela Moreira

O Jornalismo se reinventa ao longo dos anos, e agora, por conta da pandemia do novo coronavírus, houve uma necessidade maior. Este momento em que estamos passando, se tornou delicado para os comunicadores, com isso, nós, como estudantes de Jornalismo, pudemos perceber e nos sensibilizar ainda mais com as violências que esta profissão sofre e já vinha sofrendo; infelizmente agora com mais força. Desde a existência desta profissão, inúmeros ataques já foram registrados, sejam eles físicos, verbais ou psicológicos. A produção de uma simples notícia trouxe desafios a esses profissionais, pois tudo precisou ser reinventado ao longo dos anos. O que iremos trazer a você leitor, é a nossa visão sobre o que é ser jornalista e, principalmente, em períodos como este.

Como estudantes de Jornalismo, es-

tamos sempre antenadas às notícias e acompanhamos com bastante frequência os veículos de comunicação e os jornalistas que admiramos. É inevitável para nós não nos indignarmos com os insultos, ataques e agressões que esses nossos futuros colegas de profissão passam. Temos em nossa consciência de que tudo o que eles sofrem é injusto, antidemocrático e algumas vezes desumano. A profissão de um comunicador é sim de risco, e nós seremos expostas frequentemente na sociedade, estaremos em lugares de riscos (guerras, manifestações, acidentes...), para poder trazer nada mais do que a verdade de um acontecimento. Buscamos ter respeito com cada um a quem prestamos, ou iremos prestar, serviço, sempre em busca da liberdade em exercer a nossa profissão, não aceitando forma alguma de censura ou violência.

A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) levantou a quantidade de ataques que o jornalistas sofreram (por meios digitais) no ano de 2019. Os números chegaram a 11 mil por dia através das redes sociais. No mesmo ano, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) registrou mais de 200 ataques contra os veículos de comunicação e aos profissionais, um aumento de 54,07% em relação a 2018. Em 2020, nos primeiros meses, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) realizou um levantamento das violações à liberdade de imprensa e registrou 24 ataques, sendo 17 vindos de agentes públicos.

Neste capítulo escolhemos tratar um tipo específico de violência, as violências silenciosas. Fingimos não vê-las, consideramos como atitudes naturais, mas que sempre estiveram presentes, como as de caráter físico, verbal, psicológico e midiático. Nós somos mulheres e estudantes de Jornalismo, temos carta branca para falar à respeito, pois, infelizmente, vivenciamos isso em algum momento da nossa vida. Em Brasília, onde vivemos, já nos deparamos com casos diariamente noticiados pelos veículos de comunicação. Um caso

que ficou marcado pela mídia, mas que não chegou a ser muito comentado, esse ano, foi de uma jornalista da Folha de S. Paulo, Patrícia Campos Mello, onde o atual presidente, Jair Bolsonaro, fez insinuações sexuais a ela, chegando até mesmo a ser processado pela jornalista pela Justiça estadual de São Paulo. O ataque ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2020. A senadora Kátia Abreu chegou a se pronunciar depois de uma semana, defendendo a repórter, e ainda afirmou que “homem, quando alguém fica com raiva de homem, de jornalista, ninguém fala da moral, ninguém fala da sua vida sexual, ninguém fala das suas coisas íntimas. Por que da mulher todo mundo se vê no direito de poder ofender as suas questões pessoais, de querer humilhá-la e de desonrá-la? (...) Isso é coisa de país sub, sub, subdesenvolvido” (Fonte: Agência Senado).

Atualmente, estamos vivenciando uma crise mundial na saúde, nos obrigando a nos restringir de alguns dos nossos afazeres diários, como sair de casa para trabalhar, ir ao shopping, viajar, passear pela cidade, ir ao cinema ou bares. O isolamento social se tornou necessário para evitarmos a covid-19, e infelizmen-

te percebemos que algumas figuras públicas se mostraram contrárias à medida solicitada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), inclusive o Presidente da República.

O presidente Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018, se tornou um símbolo para com a violência contra a mídia, contra eleitores não favoráveis ao governo e em especial contra os jornalistas. Recentemente, em 3 de maio de 2020, o dia da Liberdade de Imprensa, jornalistas do veículo O Estado de São Paulo, conhecido por Estadão, foram alvos de ataques durante uma manifestação a favor do presidente, puxada por ele mesmo através das redes sociais. O grupo foi atacado com agressões físicas e verbais pelos apoiadores do governo. No dia 5 de maio, durante uma coletiva em frente ao Palácio da Alvorada, em Brasília, quando questionado sobre a mudança na chefia da Polícia Federal, Bolsonaro se irritou e mandou os repórteres calarem a boca.

Vale ressaltar que este não foi e nem será o primeiro presidente a ter esta postura em relação aos assuntos que nós jornalistas apresentamos para a população. O presidente João Figueiredo, governou entre 15 de março

“O senhor pediu a troca, presidente?”, perguntou uma repórter.

“Isso é uma patifaria!”, gritou Bolsonaro.

“O senhor pediu alguma troca no Rio?”, perguntou novamente a repórter.

“Cala a boca! Não te perguntei nada!”, gritou mais uma vez.

Jair Messias Bolsonaro, em coletiva com repórteres.

de 1979 e 15 de março de 1985, fez inúmeros ataques à imprensa durante esse período. Nós, mesmo que ainda sejamos estudantes, sabemos que entrevistar uma figura política às vezes irá se demonstrar um desafio. Temos consciência de que violência não é algo correto, está explícito na nossa Constituição Federal com o art. 5º, inciso III: ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante. No Código Penal com os seguintes artigos: nº 121, 129, 136, 146 a 148, 213, 215, 217, 227, 228 e 231. Todos estes penalizam por diversos atos contra



Os fotógrafos abaixaram as suas câmeras diante do presidente Figueiredo como um ato de protesto.

Fonte: Site Socialista Morena

Foto: J. França, 1984.

uma pessoa, tais como: exposição ao perigo, humilhação, constrangimento, ameaça, sequestro e cárcere privado e os crimes contra a liberdade sexual. Qualquer ato violento vindo do ser humano é inaceitável, e em caso graves possui penas. Mas, e sobre as violências silenciadas? Seriam crimes também? Já que ignoramos a existência delas? Ao que sabemos pela nossa legislação, todo tipo de ação que envolva agressão, humilhação, insultos e dentre outros, é sim

considerado um delito.

Ao pesquisar sobre as violências sofridas pelos jornalistas, percebemos que, mesmo com o grande aumento nos últimos anos, essas agressões, como falamos acima, não deixaram de ser caladas. Elas continuaram de fato a acontecerem, mas ainda assim fingimos não ver, mesmo sabendo da existência delas. O atual presidente é o responsável por mais da metade dos ataques no último ano,

de acordo com relatos da própria Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), e isso nos faz perceber que ele, sendo uma pessoa que deveria servir de exemplo para o nosso país, está fazendo papel contrário, sendo um exemplo do que não ser.

Escolhemos alguns meios em que convivemos e possuímos interesse em discutir para trazer a você, leitor ou leitora, um melhor entendimento a respeito do assunto. Trouxemos aqui os dados mais recentes, a nossa visão, entrevistas e algumas vivências reportadas. Procuramos pessoas que entendessem a cerca do comportamento humano, além de um

conhecimento mais profundo sobre o tema que estamos tratando aqui.

Nós também procuramos um profissional que estivesse há algum tempo atuando no jornalismo, que já tivesse passado por diversos acontecimentos e situações. Como estudantes, ainda não temos um lugar de fala, pois ainda não fomos vítimas de alguma violência que esteja relacionada a nossa escolha de profissão e não estamos em exercício total da nossa função como jornalistas.

Gésio atua no Sindicato de Jornalistas aqui de Brasília desde 2010 e atualmente ocupa o cargo de coordena-



Priscila Rufinoni, leciona na área de Filosofia na Universidade de Brasília (UnB), desde 2008.



Pedro Lacerda, 56 anos, formado em Filosofia, dá aulas ao Ensino Médio da rede pública desde de 1995, e atualmente atua como professor de Sociologia.

dor administrativo. E também, desde de 2019, ele é o vice-presidente regional do Centro-oeste da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)

Infelizmente, Gésio já foi alvo de

violências que são silenciadas frequentemente pela sociedade, mas que ficam marcadas pela vida. Intimidações de agentes públicos no momento de exercício da função, dos próprios chefes que não aceitam

O jornalista Gésio Passos é formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em comunicação pela UnB, e atua na área de comunicação desde 2008. Passou pelas áreas de assessoria, tanto pública quanto privada, na coordenação de uma ONG que trabalha com o direito à comunicação e atualmente é repórter na Rádio Nacional, veículo público da EBC.



questionamentos a respeito de uma pauta, tendo ocorrido até censura por parte das chefias do veículo de comunicação em que trabalha. “Inclusive, eu sou o repórter que foi afastado na semana passada da cobertura do Ministério da Saúde por ter questionado os critérios de indicação dos comissionados no órgão, privilegiando militares e empresários bolsonaristas”, relatou o jornalista. Agressões físicas ou linchamento na internet nunca aconteceu a ele.

O que nós observamos, especificamente aqui onde moramos, sendo a capital do país, não se difere dos outros estados, ignoramos esses ataques que ocorrem todos os dias e, em grande quantidade, em nosso país. Afinal, quais são elas? Por que são silenciadas diariamente? Com que frequência elas acontecem? Como notar? Por estarmos assistindo de perto, envolvidas neste meio jornalístico e social, entramos com vários questionamentos que nós fazemos diariamente.

Como se deu o processo de silenciar certos tipos de violência nos intriga e por isso queremos entender e repassar a você. A professora Priscila Rufinoni explica que esse silenciamento

pode vir de um controle ao acesso público. As mulheres, crianças, os pretos, indígenas, imigrantes, pobres, doentes eram escondidos pela sociedade e foram constantemente silenciados. “Mesmo ‘domesticados’, cuidados, tutelados... então, mesmo que viessem a público, era como uma voz que não devia ser levada em conta”, esclarece a profissional.

O ambiente político aqui no Brasil é vasto, atualmente possuímos mais 600 políticos (entre deputados distritais e federais, senadores, governadores e o presidente). Temos um histórico grande de parlamentares, que já posicionaram ou se apresentaram de forma agressiva diante da imprensa; eleitores não favoráveis, e dentro do ambiente de trabalho deles, como Senado Federal e na Câmara do Deputados.

Esse ambiente político se tornou um grande desafio aos profissionais de Comunicação Social, e é claro do Jornalismo. Para Gésio, os ataques do atual presidente Jair Bolsonaro e de seus apoiadores de extrema-direita, mostra o ambiente intolerante e autoritário que foi construído pelo país. A imprensa deu um espaço a esses grupos ao longo dos anos, princi-

palmente nas eleições de 2018 aqui no Brasil. Hoje, o presidente e esses grupos se tornaram a maior ameaça para os jornalistas, o Jornalismo e a democracia. “Diretamente, em seu tom acusatório, preconceituoso e desonesto, intimida a forma de fazer jornalismo sério, incentiva que seu grupo ataque jornalistas em qualquer lugar, qualquer momento coloca em risco toda a categoria e toda a população”, concluiu.

O porquê desse comportamento é o que nos incomoda como futuras jornalistas. Queremos compreender mais a fundo qual a causa de tais ataques e insultos, não somente dos políticos, que ocorrem por motivos irrelevantes. A professora Priscila explica que, na opinião dela, se trata de um desdobramento da falta de cuidado com a esfera pública, hoje em dia muitas pessoas podem falar, o que por um lado é muito bom, mas que talvez falte um novo código de sociabilidade. “A internet colocou um desafio novo para nós, brasileiros, que é o uso da palavra escrita. Não somos, em geral, tão afeitos ao uso da palavra escrita no trato social – não somos um povo que tenha por tradição escrever cartas, ou ler, por exemplo – e agora nos vemos diante

desse código escrito, que precisa de outros cuidados”, conclui.

Sabemos que a tecnologia evoluiu muito, temos inúmeras redes sociais, sites, veículos de comunicação online e diversas plataformas de interação. Os insultos na internet passaram a ocorrer com uma frequência muito alta, com inúmeros casos reportados ou denunciados. Alguns chegam a um nível extremo, já presenciamos alguns agressores que chegaram a cometer crimes como o de racismo, difamação, calúnia, ameaça, em alguns casos se tornaram graves. O anonimato se tornou uma ferramenta muito usada por tais, como forma de se esconder da vítima e das autoridades que agem em cima disso. O que buscamos entender mais a fundo é o porquê disso acontecer.

Em entrevista com o professor de Sociologia, Pedro Lacerda, perguntamos o porquê das pessoas estarem vivendo com mais agressividade e ele respondeu com um questionamento. “Essa agressividade, será que ela não sempre existiu e agora as pessoas estão colocando isso para fora?”, algo que nos fez perceber que sim. Hoje até mesmo as violências silenciosas estão mais evidentes. “Só que agora

tanto, digamos assim, as vítimas da violência quanto os praticantes. As vítimas estão denunciando mais e reagindo mais com essa violência, e os agressores, por uma série de motivos (...), estão mais agressivos, com menos medo. Então pra mim, essas violências sempre existiram”, conclui o professor Lacerda.

Os jornalistas passam, passaram e estão passando por diversos momentos como esse ao longo da carreira. Em algumas situações, que ocorrem em público, mostram que as pessoas podem apresentar diferentes comportamentos. Gésio Passos nos relatou que esse tipo de acontecimento já ocorreu a ele, e agiu como qualquer ser humano. “A minha reação é sempre com indignação, principalmente também por ser dirigente sindical. Além de solidarizar com os colegas, faço questão de compartilhar os diversos casos nas minhas redes sociais e falar publicamente sobre eles. Além de cobrar das autoridades públicas resposta”, relatou Gésio.

Mas nem sempre poderá ocorrer desta forma defensiva, o ser humano pode apresentar reações de medo e fazer absolutamente nada. O que muitas pessoas buscam compreen-

der é o porquê algumas vítimas não são capazes de reagir, ou de se defender, diante de uma ação do agressor pessoalmente. As mulheres são as maiores envolvidas nesse tipo de medo. Passamos por situações constrangedoras ou humilhantes que às vezes podem nos deixar impossibilitadas de agir em defesa. Por exemplo, no nosso cotidiano, antes da pandemia, andar na rua tranquilamente era um desafio constante, estávamos submetidas a ouvir e viver certos tipos de assédio. Nosso medo, falamos por nós mesmas, de reagir na defensiva, ocorre pelo fato de que podemos ser seguidas por esses agressores e em um momento em que estivermos sozinhas, e essa violência ocorra de forma mais agressiva. Se você que está lendo for mulher, saberá exatamente qual é o medo de que estamos falando.

Nós como mulheres jornalistas notamos as violências ainda mais evidenciadas e a cada dia algumas delas são normalizadas ou silenciadas, e assim como conta o professor Pedro de Oliveira. “No ano de 2008 (com o surgimento da Lei Maria da Penha) os assassinatos contra as mulheres abaixou um pouco (...) e logo em seguida ele volta à normalidade”, pon-

tuou. O professor ainda cita sobre as violências contra os negros, que muitas vezes ocorrem com as “piadinhas inocentes”. “Muitas pessoas achavam que era só brincadeira e não colocava como violência”, disse.

Quando questionamos sobre como ele acredita que ocorreu o processo para que as violências fossem silenciadas, Pedro Lacerda afirma: “eu observo isso claramente nessa questão da violência silenciada (...), na escola mesmo, por exemplo a violência contra as mulheres (...), que é uma violência silenciada, a gente percebe isso quando vamos conversar com os alunos (...), depois chegam os alunos para conversar com você e vão falar pra você que eles foram vítimas desse tipo de violência, ou que a mãe dele é vítima desse tipo de violência”. Esse tipo de afirmação mostra também que as violências devem ser discutidas para que sejam identificadas, porque muitas vezes uma pessoa pode sofrer agressão e nem saber que de fato é, pois não teve uma pessoa para conversar com ela a respeito disso.

Cabe uma reflexão de que essas violências, sejam elas contra um jornalista, uma mulher ou qualquer

ser humano, jamais deveriam ou devem ser normalizadas e silenciadas. A educação é um passo importante para alcançar isso. Em uma sociedade, como aqui do Brasil, esse tipo de atitude está enraizada em nossa cultura, mas isso não significa que não podemos fazer algo para obter uma mudança. Com o passar dos anos, muitas pessoas tiveram voz e repudiaram grande parte dessas violências. Infelizmente ainda temos algumas que se tornaram invisíveis. Tudo isso se tornou uma luta diária.

Nosso jornalista entrevistado deixa um conselho muito importante a você leitor ou leitora, que pensa em ser jornalista. E é claro que cabe muito a nós duas.

“Coragem. Coragem de enfrentar a realidade, de ser comprometido/a com a pluralidade de ideias, com a diversidade da população brasileira e com os direitos humanos, que foi essencial para combater a barbárie da Segunda Guerra Mundial, e hoje, mais de 70 anos depois, se faz ainda mais necessário para enfrentar os ataques a incompleta democracia e civilidade que o mundo buscou construir. Sem garantias, sem direitos, sem democracia, não há como ter o

compromisso com a sociedade justa, solidária e fraterna. O Jornalismo é um instrumento essencial para isso. Além disso, os jornalistas têm que se ver como sujeito de direitos, direitos que garantem seu livre exercício profissional, que garantem dignidade para a categoria, direitos tanto de exercer sua profissão como de fazer com que ela seja respeitada, com salários dignos e respeitando a legislação vigente”, defende Gésio Passos.

Para encerrar, este capítulo serviu para podermos contar um pouco de como vemos e vivenciamos essas violências diante do papel que ocupamos na sociedade como mulheres e futuras jornalistas. Estudamos e crescemos em ambientes diferentes, tivemos uma educação, convívios familiares e de amizade, uma infância e visões de futuro diferentes. Mas temos consciência de uma mesma coisa, ocorrem inúmeras violências silenciadas dentro de uma sociedade e do meio jornalístico. Nos sentimos na obrigação de repudiar, denunciar e se opor a qualquer tipo de ação que nos impede de exercermos o papel de mulheres e de jornalistas.

Em relação a profissão de jornalista, nós duas sabemos que iremos

ser atacadas por algo que publicarmos ou divulgarmos. É um trabalho de risco, não há o que discutir. Não escolhemos essa carreira por acaso, temos muita paixão pelo Jornalismo e não iremos desistir de fazer a diferença. Estamos convictas do que queremos mostrar a todos que futuramente admirarem o nosso trabalho.

Acesse também o conteúdo audiovisual:





Sou Adna Evelin, tenho 19 anos, acredito que o Jornalismo tem uma função muito importante na sociedade. É através dele que podemos conhecer a verdade por trás de grandes acontecimentos e figuras públicas. Sou uma grande admiradora do fotojornalismo.



Sou Rafaela Moreira, tenho 20 anos. Acredito que com as palavras certas podemos fazer do Jornalismo uma fonte de informação e cultura poderosa. Desde pequena sempre gostei de ler e escrever, então o curso de Jornalismo só fez aumentar meu amor pela escrita e pela leitura.

Vivência 2

*“Não sei porque essa gente
Vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente
Sempre o tempo vai correr”*

Envelhecer - Arnaldo Antunes, 2009

IDOSOS EM ASILOS, ISOLAMENTO E SOLIDARIEDADE

Por Thayssa Vidal

“Ao final da pandemia, nós jamais seremos os mesmos.” Ouvimos essa frase algumas vezes nos últimos meses. A covid-19, que surgiu de maneira tão abrupta e imprevisível (ao menos para nós, leigos), pode ter impacto no nosso modo de viver para sempre. Mas e aqueles que já haviam vivido boa parte de suas vidas? Se para nós o medo, a incerteza, a solidão e a saudade são sentimentos dominantes dia após dia no que parece ter se tornado uma eternidade, como estão essas pessoas agora? E os locais integralmente voltados para abrigar essas pessoas, as mais velhas?

Quando as primeiras notícias sobre o novo coronavírus surgiram, não passou pela minha cabeça a proporção que a situação poderia vir a tomar. A sensação que tínhamos era de que aquilo nunca chegaria aqui. Mas chegou. No dia 26 de fevereiro, confir-

mou-se o primeiro caso da covid-19 no Brasil, em São Paulo. Um homem de 61 anos. Os casos suspeitos aumentaram exponencialmente no Brasil nos dias subsequentes e, menos de dez dias depois, no dia 5 de março, confirmou-se o primeiro caso no Distrito Federal.

A situação era preocupante. A primeira paciente de covid-19 no DF, uma advogada de 51 anos, havia viajado ao exterior e poucos dias depois seu marido também foi diagnosticado com a doença. Porém, antes do diagnóstico, ele circulou por alguns pontos da cidade, o que causou certo pânico em quem acompanha mais atentamente as notícias.

No dia 11 de março, os casos ao redor do mundo naquele momento já haviam atingido, segundo dados da Organização Mundial da Saúde

(OMS), 114 países no total, e o diretor da própria OMS, Tedros Adhanom, anunciava, em coletiva de imprensa, a condição de pandemia. Em escala de gravidade é o pior cenário possível e significa que uma epidemia se estendeu a níveis mundiais e se espalhou pelo planeta.

O anúncio do diretor da OMS foi feito no início da tarde, por volta das 13h30. No mesmo dia, o atual governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, publicou um decreto suspendendo, inicialmente por cinco dias, as aulas de toda a rede de ensino pública e privada, além de todo e qualquer evento que exigisse licença do Poder Público e com lotação superior a cem pessoas. Penso que para a grande maioria de nós, foi ali que a ficha começou a cair. As aulas continuariam suspensas por muito mais tempo que isso. Definitivamente, não foram só cinco dias. Foi daí em diante que tudo mudou.

“Tomem cuidado. Evitem sair de casa. Cuidem dos grupos de risco”. Grupos de risco. Ouvíamos muito falar dessas pessoas. Idosos e pessoas com problemas respiratórios. Eram as pessoas que mais correríamos o risco de perder para a covid-19, segundo os

dados e os noticiários. Não demorou muito para que me viessem à cabeça todas as pessoas do meu convívio que se enquadram neste grupo. A gente nunca quer pensar na dor de perder um dos nossos.

Eu sou muito ligada à minha família e uma das pessoas mais próximas a mim é a minha avó paterna, Neuza. Ela tem mais de sessenta anos, tem hipertensão e diabetes. Grupo de risco. Havia passado boa parte do último ano em busca de uma casa de repouso para o meu avô, marido dela. Eu acompanhei a busca de perto. Ajudei a conseguir consultas médicas, documentos... Sabia o quanto eles dois precisavam disso.

Meu avô, deficiente há muitos anos, já não tinha condições de fazer praticamente nada sozinho. Eram só os dois dentro de casa, minha avó já não conseguia mais aguentar o peso físico dele e lidar com todos os cuidados. Quando ela conseguiu, depois de várias tentativas, uma vaga para meu avô no Lar dos Velhinhos Maria Madalena (LDVMM), foi um alívio para nós.

Quando a pandemia começou, veio o questionamento: Como ficam os asi-

los? Será que vão conseguir tomar os cuidados para que essa doença não chegue até eles? E se chegar? Resolvi que esse era o assunto que eu queria abordar. A vulnerabilidade desse grupo de risco que estava ali, isolado do resto do mundo, mas ao mesmo tempo aglomerado com várias pessoas que se enquadram na mesma situação. Essas pessoas não podiam deixar de ser mencionadas aqui. Eu precisava falar sobre isso.

Para compreender o acolhimento de idosos no DF

Logo que o isolamento social começou, noticiaram nas mídias que as doações em abrigos de idosos tinham caído consideravelmente. É possível entender o quão fundamentais são as doações para os abrigos quando compreendemos o funcionamento dos serviços de acolhimento para idosos no Distrito Federal.

No DF, existem as chamadas Unidades de Acolhimento, que possuem vínculo direto com o governo. Esses locais acolhem temporariamente homens idosos, mulheres ou núcleos familiares, o que varia conforme a especificidade de cada instituição. O tempo de permanência costuma ser

de até três meses. Depois disso, é necessário reavaliar a possibilidade de estadia conjuntamente com o idoso acolhido e a equipe de especialistas da unidade.

Existem também as Unidades de Execução Indireta, que são os chamados Abrigos Institucionais. Esses locais são entidades parceiras do Governo, que ofertam serviço de acolhimento, e podem receber apoio de outras instituições privadas e, muitas vezes, então se enquadram no conceito de associação filantrópica. Entretanto, por dificuldade em arcar de forma integral com os custos, alguns desses locais não oferecem o serviço de forma totalmente gratuita, cobrando um valor acessível para a família do idoso.

Os órgãos responsáveis pelo controle das instituições e também pelo encaminhamento dos idosos aos lares (sejam Unidades de Execução ou Institucionais) estão ligados à Secretaria de Desenvolvimento Social do DF, e são eles: o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), o CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), e o Centro Pop (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua).

OS ABRIGOS PARA IDOSOS NO DISTRITO FEDERAL

UNIDADES DE ACOLHIMENTO



	LOCAL	CRITÉRIO	VAGAS
UNIDADE DE ACOMPANHAMENTO PARA IDOSOS (UNAI)	Taguatinga Norte	Homens idosos; desacompanhados; independentes ou até o grau de dependência I*	20
UNIDADE DE ACOLHIMENTO PARA ADULTOS E FAMÍLIAS (UNAF)	Área I	Homens idosos independentes ou até o grau de dependência I*; homens adultos desacompanhados; homens com deficiência capazes de realizar suas atividades básicas diárias ou até o Grau de Dependência I; e grupos familiares	150, sendo somente 16 reservadas exclusivamente para idosos
UNIDADE DE ACOLHIMENTO PARA MULHERES (UNAM)	Taguatinga Norte	Mulheres adultas independentes ou até o Grau de Dependência I) *não é exclusivo para idosos apesar de também acolhê-las	35 vagas no total, não tendo um número de vagas exclusivas para idosos



ABRIGOS INSTITUCIONAIS

Casa do Ceará Local: Sobradinho Nº de vagas: 7	Lar São José - Casa do Candango Local: Sobradinho Nº de vagas: 50	Associação São Vicente de Paulo de Belo Horizonte (ASVPBH) Local: Taguatinga Nº de vagas: 30
Lar dos Velhinhos Bezerra de Menezes Local: Sobradinho Nº de vagas: 70	Lar dos Velhinhos Maria Madalena Local: Park Way Nº de vagas: 92	

*O Grau de Dependência I contempla aquelas pessoas que necessitam de equipamentos de autoajuda diariamente porém ainda assim são independentes em seu uso.



Artes por: Thyanna Vidal

É possível compreender melhor o funcionamento desses locais.

Poucos de nós, estudantes, aos vinte e poucos anos de idade, têm dimensão do quanto é preciso para sustentar alguém. Alimentos para todas as refeições do dia, itens de higiene, fraldas descartáveis, roupas de cama, pratos, talheres, agora, máscaras e álcool... Nós não sabemos o que é isso. Muito menos para um local cheio de pessoas que, nessa idade mais avançada, precisam de tanto cuidado. Então, ainda que os abrigos recebam apoio financeiro de empresas privadas, algum valor em dinheiro das famílias e auxílio governamental, são fundamentais, pois a demanda desses locais é muito alta. E é por isso que, para as instituições, as doações são tão importantes.

E como ficam esses lugares agora?

Com a chegada da pandemia, nós simplesmente fizemos o que foi recomendado: nos isolamos. Porém, alguns de nós acabamos nos fechando demais em nossas próprias bolhas. E o que acontece com aqueles que dependem da ajuda de alguém para conseguir sobreviver? Como fica a solidariedade nesses momen-

tos? Será que estamos, de fato, no mesmo barco?

A primeira entrevista que reporto aqui, foi feita com a assistente social Lorena Sidor, do Lar Maria Madalena. Segundo ela, as estimativas feitas pela equipe administrativa do Lar Maria Madalena é de que as doações tenham caído mais de 80%. Em virtude disso, Lorena afirmou que a alternativa foi recorrer a campanhas através de redes sociais e mobilizar as famílias e voluntários para que viessem a tomar conhecimento da necessidade que estavam passando. Dentre as campanhas feitas pelo próprio Instituto Integridade (responsável pelo Lar Maria Madalena), surgiu a ideia de possibilitar um cadastro através de um site parceiro que gera um boleto bancário mensal, e, após o pagamento, faz uma doação direta para o Lar de Velhinhos, como é conhecido o Lar Maria Madalena.

O coordenador administrativo do Lar São José (Casa do Candango), Rodrigo Lima, explicou que a situação por lá não foi muito diferente. Rodrigo enfatizou que as doações cresceram muito depois de uma reportagem sobre o tema feita pela Rede Globo, o que me fez refletir por um momento

sobre aquilo que nos faz, dentre vários motivos, escolher essa profissão: o quanto temos o poder de mudar realidades relatando fatos. Depois que a mídia se mobilizou, ambos relataram que imediatamente as coisas mudaram em relação às doações.

Ainda que a situação tenha sido controlada, Rodrigo enfatizou que as doações seguem oscilando. Em virtude disso, a Casa do Candango continua fazendo campanhas de arrecadação, especialmente em redes sociais. Acompanhando perfis em redes sociais dos outros Abrigos, percebi a recorrência da situação para todos. As mídias digitais e sites institucionais têm sido peça chave nas doações e na transparência do que tem sido recebido em doações e do que tem sido feito quanto às medidas de combate e prevenção nesse momento de covid-19.

Um ponto comum que todas as instituições têm, e foi possível observar tanto em plataformas digitais, como nas entrevistas que realizei com os responsáveis pelas instituições, é de que em todos os locais, em proteção aos idosos, as visitas estão suspensas. O contato com os idosos agora passa a ser online, por mensagens

de texto, ligação ou videochamada. E por se tratar de um local lotado de pessoas do grupo de risco, os cuidados nos asilos estão redobrados.

A solidariedade mesmo diante de uma pandemia

A primeira mobilização solidária que eu observei em redes sociais, por coincidência, foi diretamente para um Lar de Velhinhos e partiu de um amigo com quem eu já não tinha contato há algum tempo. Na época ainda estávamos no início do isolamento e eu sequer havia decidido abraçar essa pauta. Quando resolvi seguir com o tema, pensei que esse deveria ser um dos questionamentos: o que nos leva a pensar no outro mesmo quando estamos tão preocupados com nós mesmos. E aqui surgem esses personagens: as pessoas que, mesmo diante do caos escolheram ser solidárias e lembrar de ajudar o outro. Pois, apesar do momento difícil que vivemos, é importante falarmos também sobre as coisas boas.

O amigo que mencionei acima, Pedro Galvão, foi a primeira pessoa que procurei. Ele me contou que, apesar de não ter chefiado a doação, ela foi



**Dinalva Oliges e sua
aluna de pintura, Sa-
rah Vicente de Lima.
Foto: Arquivo Pessoal**

feita em conjunto com mais dois colegas do curso de Publicidade e organizada por um amigo dele, chamado Arthur. Segundo ele, não houve motivo exato, apenas tomaram conhecimento de que os idosos estavam sofrendo com a falta de doações e resolveram se mobilizar.

Nós divulgamos isso no Instagram, mas infelizmente pouquíssimas pessoas ajudaram. Na divulgação fomos eu, ele e mais um amigo. No total, acho que foram doze pessoas que ajudaram, ou algo assim. No fim

das contas, nós juntamos o dinheiro total e ele (o Arthur) foi ao mercado e comprou várias coisas como cestas básicas, itens de higiene, etc... E levou tudo lá para o local.

A segunda pessoa que encontrei foi a artista Dinalva Oliges, quando eu já havia começado meu processo de busca e acompanhamento do tema em redes sociais. A forma que Dinalva se prontificou a doar foi um pouco diferente e muito inspiradora, o que me chamou atenção. Ela, como artista plástica, colocou “à venda” vários

dos seus quadros nesse momento de isolamento, porém, ao invés de as pessoas pagarem com um valor em dinheiro, fazem o pagamento com produtos como fraldas ou cestas básicas que ela, então, doa ao Lar dos Velhinhos Maria Madalena.

Neste momento tenho buscado inspiração para voltar a desenvolver meu trabalho voltado para a solidariedade em maior proporção, não para alimentar o ego ou elevar meu nome como artista, mas para expressar minha gratidão pelo dom que Deus me deu. Acredito que posso usar minhas habilidades como artista para servir às pessoas e isso não tem preço.

Dinalva contou que passou anos desmotivada como artista e reencontrou sua motivação na arte ajudando o próximo. Ela deu aulas de pintura gratuitamente em instituições e casas de apoio e para jovens carentes e conta que sempre se surpreende com a descoberta de grandes talentos. Também relata que já fez esse trabalho com mulheres em tratamento de câncer e tenta levar leveza às pessoas através da arte. Entrevistei Dinalva à distância, mas ao ler o seu relato consegui sentir o peso de

tudo o que foi dito por ela. Pensei muito sobre a falta que a palavra “leveza” nos faz agora.

A última pessoa com quem conversei foi uma professora chamada Viviane Ximenes. Ela também arrecadou doações para o Lar dos Velhinhos Maria Madalena. Inquieta com a situação da pandemia, ela contou que ficou sabendo através da televisão sobre a defasagem nas doações e resolveu se mobilizar por conta própria para ajudar.

Resolvi ir para o computador, elaborei cartazes sobre o assunto, cole nas portarias do prédio pedindo doações para os condôminos do prédio e aí eles ficaram de me interfonar ou deixar na caixa que eu depositei na guarita do prédio. A adesão foi boa. Eu esperava mais, mas ainda assim foi boa. As pessoas até hoje perguntam se eu ainda estou fazendo e eu digo que podem me entregar que eu posso levar até lá de novo.

Viviane também enfatizou um ponto importante: de que muitas pessoas não ajudaram, mesmo querendo, por medo. Medo de perderem seus empregos, medo de precisarem também no dia de amanhã, medo do

que pode acontecer com a economia do país. *“Como é que eu tiro um pacote de arroz para doar se amanhã eu posso acabar ficando sem ter pra comer?”*, ela questiona.

Dados divulgados pela Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia no dia 9 de junho deste ano informam que 960,2 mil pedidos de seguro-desemprego foram registrados no mês de maio. O dado representa um número 53% maior se comparado ao mesmo mês do ano passado.

Além disso, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), atualmente também pertencente ao Ministério da Economia, divulgou dados no final de maio que mostram que a economia brasileira fechou cerca de 1,1 milhão de postos de emprego entre os meses de março e abril. O número certamente refletiu na crise causada pela pandemia do novo coronavírus, e ilustra o outro lado da preocupação que tira o sono de muita gente.

Quando Viviane trouxe à tona esse ponto na entrevista, levantou uma reflexão acerca de quantas pessoas, inclusive idosos, não só não podem doar, como também precisam se ar-

riscar e ir trabalhar em nome da incerteza pelo amanhã, do medo do desemprego.

Quando as paredes nos separam, o que pode nos unir?

No dia 29 de maio, minha avó, Neuza, me convidou para ir visitar o meu avô no Lar de Velhinhos onde ele mora. Ela me contou que as visitas estavam ocorrendo através do portão, por uma distância grande, mas a gerência do abrigo havia informado a ela que essa era uma forma de os idosos, que estavam um pouco mais conscientes, se sentirem menos abandonados diante do isolamento.

No mesmo dia, recebi a notícia de que minha outra avó, agora por parte de mãe, havia recebido o diagnóstico positivo para a covid-19, mesmo em isolamento. E aqui chega ao ponto em que os questionamentos triplicam e a ficha cai mais profundamente. É assustador percebermos que algo chegou até a gente. A sensação de medo e incerteza. Mesmo com o estado psicológico dos mais abalados ao longo desses últimos meses, resolvi ir até o Lar dos Velhinhos visitar o meu avô. Tomei essa decisão porque tem outra sensação que me apavora:



Luiz Gonzaga, residente do Lar dos Velhinhos Maria Madalena. Foto tirada através das grades do portão do LDVMM, no dia 29 de maio de 2020.

Foto: Thayssa Vidal

a de não saber quando poderá ser a última oportunidade de estar na presença física e ouvir a voz de alguém.

Fui até ao local no meu próprio carro. Lá, no Lar dos Velhinhos Maria Madalena, as visitas estavam sendo feitas da seguinte forma: os idosos, acompanhados por um cuidador, ficavam sentados em um banco, e nós em outro, de frente para eles, que ficava a aproximadamente três ou quatro metros de distância. Tanto nós quanto os idosos, sempre de máscaras. E reparei que os funcionários do abrigo, além das máscaras, estavam

usando luvas também.

Deixando de lado o papel de jornalista para me tornar fonte e falar como familiar, posso dizer que a sensação de deixar um familiar seu isolado de todos em um local e ter que vê-lo através de uma grade em um momento como o que estamos vivendo é angustiante. Foi difícil conter o choro até a hora de voltar para casa, mas nós, enquanto família, sabemos que é o melhor que podemos fazer por ele agora e que ele está seguro. Foi isso que me deu algum tipo de conforto naquele momento. Sei que ele

sabe disso também.

Meu avô se chama Luiz Gonzaga, e tem 71 anos. Ele é residente do LD-VMM há cerca de seis meses. Sobre a situação da covid-19, ele ressaltou que o grande problema não é só a interrupção das visitas dos familiares. Mas que muitas atividades também foram interrompidas, como voluntariado, fonoaudiologia e fisioterapia, por exemplo. No caso dele, a fisioterapia foi o que mais fez falta, porque ele estava começando a recuperar o movimento dos dedos das mãos com os exercícios e tinha esperança de que isso pudesse ajudá-lo a voltar a conseguir comer por conta própria.

Depois de ouvir o relato dele, procurei a psicóloga Alessandra Prieto para falar sobre o assunto e saber se, ao final da pandemia, isso poderia ser retomado de alguma forma. Alessandra ressaltou que o melhor a se fazer agora é manter os exercícios de mobilidade, auto-alongamentos e alguns momentos de caminhada ao ar livre, além de, pelo menos, 15 a 20 minutos de sol por dia. Além disso, ao término do isolamento social, mesmo com a interrupção do tratamento, é possível compensar o que foi perdido nesse período, já que nosso sistema

nervoso tem alta capacidade de se adaptar, inclusive nas pessoas idosas. Meu avô também contou que todos os idosos dentro do abrigo foram testados. E que eles podiam mandar fazer máscaras com os desenhos que quisessem. “Mande fazer a minha do vasco. Já estão tirando sarro (risos). Mas eu nem ligo. Fica pronta hoje.” contou. Ele diz que a falta das atividades está tornando tudo pior e que agradeceu muito a Deus quando soube das visitas através do portão.

“Na verdade, a gente já vive sempre meio isolado aqui. Com pandemia então...”

A psicóloga Juliana Barcelos, que dentre seus pacientes, também atende idosos, e tem feito atendimentos remotos nesse momento de pandemia, contou que tem percebido o quanto a solidão e a incerteza acerca de quando isso tudo vai acabar deixa as pessoas mais angustiadas. Para ela, a melhor maneira de lidar com isso é realmente se fazer presente com todas as outras alternativas que temos à nossa disposição.

É muito importante essa comunicação à distância, as videochamadas, as ligações por voz mesmo... Os ido-

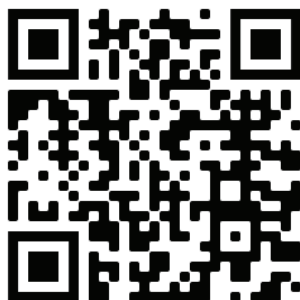
sos, principalmente, muitas vezes não têm o mesmo costume ou sequer o mesmo conhecimento tecnológico que nós temos em relação a mensagens de texto. Então é importante que a gente se faça presente. A gente precisa falar. Ouvir a voz da outra pessoa. Mostrar que a gente está aqui. [...] Nesse caso de idosos em asilos, houve um afastamento da família no sentido de visitas, essas visitas são muito importantes, algo que eles esperam muito. Para eles, isso é muito ruim. [...] Precisamos encontrar formas de ouvi-los (os idosos). Às vezes nós só queremos falar e não estamos dispostos a ouvir o que eles têm a dizer. Precisamos ser mais pacientes, fazer menos críticas, ouvir mais. Realmente ter paciência para estar presente de uma maneira mais leve e tranquilizar aquelas pessoas.

Fiquei pensando há quanto tempo eu não parava para, de fato, ouvir meu avô. Ou como as correrias da vida nos levam a achar que nossos problemas sempre são desculpas para não dar atenção a alguém que amamos e que as pessoas deveriam entender isso. Se é para terminarmos essa pandemia diferentes do que sempre fomos, espero que isso signifique valorizar

mais as vivências, as companhias, o contato. Dar mais valor aos momentos. Ouvir a voz de quem sentimos saudade.

Porque nossa memória é curta e para muitos de nós, ainda que demore, uma hora a vida vai sim voltar ao normal, ou pelo menos muito perto disso. Não vamos permanecer isolados, não vamos permanecer com esse pavor de que não haja amanhã. Não como eles. Porque, de certa forma, dispomos de algo que para os idosos já não é mais tão certo: tempo. Talvez por isso, esse momento, seja tão mais difícil para eles. E para nós, resta buscar tranquilizar e fazer a diferença no presente dessas pessoas como nos cabe, enquanto ainda é tempo.

**Acesse também o
conteúdo audiovisual:**





Thayssa Vidal, estudante de Jornalismo no UniCEUB. Estagiou em blogs jornalísticos, na Rádio Transamérica de Brasília e, durante a produção deste capítulo, estava estagiando na assessoria de comunicação da PGFN, no Ministério da Economia. É apaixonada pela escrita desde a infância, e foi este hobbie que a fez escolher o Jornalismo, que hoje a permite descobrir em si mesma tudo aquilo que teve receio de explorar e externalizar ao longo da vida.

Vivência 3

*Por onde vaga
a alma de Brasília?
Procurando uma vaga
para estacionar a alma*

Nicolas Behr, Brasília - poemas escolhidos 1977-2017

BRASÍLIA, O EL DORADO E UMA TERRA DE DESASTRES

Por Julianne Belo

Juscelino Kubitschek provavelmente ficaria incrédulo em saber que os sessenta anos de Brasília seriam completados sem sequer uma comemoração na sonhada Esplanada dos Ministérios e em meio ao caos em que estamos inseridos. Capital escolhida e planejada a partir da Lei nº 1.803 de 5 de janeiro de 1953, Brasília foi pensada para servir 500 mil habitantes no ano 2000, mas, contrariando expectativas, naquela data a capital já era uma cidade de mais de duas milhões de pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os questionamentos que me aparecem nesse momento estão relacionados à saúde. Será que Brasília foi preparada para doenças que assolam toda uma cidade? Será que foi preparada para os grandes períodos de seca e chuva? Ou melhor, será

que nós, brasilienses, fomos ensinados e buscamos formas de preservar essa cidade que agora chega aos seus 60 anos enfrentando problemas de outras muito mais antigas?

Hoje a população do Distrito Federal, um quadrilátero de 14.400 km², já ultrapassa os três milhões e compreende brasilienses e pessoas vindas de todos os lugares do Brasil, tornando nossa cidade ainda mais interessante e diversa.

Ao fazer essa pesquisa e me aprofundar sobre a história de Brasília é impossível não pensar que é um privilégio viver num momento histórico onde a capital ainda congrega pessoas de todas as suas gerações coexistindo, desde os candangos que viram aqui o El Dorado e a chance de uma nova história. Mais que ajudar a colocar os tijolinhos de Brasília, eles construíram

Símbolo de Brasília, o Congresso Nacional ontem e hoje
Foto: Ana Luísa França - 27/10/2019



aqui suas famílias.

Às vezes nossas fontes para uma reportagem como essa estão mais próximas do que imaginamos. Uma delas é a mãe de uma amiga de longa data, quem, com a mesma idade de Brasília, têm sua história entrelaçada com a cidade - Elizete Maria do Nascimento - de quem eu conto a história ainda neste capítulo. Próximas também como os meus avós - vindos do Piauí cheios de esperança em 1970. Em conversa com eles percebo a história da minha família atrelada à da cidade e hoje posso presenciar meu avô, emocionado, por ver uma de suas netas estudando exa-

tamente naquele prédio de faculdade que ele ajudou a construir.

De repente um vírus se tornou maior que todos...

O início de 2020 foi marcado pela expectativa da comemoração dos 60 anos de Brasília, a jovem cidade estava prestes a se tornar uma senhora. Nas ruas já era possível ver alguns outdoors que lembravam da data, assim como nos telejornais locais e em intervalos das grades de programação. De repente um vírus ainda pouco conhecido - mas já temido - muda todos os planos não só da ci-

dade, mas de cada morador dela. Assim como o resto do mundo, Brasília se viu em frente a um cenário que nem os especialistas mais renomados sabiam dizer o melhor caminho a proceder.

Os planos dessa reportagem foram totalmente alterados. Como não ficar atônitos em uma situação como essa? Já não podíamos simplesmente focar nas mudanças estruturais e territoriais de Brasília. Ainda que desafiador, era preciso relatar, como alunos de Jornalismo, a forma como a cidade mudava diante dos nossos olhos.

O primeiro caso da doença denominada covid-19, causada pelo SARS-CoV-2 - popularmente conhecido como o novo coronavírus - aqui no Brasil foi notificado pelo Ministério da Saúde (MS), em 26 de fevereiro de 2020. Entretanto, o noticiário não era totalmente exclusivo à nova doença, o vírus que até pouco tempo era restrito à China se aproximava. Ainda assim, os primeiros casos em São Paulo pareciam estar fora do alcance da maioria das pessoas e apesar de ser possível perceber um receio do futuro, as ruas ainda estavam cheias e as rotinas seguiam de

maneira normal.

Em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou como pandemia a nova doença, ou seja, um grande número de pessoas espalhadas por todo o mundo estavam infectadas simultaneamente. Antes, um conceito apenas citado em escolas nas aulas de Biologia, agora era realidade. Ou seja, uma doença que se espalha pelos seis continentes do mundo.

Foi nessa mesma quarta-feira de março que a minha ficha e de pessoas ao meu redor parecia começar a cair. Ficar longe um do outro era nossa única e melhor vacina no momento. O governador de Brasília - Ibaneis Rocha - decretou naquela mesma noite a suspensão de aulas em escolas e universidades e a atitude, que foi vista como precipitada e exagerada naquele momento, acabou sendo adotada aos poucos por todos os estados brasileiros ao longo dos dias que se seguiram.

Assim, a vida precisou parar. Mas não para todos. E são em momentos como esse que as desigualdades sociais se mostram de forma ainda mais clara para nós. Com uma dife-

rença de 30 quilômetros, a cidade muda completamente. Enquanto o Lago Sul registrava os primeiros casos de covid-19 em pessoas que chegaram de suas viagens ao exterior, seus moradores começavam a se preparar para se recolher, mas somente depois de comprarem álcool em gel e máscara.

No lado oposto da capital, era o desespero quem batia à porta dos moradores de Ceilândia, por exemplo. Era possível perceber o medo das pessoas por não conseguir levar comida para casa. A estabilidade não alcança a todos e o medo do novo vírus era apenas mais um entre tantos e a quarentena escancarou toda essa realidade.

E talvez essa não seja a única preocupação de Brasília...

Se pandemia é o nome dado à doença de alcance simultâneo mundial, epidemia é aquela que se limita a uma região ou país. Este último é um problema de saúde pública que o Brasil enfrenta desde meados de 2019, mais especificamente em Brasília, ou seja, mais preocupações se somavam aos mais de três milhões de habitantes do DF.

Desde 2018, a Defesa Civil do DF faz uso de mensagens via SMS para comunicar aos cidadãos sobre previsão de desastres naturais e como devemos nos comportar perante eles. Recurso já muito utilizado, em março deste ano, ganhou mais uma função: disseminar informações sobre o coronavírus e suas consequências. Praticamente todos os dias uma notificação chegava aos brasilienses, às vezes até mais de uma por dia. E apesar de toda preocupação em revelar e conscientizar sobre essa nova ameaça, em 27 de março, o texto chegou com mais uma informação que parecia ter sido esquecida por muitos de nós: a dengue.

Há anos o Brasil é um dos países que mais registra casos de dengue, estando nas regiões Sudeste e Centro-Oeste a maior parte dos registros, como informou o Ministério da Saúde no fim de 2019. As notificações de novas pessoas infectadas pelo mosquito *Aedes aegypti* continuam a explodir neste primeiro semestre de 2020. Em três de junho, nossa capital já registrava mais de 12 mil casos da doença e 191 vítimas fatais.

Para essa reportagem, a intenção e busca constante foi para encontrar

algum especialista que estivesse em contato com a saúde pública para compreender e ouvir uma opinião profissional. Como um sistema público de saúde não entra em colapso lidando ao mesmo tempo com uma epidemia e uma pandemia? Entretanto, pelo que estamos vivendo, esse sem dúvidas, é um dos momentos mais tensos e intensos para os profissionais da área.

Essa voz especialista não apareceu. Ainda assim, em nota, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal alegou que ações de combate à dengue estavam sendo realizadas. A Secretaria informou que faz o controle para a procura por hospitais e por meio da sanitização de ambientes nas regiões administrativas. A sanitização é realizada por agentes públicos com equipamentos e produtos como hipoclorito de sódio, princípio ativo da água sanitária, que pode ainda ajudar na eliminação do novo coronavírus.

Apesar de a cada dia os veículos noticiarem mais e mais casos de pessoas em busca de ajuda médica, a Secretaria afirmou que o número de leitos de UTI foi gradativamente ampliado, sendo que, na terceira semana de maio, 36% dos 252 leitos disponíveis

para tratamento intensivo estavam ocupados, 1% além da meta estipulada pelo governo para o período.

E como se todo esse cenário ainda não nos fosse suficiente para provar que estávamos participando de um filme de ficção científica, por dias, as notificações da Defesa Civil surgiam nos celulares com avisos diferentes. Mensagens de SMS que mostravam que a natureza também estava respondendo à consulta humana.


Anualmente surpresas naturais se fazem presente em nossa Brasília e nos obriga a repensar as próprias ações seja naquele dia em que uma tesourinha alaga ou quando animais são mortos pela queimada da floresta. No dia seguinte, no entanto, aquilo já não está mais em pauta.

Enquanto muitos eram vítimas seja da dengue, seja da covid-19, quase que invisivelmente a água também afogava sonhos de uma vida inteira. Cidades que não foram planejadas no entorno do Eixo sofriam com a falta de saneamento - como a própria palavra já explica - básico. Todos os anos, o asfalto de Vicente Pires se esvai, sendo arrastado pelas enxurradas causadas pelas chuvas e pro-

piciadas pela falta de bocas de lobo. Realidade que não se limita apenas a essa região. No Sol Nascente, por exemplo, crateras se abrem com frequência em períodos de chuva e no centro da capital relatos de árvores que caem e vias que alagam foram comuns no ano de 2019.

Mesmo diante de um cenário já preocupante, no início deste ano, o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) registrou apenas, nos primeiros cinco dias de janeiro, 91,7mm de água, enquanto durante todo o primeiro mês de 2019 a marcação foi de 74mm. E as mudanças climáticas não se findam. Ainda segundo o instituto, os primeiros meses do ano tiveram altos índices de chuva, além disso temperaturas mínimas também se distanciam das assinaladas em anos anteriores.

E se as águas agora se somam às nossas preocupações de brasilienses, a falta dela já é característica de longos meses na cidade e causa transtornos na mesma proporção. É quase impossível conhecer algum morador que não tenha sentido os efeitos da seca do cerrado. Desde abril, o Governo do Distrito Federal (GDF) decretou o status de emergência ambiental, jus-



**Aumento de 1.542%
nos casos de
Coronavírus em
Ceilândia entre
março e junho de
2020.**

Fonte: Secretaria de Saúde do
Distrito Federal

**Treze alertas da
Defesa Civil sobre as
alterações
climáticas entre 19
de março e 29 de
maio de 2020**

Fonte: Subsecretaria de Proteção e
Defesa Civil do Distrito Federal

Infográfico: Julianne Belo

PERIGOS DE BRASÍLIA



**Aumento de
76,76% no casos
de dengue em
relação a janeiro
e a abril de 2019**

Fonte: Secretaria de Saúde do
Distrito Federal

tamente para facilitar o trabalho no combate a incêndios, principalmente no período em que a seca costuma ser mais intensa. Dados do Corpo de Bombeiros mostram que apenas entre janeiro e agosto de 2019 uma área equivalente a cinco mil campos de futebol foi consumida pelo fogo, levando assim espécies de fauna e flora e nos fazendo enxergar nossos próprios atos em relação à natureza. Até 29 de maio, do total de alertas por SMS emitidos pela Defesa Civil, 45% deles se refere aos cuidados com o coronavírus, 22% com a dengue, 30% em relação às chuvas intensas e 2% com seca e incêndio.

A Brasília que está em cada um de nós...

Brasília é daquelas poucas cidades que ainda nela coexistem habitantes com a mesma idade ou até mais velhos que a própria cidade. Pessoas que têm as vidas entrelaçadas com a própria cidade, como os candangos, aqueles que vieram construí-la e que são dignamente representados pela escultura do artista Bruno Giorgi ali na Praça dos Poderes.

Uma dessas histórias que se cruzam com a da cidade é a da autônoma

Elizete Maria do Nascimento que, assim como Brasília completou seus 60 anos em 2020. Vendo as filhas construírem suas próprias histórias, ela colhe hoje os frutos de uma vida vivida na capital. Do interior do Rio Grande do Norte, se deparou com uma Brasília diferente daquela que ouvia falar em janeiro de 1979.

A ideia de uma vida melhor e de garantia de estudo e trabalho na nova cidade não foi o que ela encontrou. Brasília já parecia uma cidade grande aos olhos da moça de 19 anos que presenciou a violência de um jeito que ainda não havia visto. Mesmo sem o sonhado emprego público, Elizete conta que todos os cursos e concursos a ajudaram a se adaptar e conseguir o primeiro emprego na área de cadastros de uma rede de supermercados.

Moradora da Ceilândia, cidade satélite que ocupava em 19 de maio de 2020 o segundo lugar tanto nos casos de Covid-19 quanto nos casos de dengue, ela e a família utilizam do direito à saúde pública - assim como milhares de brasilienses. A saúde pública está presente desde os momentos de mais alegria, como o nascimento da caçula há 19 anos, quan-



Elizete e as muitas lembranças das primeiras fotos feitas por pontos turísticos de Brasília, como o Santuário Dom Bosco

Foto: Arquivo pessoal Elizete Maria do Nascimento - 16/05/2020

to em circunstâncias difíceis como o tratamento de Alzheimer do marido.

Desde agosto de 2016, quanto ele recebeu o diagnóstico foram vários os desafios, desde a busca por consultas, procura por hospitais vagos para internação. Toda essa angústia só se findou três anos depois, em novembro de 2019, quando o marido se despediu também dentro de um hos-

pital público.

Hoje, há 41 anos na cidade, Elizete faz um balanço da saúde que encontrou quando desembarcou aqui e da que temos hoje. Reflexiva, ela lembra que talvez pela menor demanda, o sistema costumava ser mais ágil, era mais fácil marcar uma consulta, por exemplo.

Situação completamente oposta a que encontra nos dias atuais, uma vez que menciona ter já passado de seis a oito horas esperando pelo serviço público de saúde que apesar de contar com excelentes médicos - como ela faz questão de declarar -, possui uma burocracia enorme.

Mesmo diante de todos esses cenários e agora se vendo presa em casa e presenciando uma pandemia, ela se mostra esperançosa. Apesar de preocupada com o momento, pois o sistema de saúde corre risco de entrar em colapso, é orgulhosa por poder dividir com Brasília a mesma idade. Elizete é daqueles moradores apaixonados pela cidade que escolheu viver, e um exemplo de fé e esperança em meio a todo caos.

**Acesse também o
conteúdo audiovisual:**





Julianne Belo, 20 anos, estudante do 5º semestre de Jornalismo do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Acredita no Jornalismo como um importante agente de transformação social e é encantada pelo poder das palavras e informação. Nasceu e cresceu em uma cidade que tem orgulho de estudar e conhecer cada dia mais. Atualmente estagia na comunicação interna do Superior Tribunal de Justiça - STJ.

Vivência 4

*O tal que inventou o trabalho
Só pode ter uma cabeça oca
Pra conceber tal ideias
Que coisa louca
O trabalho dá trabalho demais
E sem ele não se pode viver
Mas há tanta gente no mundo
Que trabalha sem nada obter
Somente pra comer*

Batatinha, trecho da música “Inventor do Trabalho”, 1969

EMPREGO – MUDANÇA PARA TODO LADO, NÃO ESCAPA UM

Por Gabriela Arruda e Sara Meneses

O cenário empregatício mundial, em meio à pandemia do coronavírus, é caracterizado como um período de aflições, incertezas e preocupações. Na maioria dos setores, dentro do mercado de trabalho, o ano de 2020 se tornou uma roleta-russa, na qual os trabalhadores esperam, por meio da sorte, não serem demitidos ou não terem seus salários cortados. De acordo com a pesquisa Ibre FGV, as demissões, os cortes de jornada e as suspensões de contrato afetam 53,5%¹ das famílias brasileiras.

Fiquei com medo. As agências de comunicação trabalham com um sistema de rotatividade muito grande, mesmo fora de uma pandemia. [...] Logo quando começou o isolamento,

a agência já desligou todos os estagiários, por corte de gastos.

Matheus Dantas, 24 anos, assessor de imprensa de uma agência de comunicação social

No outro lado da moeda, há os funcionários que garantem seus empregos por meio do teletrabalho. O *home office* ganhou força durante a pandemia e, em razão disso, 73,8%² das empresas pretendem adotar o sistema posteriormente. As diferentes realidades demonstram que os efeitos do coronavírus, no ramo trabalhista, foram muito além de uma classe ou uma minoria, ou seja, as mudanças afetaram a todos e não escapou ninguém.

1. Dados retirados do portal Folha de S.Paulo na data de 19 de maio.

2. Segundo a pesquisa realizada pela Cushman & Wakefield - dados acessados pelo portal Mundo Conectado na data de 04 de junho.

Como funcionário público há mais de 30 anos, não me preocupei muito em relação à mudança brusca no trabalho [...] No entanto, quando a coisa começou a ficar “feia”, ou seja, quando Brasília começou a ter casos de covid-19, fomos instruídos pela chefia a nos organizarmos em um rodízio.

Pedro Brito , 57 anos, Servidor Público

As desigualdades, os privilégios e as diferenças socioeconômicas são mais abrangentes e se tornaram mais visíveis nesse período de crise sanitária mundial. E, dentro do mercado de trabalho, essas disparidades também são percebidas. Enquanto vemos profissionais assegurados em seus empregos, há um leque grande de pessoas que não possuem a mesma garantia.

São 12,9 milhões³ de brasileiros desempregados, 177 mil⁴ pessoas em

situação de inatividade e 804 mil⁵ cidadãos que recorreram ao seguro desemprego até a data de 1º de maio - dia do trabalhador. Além dos mais de 100 milhões de brasileiros que se cadastraram para receber o auxílio emergencial, até a data de 25 de maio.

Os sentimentos são os mais variados, que vão desde o medo, o anseio e até a esperança. As diversas profissões e atividades, dentro dos setores trabalhistas, tiveram que se adaptar e passar por pelo menos alguma mudança. Há profissionais que sofreram maiores impactos e outros que estão mais confortáveis com as modificações. Os trabalhadores que estão nas ruas compartilham, em grande maioria, uma aflição em comum - o medo da contaminação.

O meu maior receio é sair de casa, mesmo porque eu saio todos os dias. Eu tenho medo de contrair e trazer a doença para dentro da minha re-

3. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua) - 30 de abril de 2020.

4. De acordo com os dados da PNAD, o índice de desemprego só contabiliza como desempregados aqueles que estão ativamente uma busca de uma vaga, os outros 177 mil entram como inativos.

5. Segundo os dados do Ministério da Economia, divulgados no dia 28 de abril.

sidência, colocando as pessoas que eu convivo em risco. A minha preocupação não é nem em contrair a covid, mas passar para as pessoas. Eu acredito que esse seja, também, o medo do pessoal que tem que sair para trabalhar e, por mais que a gente siga todas as formas de prevenção, é sempre um risco. [...] Então, a gente fica a maior parte do tempo pensando “será que eu tô contaminada? será que eu peguei?”

Thaís Helena de Oliveira do Nascimento, 21 anos, comandante da cozinha de uma hamburgueria

O risco de contaminação por coronavírus, no país, varia de acordo com o cargo profissional e a localização geográfica. Segundo uma pesquisa feita pela Coppe/UFRJ⁶, os profissionais do comércio, como varejistas e operadores de caixas, têm um risco de 53%, em média, de serem infectados. Vale lembrar que o Brasil, até a data de 27 de maio, se tornou o novo epicentro da pandemia, no qual é o país com o maior número de mortes diárias em decorrência da covid-19.

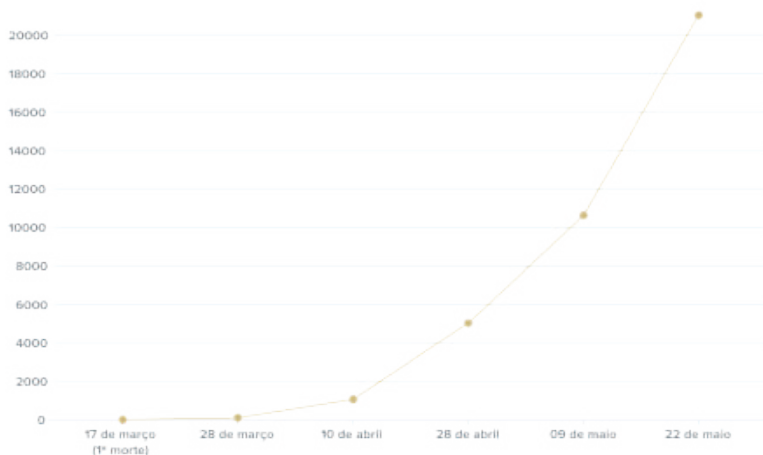


Thaís Helena do Nascimento, 21 anos, informa que, mesmo com a garantia de emprego - por comunicado de seus chefes - durante a pandemia, o sentimento de trabalhar no meio dessa situação é de preocupação.

Foto: Thaís Nascimento

6. Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - dados retirados do portal Valor Investe na data de 8 de abril.

Morte por coronavírus no Brasil



Legenda: Fonte: Ministério da Saúde e portal Bem Estar - Globo
Infográfico: Sara Meneses

Entre as diversas medidas para conter a doença, os profissionais da “linha de frente” são os mais vulneráveis às consequências da pandemia. A criação da plataforma “O Brasil Conta Comigo” - iniciativa para prevenir a falta de profissionais no sistema de saúde - registra quase um milhão de trabalhadores da área cadastrados para o combate ao novo corona.

Temos que lidar com nossos medos, incertezas e ainda ter emocional para dar apoio para toda equipe,

sem transmitir nossas inseguranças. Ao mesmo tempo, sabemos da nossa responsabilidade e importância de permanecermos firmes, sem podermos desistir, com uma missão de amor ao próximo [...] Nós profissionais da área de saúde somos visto como uma ameaça, todos olham com a certeza de que estamos contaminados. Nunca imaginei um dia viver essa situação, mas entendo o comportamento de pânico das pessoas.

Flávia Guimarães Arantes, 41 anos,

enfermeira, supervisora da UTIA

Os trabalhadores que estão nas ruas são prestadores de serviços essenciais, como médicos e policiais, ou os que tiveram um crescimento em demanda, como os entregadores de deliverys. No entanto, há outros lados do mercado de trabalho, como as pessoas que conseguiram adaptar o serviço para o home office ou as empresas que tiveram que fechar as portas e dispensar seus funcionários.

O Governo Federal planeja permitir a demissão de até 50%⁷ dos funcionários nas empresas que aderirem o programa de financiamento de salários⁸. Até então, as regras proíbem as empresas participantes de realizar qualquer dispensas sem justa causa, durante o programa. Apesar de muitos trabalhadores temerem as demissões, há outros pontos que afetam também a vida dos empregados, como a renda salarial de trabalhadores autônomos, micro ou pequenos empresários. Nas redes sociais, os usuários se mobilizaram e hashtags foram criadas, como a “compredo-

pequeno” - que estimula os consumidores a buscarem microempresas locais para incentivar a economia ou a recriarem seus próprios negócios.

Estávamos no meio da pandemia quando decidi me desligar do salão e me dedicar apenas ao meu negócio. Foi difícil, uma vez que não estamos tendo nenhum tipo de evento ou festa para a ‘mulherada’ se maquiar, mas eu não me desesperei e corri atrás de alternativas. Uma delas foi fazer meu primeiro curso on-line de automaquagem natural, orgânica e vegana [...] Porém, em relação ao dinheiro, confesso que fiquei com um pouco de medo no início, medo de não conseguir pagar minhas contas.

Larissa Pontes, 24 anos, maquiadora e empresária

O medo dos trabalhadores não é em vão ou sem nexos. Os anseios estão apontados em diferentes dados e pesquisas. As tendências estimam que a taxa de desemprego será maior que 14% até o fim de 2020, o que significa um aumento considerá-

7. Dados publicados pelo portal Folha de São Paulo na data de 01 de junho.

8. O programa financia a folha de pagamento de pequenas e médias empresas por dois meses em razão da crise provocada pelo novo coronavírus (covid-19).



Larissa Pontes, 24 anos, para poder contornar as dificuldades do isolamento social, criou o seu primeiro curso online de automaquiagem natural, orgânica e vegana. Assim, conseguiu dar continuidade ao trabalho e também pagar as suas conta
Foto: Larissa Pontes

vel em comparação com 2019, cuja taxa ficou em 11,9%.

Eu tinha acabado de conseguir o emprego quando começou a quarentena. A minha família ficou preocupada, porque percebemos que isso não era brincadeira. Em seguida, eles me pediram pra eu sair do trabalho e não pôr meus familiares em perigo, principalmente os do grupo de risco.

Álefe Felipe Mamedio de Souza, 20 anos, trabalhava como repositor

As dificuldades não são individuais e não são casos isolados, que ocorrem exclusivamente no Brasil. O mundo inteiro passa por um momento delicado na economia com uma recessão planetária, que será pior que a crise financeira de 1929⁹. De acordo com dados do Fundo Monetário Internacional (FMI)¹⁰, o Produto Inter-

9. Segundo o relatório divulgado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), em 14 de abril.

10. Dados do dia 14 de abril.

no Bruto (PIB) mundial sofrerá um tombo de 3%, mostrando que a crise não é apenas brasileira.

Outro ponto a ser citado é em relação às profissões afetadas pelo novo coronavírus. A questão que podemos ver é que, em época de pandemia, não existe escapatória para mudanças e adequações nos mais diversos âmbitos profissionais do Brasil. Mas, o que também é observável nesse cenário, é a questão da realidade de adaptação para pessoas que possuem melhores condições financeiras e pessoas que precisam sair de casa todos os dias, para garantir o alimento ou por ser um serviço fundamental.

É muito estressante sair todos os dias para trabalhar. Precisamos ter excessos de cuidados para não levar a doença pro trabalho, não trazê-la para casa e, também, não se contaminar. É uma rotina de troca de jaleco, troca de máscara [a cada duas horas], passar álcool em gel nas mãos e borrifar álcool o tempo inteiro no teclado, na mesa e em todos os objetos que são compartilhados com outras pessoas - eu, no caso, divido materiais com mais seis pessoas. Posso dizer que é muito tenso, prin-

cipalmente quando surgem pessoas infectadas pelo vírus e você precisa acompanhar. [...] Apesar de ser muito gratificante trabalhar em prol da sociedade, ao mesmo tempo é uma situação de muita pressão e receio.

Erica Silva da Cruz, 35 anos, assistente social

A expressão “estamos todos no mesmo barco” foi muito lida e levantada nas redes sociais, mas o fato é que existem dois barcos diferentes: o de pessoas que possuem condição de ficar em quarentena dentro de casa e o de pessoas que precisam continuar uma rotina árdua de trabalho, mesmo em meio a uma pandemia. Nesse sentido, outro ponto a ser citado é em relação às regiões do país em que esse segundo “barco” se apresenta e a cor da pele dessas pessoas. Já não é surpresa para ninguém que se tratam de pessoas que moram em regiões periféricas do país e são, em sua grande maioria, negras.

Quando você vê que o número de pessoas pretas mortas por corona é 5x maior no Brasil, eu não consigo ver esse fato como números. Afinal, são pessoas que têm famílias, sonhos, histórias e, tudo isso, é muito

triste. Eu trabalho como designer, no âmbito do jornalismo, e eu acompanho notícias todos os dias e vejo crianças, adultos, adolescentes e idosos negros morrendo o tempo inteiro. As mortes vão além do Corona, as pessoas pretas morrem por muitas coisas, como tiros, agressões e outras doenças. É muito doído e o luto é eterno.

Israel Oliveira Alves, 21 anos, Motion Designer¹¹

As disparidades socioeconômicas são visíveis em vários pontos da história do Brasil e, em época de pandemia, essas divergências se tornam mais acentuadas. De acordo com os dados da Agência Nacional de Saúde Suplementar¹², apenas 24,25% da população brasileira tinha a cobertura de planos de assistência médica. Dito isso, a porcentagem revela que

cerca de 75% dos brasileiros dependem, de forma exclusiva, do Sistema Único de Saúde (SUS).

É triste ver realidades tão díspares em um país que possuía todas as ferramentas para contornar tal crise. O governo até tentou ajudar pessoas com o ‘coronavoucher’, um auxílio de R\$ 600 para trabalhadores informais, autônomos e pessoas sem renda, mas, a realidade é que muitas pessoas necessitadas ainda não olharam para a cara desse dinheiro¹³. Essa realidade árdua e complicada não nasceu do dia para a noite, visto que Brasil é o 7º país mais desigual do mundo¹⁴, segundo um relatório de 2019 feito pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento).

Outra classe que está trabalhando (e muito) são os profissionais da saúde.

11. O Motion Designer é um design de animação que, durante as animações, usa prioritariamente formas geométricas, ícones, textos e ilustrações e, ao invés dos milhares de desenhos, faz marcações em pontos, contornos ou objetos inteiros para a movimentação.

12. Dados divulgados no dia 6 de março.

13. O presidente da Caixa Econômica, Pedro Guimarães, declarou na segunda-feira (25/05) que 19,9 milhões de solicitações do auxílio foram consideradas inelegíveis e, desse total, 25% está passando por uma reanálise.

14. De acordo a pesquisa divulgada pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), em dezembro de 2019.

Esses “heróis” que utilizam um estetoscópio no pescoço estão fazendo a diferença em âmbito mundial, ao arriarem suas vidas em prol da saúde pública. Atualmente, o número de profissionais da saúde infectados pelo covid-19 no mundo já passa dos 90 mil¹⁵, de acordo com o Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN).

Acredito que ficamos mais vulneráveis em situações de desastres e calamidades públicas, mudança de rotina, incertezas do amanhã. Então, acho que o medo e o receio nos deixam mais vulneráveis. O apoio, para lidar com essa situação, vai depender do que se entende como apoio... quanto a recursos, quanto a preparação para atuar em uma pandemia, quanto a saúde e segurança do trabalhador não acredito que recebemos o apoio necessário. Dentro do serviço, estamos criando esses tipos de apoio, entre nós, promovendo espaços de escuta, de atividade física, de relaxamento para os pacientes, respeitando o uso de máscaras, distanciamento e todas as normas. [...] O meu maior medo

é de infectar meus familiares, principalmente quando os que estão seguindo a quarentena são grupo de risco. Voltar para casa é sempre difícil. Fazemos testagem a cada 15 dias e são os únicos dias do mês que voltamos um pouco menos despreocupados.

Bruna Sousa de Almeida, 24 anos,
Terapeuta Ocupacional

Apesar das diversas medidas de prevenção contra a covid-19, que foram tomadas para tentar diminuir a velocidade de contágio, o mundo apresenta - até a data de 26 de maio - cerca de 5,5 milhões¹⁶ de pessoas com o diagnóstico positivo para a doença. No Brasil, até a data citada, o número de casos confirmados, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), foram de 363 mil 211 pessoas.

Eu já lidei com casos de coronavírus de perto, como amigos que perderam os familiares e pacientes. Dá medo, mas ao seguir as medidas corretas de lavagem das mãos, uso

15. De acordo com a declaração do Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN), divulgada no dia 6 de maio.

16. De acordo com o relatório diário da Organização Mundial da Saúde (OMS).

de epi e distanciamento nos traz um pouco mais de segurança. É difícil saber que pessoas próximas estão em risco ou que foram a óbito.

Bruna Almeida, Terapeuta Ocupacional

Todos aqueles profissionais sejam com que estão trabalhando em casa sejam os que continuam a trabalhar nas ruas, precisam lidar com suas saúdes mentais e físicas. É difícil para todos, porque, ao longo do tempo, o número de casos aumenta e, consequentemente, o número de mortes. A volta à normalidade tem se tornando um mito cada vez maior para a população. Até porque as mudanças não param e, todo mês, em diferentes estados do Brasil são feitos reajustes, decretos e normas. E, em junho, estamos vivendo um momento sanfona - ora abre ora fecha, porque a saída do isolamento tem sido precipitada.

Em diversas situações, mesmo com todos os ajustes, o exercício da profissão pode ser prejudicado. E como fica o trabalhador? Além de enfrentar os efeitos da pandemia, há também, em alguns casos, a situação de trabalhar bem mais por resultados

menores.

Na minha escola, eles se organizaram para gravar vídeos aulas, disponibilizar curso de formação e, tudo isso, se "virando nos trinta". Porém, acho que nem com todas essas ações e suporte, por parte da secretaria de educação, foi possível dizer que está sendo suficiente e gratificante. Infelizmente, acredito que nem todos os meus alunos tiveram acesso, porque vemos diversas realidades dentro de cada grupo, desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio. [...] Como professor, eu acho que uma das coisas mais difíceis é estar longe dos meus alunos. Eu não consigo exercer, da forma que gostaria, o papel que escolhi para a minha vida, que é lecionar.

Marcos Rodrigues de Aquino, 33 anos, professor

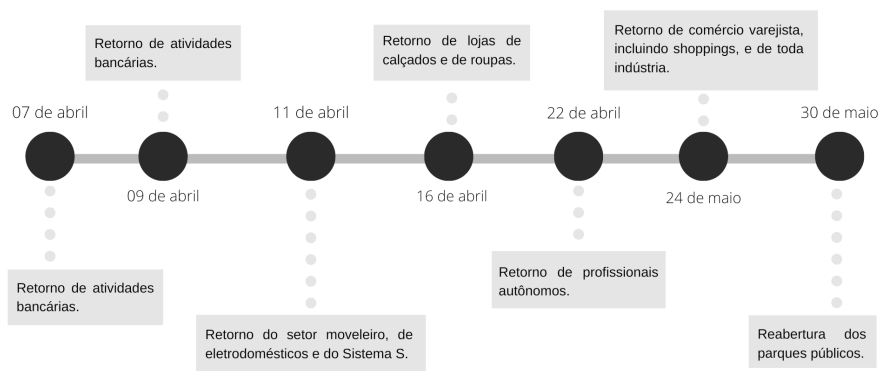
É difícil conciliar tudo e se manter motivado. Durante a coleta dos relatos de vivências, tivemos dificuldade de contato por inúmeras questões, dentre elas os profissionais com agendas cheias por causa do aumento de demanda. Ainda, outro ponto desafiador, foi ter que trabalhar a sensibilidade para entender a reali-

dade de cada profissional. São muitas mudanças e, em todos os setores, houveram alterações.

A primeira área que sofreu modificações foi a do setor de comércio e serviços, a qual é regida, até a data de 27 de maio, por diversas decisões locais, estaduais e federais. Em algumas partes do país, o comércio permanece fechado ou a reabertura está sendo gradativa e outros setores estão funcionando sob diversas normas, que são também determinadas pelas autoridades dos estados, conforme dados analisados até o dia 30 de maio.

No Distrito Federal, que foi a primeira federação a promover uma grande política de afastamento social, o comércio, com exceção das padarias, dos supermercados e das farmácias, foi fechado por meio do DECRETO N° 40.539, de 19 de março de 2020, do governador Ibaneis Rocha. Após outra decisão da autoridade do GDF, na data de 18 de maio, as lojas de roupas, calçados e extintores puderam abrir as portas pela primeira vez. Essa medida trouxe a reabertura do comércio da capital federal e, desta data em diante, outros setores também foram abertos¹⁷.

MEDIDAS DE REABERTURA DO COMÉRCIO NO DISTRITO FEDERAL



FONTE: GDF e portal ABCP - "ESPECIAL ABCP: As ações do Distrito Federal no enfrentamento à pandemia".

Fonte: GDF e portal ABCP
Infográfico: Sara Meneses

Apesar da flexibilização de um lado e das restrições¹⁸ de outro, a população se divide em dois grupos: as pessoas que apoiam a volta do funcionamento do mercado e as pessoas que pedem para manter os serviços não essenciais fechados.

Atualmente, eu tenho turmas que chegam a até 42 alunos e, dessa forma, estamos em uma situação que não é possível ter a volta das aulas presenciais. [...] estamos começando uma nova forma de trabalhar, que é por meio do home office [...] para mim, o home office não é uma solução 100% viável. Eu entendo que, o momento atual, é a hora de usar as tecnologias em prol da educação, mas é algo difícil de ser exercido dentro de casa. [...] eu acredito que a volta para o ambiente de trabalho vai mudar tudo, desde o aperto de mão ao abraço ou, até mesmo, os espaços.

Daiane de Oliveira Coelho, 32 anos, professora

A realidade trazida pela pandemia impõe que enxerguemos essa multidimensionalidade à nossa volta. Afinal, o teletrabalho que serve para uns pode não servir a outros. E, dessa forma, as realidades de adaptação se tornam uma teia de vivências, que podem ser negativas ou positivas a depender de cada cidadão.

Em contrapartida aos que [mesmo com dificuldades] mantiveram seus cargos, temos os que perderam seus postos de trabalho ou foram afastados. Como eles ficam? Sem falar naqueles que estavam em busca de oportunidades de empregos. E eles? Qual futuro está à nossa frente?

Os dados do IBGE apontam que, no primeiro mês de isolamento social, cerca de 8,6 milhões¹⁹ de pessoas deixaram seus empregos de forma

17. No dia 30 de maio, o Governador do DF liberou a reabertura de parques e templos religiosos. No dia 4 de junho, foi liberado shows, espetáculos de teatro e sessões de cinema em estacionamentos ao ar livre.

18. Diversos setores precisam permanecer fechado, como eventos, salões de beleza, academias, restaurantes e bares. O comércio de rua precisa funcionar com horários determinados e específicos de cada setor.

19. Dados retirados do portal TodoDia - na data de 30 de maio.

formal ou informal. Ainda, apenas em março, segundo o Ibre, cerca de 2,3 milhões de pessoas tiveram que lidar com a destruição de seus postos de trabalho.

Eu estava no meio de um processo seletivo de estágio quando a pandemia, no Brasil, chegou. O processo seletivo foi longo e quando recebi a ligação dizendo que havia sido escolhida para o cargo, eu fiquei muito feliz. Porém, a felicidade durou pouco, eu havia acabado de entregar os documentos e estava preste a assinar o contrato e, então, recebi uma ligação dizendo que meu processo teria que ser adiado. Essa ligação ocorreu na metade de março e, desde a data atual [20 de maio], eu não tive uma resposta de retorno.

Sara Meneses, 20 anos, estudante

O meu próprio relato se integra a outros estagiários, trabalhadores formais e informais, servidores públicos, profissionais da saúde, empresários, professores e outras diversas profissões e empregos que compõem o sistema trabalhista do mundo; as consequências do coronavírus são visíveis a bilhões de olhares. O que resulta no mais diversificados relatos

de vivências, que poderiam compor não apenas um capítulo deste livro, mas sagas inteiras.

Em razão disso, o ambiente de trabalho, durante a pandemia, deve ser tratado com muita responsabilidade, resiliência e compostura. No entanto, a realidade que vivemos é de que todos os campos enfrentam dificuldades, que são intensificadas pela ausência de liderança e de planejamento para o enfrentamento da pandemia pelo governo federal. Assim, as incompatibilidades de decisões, entre o nível federal e os governos estaduais, trazem reflexos nos governos locais. É uma situação que vai além do mercado de trabalho, mas que o afeta diretamente.

Vulnerabilidades para além da pandemia

As dificuldades ou uma nova face do mercado de trabalho, que esses tempos de corona deixam à mostra, revelam também que a pandemia intensificou as vulnerabilidades já existentes na capital federal. Nesse capítulo, vamos avançar e falar mais sobre as questões de raça, gênero e sexualidade.



Kauã Costa, 20 anos, afirma que a pandemia aumenta os casos de violências contra pessoas transexuais e que, além da covid-19, o mercado de trabalho não está preparado para receber essas pessoas
Foto: Kauã Costa

Começaremos com o caso da população trans que têm uma maior dificuldade de se inserir dentro do mercado de trabalho. De acordo com o levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), 90% das mulheres trans têm como fonte de renda - e possibilidade de subsistência - a prostituição.

O número de casos de violência contra pessoas trans tem subido com a pandemia. Eu pensei que, com o isolamento social, esse número diminuiria. Porém, a situação afeta bastante as pessoas trans, como as mulheres que são trabalhadoras sexuais e continuam nas ruas para garantir seu sustento. Esse momento aumenta, também, a nossa vulnerabilidade, porque muitos têm medo de não conseguirem sobreviver, se alimentar ou pagar as contas. Ainda, muitas não receberam nenhum auxílio ou nenhuma ajuda e se sentem desamparadas. [...] Acredito que o mercado de trabalho não está preparado para receber pessoas trans, porque muitos acham que ter uma pessoa trans, dentro da equipe, pode manchar a marca da empresa.

Kauã Ferreira Costa, 20 anos, trabalhava no comércio de sua mãe

As fragilidades da comunidade LGBTQI+ vão muito além da covid-19, elas interferem em toda sua vivência. Então, conseguir estabilidade financeira, um emprego digno ou um teto para morar são “portas” muito difíceis de serem abertas. Além de tudo isso, se proteger do corona também se torna mais complicado, porque até mesmo, ficar em casa pode ser um risco. Segundo uma pesquisa realizada pela Fundação Thomson Reuters²⁰, 30% - dos 3,5 mil homens gays, bissexuais e transexuais entrevistados - têm medo ou não se sentem seguros dentro de casa, durante o isolamento social.

É uma situação delicada, em que a falta de oportunidades no mercado de trabalho traz consigo uma vulnerabilidade financeira, na qual se torna cumulativa com todos os outros riscos enfrentados por esse grupo. Em 2019, o Brasil registrou 124 casos²¹ de mortes e violência contra travestis e transexuais, o que coloca o país no topo do ranking dos que mais registram esse crime no mun-

do.

Além da pandemia, ser uma pessoa trans, no Brasil, é uma luta diária, é andar com medo nas ruas e é uma vitória, pelo menos, voltar pra casa vivo. Temos que lidar com a luta interna, com a disforia, com os sentimentos ruins por não ter um lugar na sociedade e, principalmente, por estar no país que mais mata transexuais. [...] Eu, particularmente, acho que sou privilegiado se comparado com outras pessoas trans. Privilegiado por ser uma pessoa de pele branca, porque infelizmente homens e mulheres trans e pessoas não binárias de pele negra sofrem muito mais. Afinal, elas fogem totalmente dos padrões, que a sociedade impõe, e com isso sofrem um número maior de casos de violência e preconceito.

Kauã Ferreira Costa, estudante

O privilégio de ser branco no Brasil se torna mais escancarado em meio a pandemia. Os índices comprovam que, em SP, o risco de morte em pessoas negras por covid-19 é 62%²²

20. Pesquisa realizada na data de 12 de maio de 2020.

21. De acordo com o levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra).

maior em relação às pessoas brancas. Em razão disso, as discussões sobre desigualdades sociais e racismo ganharam força e mostram uma realidade que existe desde muito antes da pandemia.

Um dos eventos precursores desse discurso foi a morte de George Floyd, que foi estrangulado por um policial branco nos Estados Unidos. O ocorrido motivou aqui no Brasil um debate na GloboNews, no dia 3 de junho, e foi retransmitido pelo Globo Repórter, no dia 5 de junho. A exibição foi considerada um ato histórico, em que, pela primeira vez, o programa foi apresentado apenas por jornalistas negros, que falaram de suas experiências ao lidar com o racismo.

De acordo com levantamento realizado em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 75% das pessoas mais pobres são negras. O levantamento aponta, também, que pretos e pardos normalmente recebem menos que as pessoas não negras no país. Então, ser uma pessoa negra no Brasil se torna uma vulnerabilidade muito maior, que vai além do corona e afeta, até mesmo,

o setor trabalhista.

O povo preto, em geral, têm dificuldades em qualquer âmbito e no trabalho não vai ser diferente, na verdade vai ser pior. A gente percebe que a preferência é sempre por pessoas brancas e, caso seja uma pessoa preta, vai ser a de pele mais clara que será escolhida para o cargo. [...] Além disso, temos a questão do acesso, porque muitas pessoas pretas não têm acesso a um emprego digno, como uma pessoa branca teria. Então, o privilégio começa desde esse ponto. Outra questão são as áreas de acesso das pessoas negras, elas são, na maioria, largadas na periferia. E, dentro da periferia, o que se torna mais fácil? Conseguir um emprego no mercadinho do seu bairro ou numa grande empresa no centro? [...] Depois da pandemia, essas coisas pioram, porque a gente tem que temer o fato de não ter comida na mesa.

Israel Alves, Motion Designer

O medo de não conseguir se alimentar é destacado pelas diferenças salariais entre pessoas negras e

Israel Alves, 21 anos, afirma que o povo preto sofre muito com o fato de não ter um alcance e que, depois da pandemia, as coisas pioraram, porque as pessoas pretas, na grande maioria, tem que temer o fato de não ter comida na mesa, serem demitidas ou terem seus salários cortados

Foto: Israel Alves



não negras. No Distrito Federal, os negros ganham em média R\$ 2.872 e os não negros R\$ 5.045. A média salarial das pessoas negras mostram que, a maioria, têm uma renda financeira inferior que a média do DF, que é de R\$ 3.493 por pessoa, segundo relatórios da Codeplan de 2019.

E ter o que comer não é o único desafio de uma pessoa preta no Brasil. As mortes não são apenas pela falta

de alimentos e, dessa forma, há outras aflições, como o medo da falta de acessibilidade, da falta de oportunidade, da violência ou de ser mais uma das inúmeras vítimas do sistema racista. Sob outra perspectiva, o medo do corona ou da infecção, em muitos casos, não é a principal vulnerabilidade enfrentada por essas pessoas.

No país, vemos que de cada 100 pes-

soas²³ assassinadas, 71 são pessoas negras. Ainda, no período de pandemia, as mortes não param e um exemplo disso foi o assassinato de João Pedro do Mattos, de 14 anos, ocorrido no dia 18 de maio. O garoto foi baleado dentro de sua casa, durante uma operação da polícia, e o acontecimento representa mais uma vítima da violência policial - contra negros - existente no Brasil. De acordo com o anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública - de 2019 -, a polícia brasileira fez um total de 5 mil e 804 vítimas ano passado e, desse número, 75% eram pessoas negras.

A população preta é a que mais sofre em relação ao corona, porque a gente tenta se cuidar e se prevenir, mas, por exemplo, como as pessoas vão se proteger dentro da periferia ou das favelas? Como vão se prevenir se no meio da pandemia, ainda, está ocorrendo operação policial no morro? [...] E, já não bastava um jovem preto morrer a cada 23 minutos, agora somos mortos, também, pelo corona, pela violência policial, por tiros ou por sermos tirados de

dentro de casa e, no final, a gente se torna só um número. É sempre mais um número para a estatística e sobreviver se torna impossível.

Gabriel Alves de Almeida Avelar, 22 anos, professor de inglês

As pessoas negras, em grande maioria, estão mais suscetíveis às violências, porque estão inseridas em lugares de risco e sem assistência. Segundo os dados do Atlas da Violência de 2017, a taxa de homicídio de pessoas negras aumentou 18,2% - e a de pessoas brancas 12,2%. Os números ficam piores se colocamos a vulnerabilidade do gênero e, de acordo a pesquisa, homicídios de mulheres negras teve um crescimento de 29,9%, enquanto de mulheres brancas foi de 4,5% - entre 2007 a 2017.

As mulheres negras sofrem com duas principais vulnerabilidades - gênero e raça. E, essa fragilidade, é visível também no mercado de trabalho. A pesquisa Ipea 'retratos da desigualdades', de 2015, demonstra

23. Dados divulgados pela Atlas da Violência - em 2017 - pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

que a mulher negra recebe, em média, 44% do salário de um homem branco. No Distrito Federal, as mulheres pretas compõem o grupo com menor renda salarial e ganham, em média, R\$ 2.471²⁴, enquanto as mulheres não negras têm uma média de R\$ 4.353.

A gente para e pensa ‘quais os lugares que ocupamos no mercado de trabalho?’ e são locais mais subalternos, que recebem os menores salários e se vamos olhar as pesquisas elas mostram essas diferenças. A pesquisa do Instituto Ethos faz um perfil racial social das 500 maiores empresas do Brasil, fazendo o recorte de gênero e raça. Então, demonstra que, quando sobe a escalada da chefia, a presença de pessoas negras vai diminuindo, tanto que a presença de mulheres negras em cargos de diretoria é menor 1% e pessoas negras - contando com homens e mulheres - é menor que 3%. Entretanto, se você olha a pesquisa inteira, a presença de mulheres nos níveis operacionais acaba sendo um pouco maior.

Silvia Souza, 36 anos, advogada

Além disso, a pandemia, como em todas as outras fragilidades, potencializa a probabilidade de uma mulher negra ser excluída do setor trabalhista. De acordo com a pesquisa de Saúde Financeira de Mulheres Negras na pandemia da covid-19²⁵, mulheres negras estão 50% mais suscetíveis ao desemprego do que outros grupos. Segundo o mesmo estudo, 47% das entrevistadas possuem medo de perder clientes ou o empreendimento.

Atualmente, eu trabalho na Câmara Legislativa do Distrito Federal no mandato do deputado Fábio Felix. Posso dizer que meu trajeto [no setor trabalhista] não é semelhante ao de muitas amigas minhas - mulheres negras que concluíram a faculdade junto comigo ou depois - e que ainda não conseguiram se inserir no mercado de trabalho [...] Há uma pesquisa feita pelo CEERT que identifica que menos 1% dos cargos de advogados - júnior e sênior - são ocupados por pessoas negras. [...] [Ainda,] existe um Censo racial do judiciário feito, em 2016, pelo CNJ que mostra que um número muito pequeno de

24. Segundo o relatório da Codeplan de 2019.

25. Pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada divulgada no dia 28 de maio de 2020.

peessoas - cerca de 3% - são negras. E o próprio Censo fala que, de 1995 até esses últimos anos, a situação do judiciário em relação a representatividade de gênero e raça quase não mudou.

Silvia Souza, advogada.

As mulheres pretas ocupam, em grande maioria, cargos de serviços essenciais ou operacionais e, muitas delas, se tornam as únicas provedoras de rendas das suas famílias. Há muitas mulheres negras que trabalham como domésticas e, segundo um estudo elaborado pelo Ipea²⁶, há um alerta para maiores risco de trabalhadores domésticos durante a pandemia da covid-19.

[...] o prefeito de Belém, no Pará, determinou que a função de doméstica fosse considerada uma função essencial, para que as empregadas não parassem de trabalhar. E é esse tipo de atitude, na política e na vida, que demonstra qual é a valoração ou a não valoração que as nossas vidas tem para essas pessoas. [...] E o isolamento, na verdade, existe para

quem? Porque ele não se aplica a todas as pessoas. Agora surgiu o discurso de que o isolamento deve ser tratado como um direito, porque ele não consegue abarcar a todos.

Silvia Souza, advogada.

Apesar de as mulheres negras serem as mais afetadas em nossas sociedades, em razão do machismo e do racismo, as dificuldades de ser uma mulher no Brasil se aplica para todas, porque aborda a fragilidade de gênero. As mulheres brancas precisam entender seu lugar de privilégio sobre as mulheres pretas e se unirem ao movimento antirracista. No entanto, mesmo com o privilégio racial, o machismo e as violências ainda podem afetá-las.

Os números apontam que, a cada 4 minutos, uma mulher sofre algum tipo de agressão²⁷ no Brasil. Ainda, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 5,7 milhões de mulheres não têm Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) assinada. É difícil conseguir seu espaço e respeito dentro

26. Em parceria com a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres).

do mercado de trabalho e, com a pandemia, a inserção ainda precisa superar muito mais obstáculos.

Como empresária, dona de uma agência de comunicação, foi difícil ver clientes querendo cancelar ou atrasar o contrato feito há menos de dois meses. Acredito que a questão do meu gênero e idade afetaram algumas decisões, como manter ou não o contrato, mas, também tive pouco tempo de trabalho para mostrar meu valor. Quando a pandemia começou, eu tinha quatro clientes, e todos tiveram que fechar as portas. Tentamos alternativas, como a venda de vouchers pelas redes sociais dos serviços prestados, mas, mesmo assim, o primeiro mês de isolamento foi difícil.

Gabriela Arruda, 20 anos, diretora da Carru Comunicação

O meu relato tenta trazer um pouco da minha vivência como uma mulher jovem no mercado trabalhista. Assim, eu já passei por situações de assédio e já me sentir inferior, sem

voz e vulnerável à uma sociedade patriarcal e machista. As mulheres são as mais propensas a situações de pobreza, vide que o número de mulheres nessa situação, sem cônjuge e com filhos de até 14 anos, é de quase 57%²⁷. Além disso, elas recebem, em média, 20,5%²⁹ a menos do que os homens em todas as ocupações. Os fatos mostram que ser mulher e trabalhar com dignidade, principalmente durante a covid-19, ainda são pontos de lutas para as causas sociais.

Nosso olhar testemunhal de um tempo pandêmico

Esse é um momento de reflexão. Todas os relatos de vivências sobre os quais escrevemos provam que, durante a pandemia, há diversos fatores que tornam as pessoas vulneráveis, além das fragilidades trazidas pelo corona, o que torna esse período tenso e complicado para todo o mundo.

A vida e a saúde precisam ter seu devido valor e é exatamente por isso que muitas pessoas estão cumprin-

27. Segundo o Ministério da Saúde.

28. Segundo o IBGE.

29. De acordo com IBGE.

do o isolamento social. Todavia, uma porcentagem muito vasta da população brasileira não pode cumprir tal medida, porque tem que trabalhar a maioria dos dias da semana, ou até mesmo todos os dias.

O desafio é para todos os setores e, até mesmo, para nós como escritoras.

Eu, Gabriela, acredito que escrever um livro é muito difícil, principalmente em meio a uma pandemia. Quando a ideia desse trabalho nos foi passada, fiquei ansiosa para sair de casa e fazer as entrevistas com minha parceira, mas não foi isso que aconteceu. Já tínhamos o texto na nossa mente, mas, tudo mudou quando o isolamento social começou.

Acredito que minha maior dificuldade foi lidar com a falta de contato físico, afinal, somos futuras jornalistas, e essa é uma profissão que precisa de calor humano. Entrevistar por telefone, ou por aplicativo, foi relativamente mais “cômodo”, porém, senti que nossa realidade a partir de agora vai se basear no contato on-line. Fora isso, foi um prazer imenso escrever e entrevistar tantas pessoas

maravilhosas. Um livro-reportagem sempre é um desafio, mas que jornalista que não gosta de um desafio, não é mesmo?

Para mim, Sara, [e como já disse minha parceira Gabriela] foi muito difícil conciliar o livro com o atual momento em que vivemos. A partir do momento que soubemos que teríamos que mudar o tema, mudar as fontes, os personagens e o foco se deu na pandemia, devo confessar que a sensação era de medo, incerteza e falta de confiança em nosso próprio potencial. As dúvidas eram pautadas principalmente na falta de contato físico, porque o nosso capítulo inteiro sempre foi baseado em contar vivências e trazer relatos. Como iríamos ter o olhar humano através de uma tela?

Eu posso dizer que, apesar de não estarmos presente pessoalmente, o nosso livro tentou trazer não apenas simples relatos, mas, também, a visão dessas pessoas, seus sentimentos e seus anseios. Eu acredito que foi um desafio para todos os autores do livro, não apenas para mim e minha parceira. No entanto, após costuramos todos os depoimentos com a apuração feita, tivemos um senti-

mento de satisfação indescritível.

O livro não tem apenas o coração dos personagens, mas tem também o nosso. Em todas as linhas, é possível ver o meu olhar e o da Gabriela unidos em um único capítulo. O trabalho feito virtualmente parece mais cômodo, porém se tornou muito mais desafiador, no sentido de contar histórias de vidas. O resultado apresentado é o retrato escancarado do distrito pandêmico vivido por toda a população, inclusive por nós.

Os relatos trazidos aqui para dentro do texto desse capítulo - Emprego – mudança para todo lado, não escapa um - estão disponíveis na íntegra no final do livro. Cada relato nos ajuda e torna possível compreender melhor as diversas realidades e adaptações que todos nós humanos (brasilienses, brasileiros e estrangeiros), não importando a profissão, a raça, o gênero e a sexualidade estamos vivenciando e começando a compreender a extensão da crise.

**Acesse também o
conteúdo audiovisual:**





Gabriela Arruda, 20 anos. Sempre amou ler e escrever, por conta disso, a escolha do curso não foi difícil. O Jornalismo, para ela, é uma forma de empoderamento da informação. Hoje, atua como diretora, assessora de imprensa e social media da Carru Comunicação.



Sara Meneses, 20 anos. Escolheu fazer Jornalismo com o propósito de dar voz para as pessoas e contar o que os outros não podem ou não param para ver. Atualmente, trabalha voluntariamente no Instituto Steinkopf como coordenadora de mídias sociais, está estagiando na agência de notícias CNI, é criadora e co-apresentadora do podcast “Foco no Cerrado” e participante do grupo de pesquisa Comunicação em Emergência e Desastres.

Vivência 5

*O motoboy é zica, leva sua vida loka, dentro do baú,
no seu capacete tem um GPS que vai de Norte a Sul*

Seu Jorge - Motoboy

ENTREGADOR – DE BICO A HERÓI POR SEU SERVIÇO ESSENCIAL

Por Ana Luísa França e Luisa Barmell



Motoboys do DF recebem 200 kits contra coronavírus
Foto: Vinícius de Melo
Fonte: Agência Brasília/23 de maio de 2020

No dia 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso da covid-19 foi confirmado no Brasil, na cidade de São Paulo. Nesse momento, estávamos cada vez mais próximos do causador de tanta tristeza e desordem ao redor do mundo. Alguns pareciam apreensivos, enquanto outros não enxergavam motivos para tanto desespero, provavelmente por não assistirem aos noticiários. Até que no dia 11 de março de 2020, fomos

surpreendidos pelo primeiro decreto do governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, com a suspensão das aulas. Neste mesmo dia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que estávamos em meio a uma pandemia do novo coronavírus. No primeiro momento, achávamos que seria algo temporário, mas agora estamos prestes a completar quatro meses em isolamento e com diversas atividades adaptadas. Além das aulas que funcionam de modo remoto e à distância, cada um acompanhando pela tela do computador ou celular, as práticas esportivas também sofreram mudanças afetando diretamente a realização das Olimpíadas de 2020 em Tóquio.

Dias antes do decreto de 11 de março do governador Ibaneis Rocha foi proposto em sala de aula a produção deste livro, sobre as vulnerabilidades de moradores do Distrito Federal. Após conversas e discussões sobre o projeto e como ele seria colocado em prática, começamos a ficar animadas. Eu e minha amiga e co-escritora deste capítulo, Ana, decidimos ficar com a pauta dos entregadores de aplicativos de delivery e as situações que esses trabalhadores enfrentam. Mas, em nenhum momento, nem a

Ana e nem eu imaginávamos que no meio da produção do nosso capítulo, uma pandemia tomaria conta do mundo. Naquele instante, percebemos que tínhamos que mudar a angulação da nossa pauta.

Nesse momento de decisão sobre a mudança das pautas, Luisa e eu começamos a olhar ao redor do mundo que nos cercava - nossa casa. Nesse momento notamos que os entregadores estavam sendo essenciais para fazer a ponte entre nós e os produtos (comidas e remédios) neste período que exige isolamento social. No processo de readaptação, percebemos o quanto esses trabalhadores que muitas vezes ficam à margem da sociedade, passando por situações de vulnerabilidades diárias, como a falta de segurança e assistência médica, tornaram-se profissionais valorizados. De bico a herói por seu serviço essencial.

Este capítulo traz as visões de um ex-entregador, do momento no qual ele ainda entregava e como ele enxerga o período atual para essa classe de trabalhadores. Também trouxemos relatos de entregadores que estão trabalhando durante a pandemia. Nas entrevistas notam-se as

apreensões para evitar o contágio pela covid-19 e a preocupação em não colocar a família em risco, além da ideia de valorização desse profissional após a quarentena. Para complementar os relatos desses trabalhadores, também conversamos com especialistas na área do mercado de trabalho e psicologia do trabalho a fim de pluralizar as visões sobre a situação. Também tentamos entrar em contato com três infectologistas, mas não obtivemos respostas, em razão desses profissionais estarem sendo muito requisitados nesse período em que vivenciamos a pandemia do novo coronavírus.

No mercado de trabalho, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou 12,9 milhões de desempregados no Brasil, no 1º trimestre de 2020, número maior que o observado em 2014, quando eram 6,8 milhões de pessoas sem emprego. Em 2019, segundo os dados do IBGE, o trabalho informal atingiu 41,1% da população ocupada, equivalente a 38,4 milhões de pessoas. No DF, a Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED-DF) realizada pela Companhia

de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) registrou, em abril de 2020, o contingente de 333 mil pessoas desempregadas na capital do país. Em meio a esse cenário, os aplicativos de entregas tornaram-se mais populares nos últimos três anos e o número de entregadores cresceu 104,2%, oferecendo aos desempregados um meio de conseguir uma renda mensal ou extra, trabalhando no dia e horário em que podiam.

Durante o tempo que ficamos observando o novo mundo que estava à nossa volta por conta da pandemia do coronavírus, notamos que os deliveries geralmente eram feitos por motociclistas. Segundo a Secretaria de Economia, a frota de motos no Distrito Federal em 2019 era de 208 mil e 504. Porém os aplicativos trouxeram as bicicletas como opções para aqueles que não tinham condições de ter uma moto. Em outubro de 2019, a Secretaria do Trabalho do Distrito Federal criou o projeto “Bike Geração de Renda”, que busca ajudar na inserção de entregadores no mercado de trabalho, capacitando-os para trabalharem com conforto e segurança. O público-alvo são pessoas em estado de vulnerabilidade social e a iniciativa tem apoio da Rappi,

Bike Anjos e Coletivo Barba na Rua.

Em entrevista via email com o especialista em mercado de trabalho do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB), Carlos Alberto Ramos, ele explicou que antes de a pandemia chegar ao Brasil, o mercado de trabalho estava se recuperando da crise de 2014, que resultou em taxas de desemprego elevadas e baixos índices de formalidade se comparados ao período antes da crise. O impacto desse desemprego generalizado, sendo uma das consequências da pandemia, será tanto econômico como psicológico pelo fato de o emprego ser além de uma fonte de renda, uma maneira de inserção social.

Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) já foi possível captar em matérias jornalísticas a ocorrência de 239 mil e 534 desligamentos no Brasil até o final de abril de 2020. Enquanto alguns perdem o emprego com a crise que já vem se instalando em Brasília e no restante do país, os trabalhadores informais que fazem entregas tem conseguido se estabelecer. Em meio à pandemia que estamos passando, vemos a as-

censão desses trabalhadores que fazem o serviço de delivery. Segundo o secretário de Trabalho do Distrito Federal, Thales Mendes, mesmo na crise, o mercado ainda está contratando e entre as maiores contratações, além dos mil e 185 profissionais da área de saúde que o governo de São Paulo irá empregar, estão os serviços de delivery.

Quanto à estabilização do mercado de trabalho, o especialista Carlos Alberto Ramos disse para nós, em entrevista, que os salários e empregos poderão ter uma tendência de crescimento após as atividades serem retomadas ao normal. Para ele, as atividades voltarão à normalidade apenas quando encontrarem uma maneira de controlar e administrar o vírus da covid-19.

O fato de as pessoas não estarem se sentindo seguras para saírem de casa com medo de se contaminarem fez com que o comércio buscasse soluções para manter o trabalho, logo, utilizar o sistema de deliverys foi a adaptação necessária para atender aos clientes. Com essa mudança abrupta no dia a dia, percebemos uma nova rotina na vida dos entregadores.



Restaurantes do Rio de Janeiro funcionam com serviço de entregas domiciliar

Foto: Fernando Frazão

Fonte: Agência Brasil / 23 de abril de 2020

Um olhar para o outro

Para a apuração dos dados que iriam compor a narrativa, Luisa e eu decidimos agrupar as fontes com base nas áreas de atuação e cada uma de nós ficaria com um grupo. Enquanto eu ficaria responsável por contatar os especialistas, como, um psicólogo do trabalho, especialista em mercado de trabalho e um infectologista, a Luisa iria entrevistar os entregadores. Para conseguirmos mergulhar nesse mun-

do dos entregadores mesmo não estando perto, entrevistamos via email o psicólogo, pesquisador associado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Qualidade de Vida, Trabalho e Saúde (GEPQVTS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e mestrando em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações na UnB, Nicolas Eyck, para compreender como o ser humano se porta quando exposto a situações de risco como a que estamos vivenciando no momento, uma

pandemia.

A ideia que devemos levar em conta é a de que não há um padrão de comportamento humano frente a situações de riscos e pressão. Nicolas nos disse que cada sujeito possui uma experiência e, consequentemente, muda a forma como constrói seu repertório de enfrentamento. Acredito que isso possa justificar o fato de que todos os entregadores entrevistados relatam suas vivências de forma diferente, mesmo que estejam exercendo a mesma função. A nossa rotina mudou e a dos entregadores também, com as constantes incertezas e a falta da rede de apoio, amigos e família. Dentre as falas do psicólogo, gostaria de ressaltar uma sobre o período atual. “O que vivemos hoje, porém, é um ambiente de extrema incerteza, em que há uma dificuldade de organização do psiquismo contra algo que não depende de nossas capacidades para ser solucionado”.

Nicolas nos deu um panorama histórico das relações de trabalho e a competitividade como um reflexo atual. Ele diz que inicialmente as próprias empresas contratavam os funcionários, mas logo depois veio a

onda da terceirização, onde empresas especializadas forneciam a mão de obra. Atualmente a ideia seria, segundo Nicolas, a do “autoempreendedorismo subordinado: cada sujeito é empresa de sua própria força de trabalho, porém, é subordinado à demanda e às propostas de pagamento de plataformas digitais ou contratos intermitentes”. O relacionamento com os demais dentro do ambiente de trabalho propicia o desenvolvimento de uma identidade social naquele local. A relação fica precarizada quando ocorre o acirramento da competitividade. O trabalhador sente-se desmotivado e logo vem o desgaste psicológico, que pode acarretar em prejuízos não apenas em nível social, mas no que diz respeito à organização das coletividades para irem em busca dos seus direitos básicos como trabalhador.

A partir de uma visão otimista, o psicólogo ressalta que há uma expectativa para nos tornarmos uma sociedade mais colaborativa, pois passamos a olhar para as pessoas, de diferentes realidades, de outra maneira, como exemplo, os entregadores. Passamos a nos colocar mais no lugar do outro, passamos a ter mais empatia e esse seria o legado

pós-pandemia. Finalizo esse trecho do capítulo com uma fala do Nicolas Eyck que consideramos importante quanto à empatia. “A experiência da empatia é uma forma de modificarmos a maneira como vemos o mundo, passando a considerar outras possibilidades de sermos no mundo, de nos direcionarmos ao outro, de tratá-lo e de considerá-lo. Esse processo de identificação e de familiarização com o outro é o fundamento central da motivação humana para a solidariedade”.

“Sou a chegada mais esperada de muitos”

Em paralelo às entrevistas que Ana Luísa fazia com os especialistas, eu, Luisa, tratei de pensar como chegar aos entregadores. Então, imaginei que a maneira mais fácil seria procurar as fontes em grupos de Facebook com entregadores. Então, falei virtualmente com três entregadores e um ex-entregador. Todos foram muito solícitos, se mostraram bem interessados em fazer parte do projeto. Comentei com a Ana, no processo de produção deste capítulo, o quanto eu fiquei feliz com a minha escolha de entrevistar mais de uma pessoa, porque, pelas discussões e debates

no grupo e após as entrevistas, pude perceber que cada história é muito particular. Sim, existem opiniões que todos eles têm em comum, mas como toda pessoa, eles têm suas próprias bagagens e enxergam seus ofícios e situações de forma diferenciada. Fiquei muito contente e grata por ter me “inserido” o máximo possível - pois a quarentena nos impede de realizar um encontro presencial - neste meio de pessoas tão incríveis e com ótimas histórias a serem contadas.

Fiz a escolha de entrevistar primeiro, o ex-entregador, entender a opinião de uma pessoa que passou por isso antes da pandemia. Rubens Júnior começou a fazer entregas porque estava desempregado e parou, justamente, porque encontrou outra fonte de renda. Usava os aplicativos Ifood e UberEats, e diz que sua rotina era muito cansativa, pois entrava às 11 horas e saía 23 horas todos os dias. Rubens relata que os melhores momentos do seu antigo emprego foi, além de adquirir experiência em uma em uma área nova, perceber o quanto essa classe era unida, e ele conta com felicidade ter feito várias amizades. Rubens diz que acredita que os aplicativos poderiam dar um

amparo melhor ao colaborador, pois já fez várias entregas em áreas de risco e sentiu pouca segurança vindo da empresa. “O desgaste não é só fisicamente, é mental também”, comenta Rubens. Ele conta que já sofreu um acidente enquanto fazia entregas, acabou quebrando um braço e o aplicativo não ofereceu nenhum tipo de auxílio. Para as empresas, não há vínculo empregatício com o colaborador e por isso não há comprometimento em oferecer benefícios. Nessa era de “autoempreendedorismo”, como se referiu Nicolas Eyck, as perdas são arcadas pelo colaborador e não pela empresa a qual ele presta serviço.

A entrevista em sequência foi com a entregadora Carol Netto, que utiliza o UberEats e o Ifood para fazer entregas. Carol relata que começou a fazer entregas para conseguir um dinheiro extra, pois ela já tinha um emprego fixo. Nesse momento, da pandemia, ela está desempregada e as entregas são sua renda total. Para ela, ser mulher é a maior dificuldade: “Quase não tem mulheres fazendo entregas e às vezes rola assédio de outros entregadores”. Ela conta que o trabalho não é uma boa fonte de renda, pois é muito difícil física e psi-

cologicamente e não são muito bem remunerados. Ela conta que não sente orgulho de ser entregadora, mas gosta do que faz. Para a Carol, está sendo muito difícil trabalhar neste período de pandemia porque sente muito medo e para amenizar segue o mesmo ritual quando chega em casa: tira os sapatos antes de entrar, deixa a bicicleta e a bolsa de entregas do lado de fora e no dia seguinte, lava a bolsa com água sanitária.

Outro entrevistado foi o Samuel Paiva, de 30 anos, que usa como instrumento de trabalho os aplicativos: Ifood, UberEats, Rappi e Loggi. Ele ama fazer entregas, porque faz com que o dia passe rápido. Para ele, a maior vantagem é não ter chefe e fazer seu próprio horário: “Eu era analista de compras e acabei pedindo demissão para ficar só com os aplicativos.” Samuel conta que começou a fazer entregas pela indicação de um amigo e hoje tem uma rotina de começa às 11h e vai até às 22 horas. Ou até fazer 150 reais diários. Diferente de José que acredita que a pior coisa de trabalhar neste ramo é a demora dos próprios estabelecimentos para entrega dos alimentos e também acredita que os aplicativos deveriam ser mais rápidos e precisos



DISTÂNCIA PERCORRIDA

180 a 230 km por dia
trabalhando nos três turnos:
manhã, tarde e noite.



REMUNERAÇÃO DIÁRIA

Até 150 reais por dia quando
trabalham mais de 8 horas diárias.



HORAS TRABALHADAS

11 horas por dia e o pico é das 11
da manhã às 10 da noite.

ENTREGADOR EM NÚMEROS

no atendimento aos entregadores no momento em que eles precisam tirar alguma dúvida ou solucionar um problema. Durante a entrevista realizada em abril, ele falou sobre o novo cenário das entregas em Brasília com o coronavírus. Samuel acredita que está até melhor porque tem poucos carros nas ruas e há muitas entregas para realizar, mas a concorrência também aumentou com o maior número de entregadores nas ruas.

Na sequência de minhas entrevistas com os entregadores, a última foi com o José Fidelis, de 25 anos, que além de ser entregador, trabalha como auxiliar técnico de eletricista. Ele tinha começado no ramo das entregas fazia três meses e estava um pouco inseguro achando que ele não saberia responder o que eu iria perguntar. Mas tentei acalmá-lo e dizer que só estava querendo saber sobre sua experiência e tudo que ele me contasse seria importante. José trabalha com o Ifood e o Rappi, começou a trabalhar com entregas porque tinha umas contas a mais e não tinha como pagar com seu salário mensal, ele realiza esse segundo trabalho nos dias de folga do seu primeiro. José conta que a parte mais difícil do trabalho ainda é a imprudência das

pessoas no trânsito e por estar de moto, se sente um pouco mais vulnerável nas estradas. Quando passamos para o ponto principal da conversa, a pandemia do coronavírus e como isso afetou as entregas, José foi muito sincero em suas respostas. Disse que, realmente, assim que a quarentena foi decretada, os pedidos aumentaram muito: “O ritmo nas primeiras semanas de pandemia foram muito além, com o passar dos dias, caíram um pouco, mas continua bom para nós, comparado com antes da pandemia”. José conta que sabe do perigo que corre estando lá fora, trabalhando e entrando em contato constante com as pessoas, mas, que os aplicativos estão sendo responsáveis com a situação e todos os entregadores estão recebendo máscaras e álcool em gel. A última pergunta que eu fiz para todos os entrevistados, era se eles tinham orgulho de fazerem o que fazem e o José me respondeu de maneira simples com um sorriso no rosto: “Sim! Eu tenho orgulho, afinal, eu sou a chegada mais esperada de muitos!”.

A experiência de escrever um capítulo de um livro-reportagem à distância foi um desafio. A tentativa de mergulhar na rotina dos entrega-

dores sem acompanhá-los pessoalmente, conversar com especialistas via email e escrever em conjunto com outra pessoa sem estar ao lado dela foram fatores que tornaram o trabalho mais difícil. Porém, como as outras áreas, além do Jornalismo, também buscamos nos adaptar a essa nova rotina de trabalho. Conseguimos compreender a vivência deste período de isolamento social pelo olhar de outras pessoas.

O resultado pessoal dessa experiência é que conseguimos olhar além dos entregadores e entendemos o panorama geral da situação, ou seja, ainda temos um longo caminho a percorrer após o controle do vírus. Ainda que possamos compreender que a pandemia deixa um legado quanto à empatia e o olhar com o próximo, ela, com certeza, trará novos desafios para todos nós daqui para frente, com ênfase no aspecto econômico.

**Acesse também o
conteúdo audiovisual:**





Ana Luísa França, estudante de Jornalismo no Centro Universitário de Brasília (UnICEUB). Possui experiência na produção de matérias jornalísticas, adquirida durante os três semestres em que participou da Agência de Notícias do UnICEUB.

Foi estagiária na comunicação interna do Ministério da Educação (MEC) e durante a execução deste capítulo estava estagiando na comunicação externa do Superior Tribunal de Justiça (STJ).



Luisa Barmell, estudante de Jornalismo no Centro Universitário de Brasília (UnICEUB). Descobriu sua paixão pela Comunicação quando percebeu que adorava ouvir histórias e conhecer um pouco mais da vida das pessoas, porque acredita que todos têm uma narrativa para compartilhar. É amante da produção e tem interesse em Jornalismo Cultural.

Vivência 6

*O dia começa antes do sol nascer
Tenho uma missão que cumprio com prazer
Alimento os sonhos da minha nação
E faço com amor
Com meu coração
Fui criado no campo como os meus pais
De onde vem o sustento de um país que quer mais
Sigo nessa lida com o meu suor
Dando a minha vida
E dando o meu melhor*

*Cláudio Lacerda e Luiz Ribeiro, música composta para a campanha
“Sou Produtor Rural com Muito Orgulho”*

PRODUTOR RURAL - RESILIÊNCIA E COMIDA NA MESA

Por João Paulo de Brito e Luiz Fernando Santos

As feiras convencionais estão fechadas ou vazias, pelo menos quando escrevemos esse texto. O atual momento é de adaptação. Em meio ao período de isolamento social e sem poder expor as mercadorias cultivadas nos pontos tradicionais de venda, agricultores do Distrito Federal encontram dificuldades para comercializar os produtos colhidos em suas plantações, ainda que haja um calendário de reabertura gradual. A pandemia do novo coronavírus tem afetado diversos setores da sociedade, entre eles a produção rural. Para manter o funcionamento das atividades e reduzir os impactos financeiros causados pela quarentena, as soluções encontradas têm sido a realização de entregas em domicílio, o famoso delivery, pontos fixos em que os clientes podem comprar e buscar os alimentos sem sair do carro, o drive-thru ou take away, e até

a confecção de máscaras como complemento de renda.

Reinvenção comercial

Entre os modelos de adaptação, o sistema de entregas à domicílio possibilitou que milhares de agricultores, segundo a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito federal (Emater-DF), pudessem comercializar suas mercadorias, recuperar as rendas mensais com a plantação e continuar a abastecer a população brasiliense. Isso mostra o poder de adaptação que tempos conturbados podem trazer para as pessoas. A Emater-DF é um dos pilares do desenvolvimento agrícola na capital federal. A empresa pública trabalha no desenvolvimento sustentável e na segurança alimentar na região e presta assistência com oficinas, cursos, visitas técnicas para

os mais de 18 mil produtores rurais de Brasília e do Entorno, que estão distribuídos em cerca de 130 feiras ativas no Distrito Federal, sendo que metade delas são de produtos orgânicos.

A concorrência de pequenos produtores com marcas conhecidas é, geralmente, desproporcional e as grandes empresas dominam as prateleiras dos supermercados. Uma das maneiras encontradas pelos agricultores para enfrentar esta crise foi a criação de listas de fornecedores, nas quais são reunidos os contatos de diversos agricultores da capital federal que fazem entregas de alimentos nos endereços dos clientes. Entre os idealizadores da iniciativa, as Centrais de Abastecimento do Distrito Federal (CEASA-DF) foram responsáveis tanto pela organização quanto pela divulgação das listagens. A CEASA-DF também ofereceu orientações técnicas para os interessados e juntamente com a Secretaria de Agricultura e o Governo do Distrito Federal (GDF) atuaram para realizar a compra de mercadorias desses produtores rurais.

Esta nova realidade é vivida pelo produtor rural Paulo Alves, que vende



Para atender as demandas, a associação produz suas mercadorias em uma área de 474 hectares.

raízes e frutas em uma feira situada na Região Administrativa do Sudoeste. Assim que foi decretada a paralisação do comércio brasiliense, ele e os companheiros de profissão que atuam no mesmo local e participam de um grupo em uma rede social elaboraram uma dessas listas com seus números telefônicos para que pudessem divulgar as mercadorias. A partir disso, os feirantes começaram a receber pedidos e encontraram uma maneira de manter o sustento familiar.



Créditos: Michelly Slany. 18/06/2020

Embora já realizasse entregas em domicílio, a Associação de Agricultores Familiares da Eco Comunidade do Assentamento 15 de Agosto (AFE-CA) era responsável por oferecer alimentos orgânicos para 24 escolas em São Sebastião. Porém, a compra desses produtos foi suspensa devido a paralisação das atividades escolares pelo GDF. E com a interrupção do comércio, as 35 famílias que fazem parte dessa cooperativa tiveram que concentrar seus esforços em outro modelo de negócio. O delivery foi a

alternativa encontrada para reverter essa situação, como afirma Michelly Slany Ornelas, 35 anos, presidenta do assentamento rural. “Assim que foi decretado o fechamento das feiras, nós tivemos uma ideia ‘opa! A feira fechou. Vamos atender os clientes em casa’. A maioria de nós já tinha uma lista de consumidores, com quem mantínhamos contato. Fora isso, comercializávamos com alguns condomínios. A partir daquele momento, nós começamos a falar sobre atendê-los em suas residências.”

Michelly Slany analisa que o novo sistema de comercialização tem sido positivo, pois estreita a relação com os compradores, que passaram a conhecer melhor o trabalho realizado na associação. “É muito bom para quem está trabalhando com o delivery. Você pega os pedidos, estabelece um contato pelo WhatsApp ou por ligação, conversa e tira as dúvidas dos clientes. Criou-se um vínculo muito legal com eles. E outra coisa muito bacana, é que hoje estamos atendendo pessoas que nunca tinham comprado nossos produtos e não conheciam a nossa atividade. Então, agora, os consumidores estão recebendo essas informações e adquirindo nossas mercadorias.”

Graças à reinvenção do negócio seguido pelo assentamento rural, as famílias estão vendendo tudo o que é cultivado e, além do que já era comercializado, elas conseguem espaço para colocar produtos que não eram comprados pelo Governo do Distrito Federal (GDF). “A gente começou a trabalhar com as cestas orgânicas e as entregas. Sinceramente, hoje não há produção sobrando. E é interessante, porque vendíamos apenas frutas, verduras e legumes. Com o delivery, a gente consegue acrescentar o leite, o queijo e o ovo que o GDF não adquiria para abastecer as escolas de São Sebastião. Então, conseguimos ainda agregar valor”, explica Michelly Slany.

Compra sem sair do carro

O decreto 40.529, de 18 de março de 2020, estabeleceu o fechamento das feiras, dos shoppings e de clubes recreativos no Distrito Federal. Diante desse cenário e com apoio da Emater-DF, o sistema de drive-thru, ou também conhecido por take away, se tornou uma das soluções encontradas por produtores rurais, para a manutenção das vendas de suas mercadorias, sem expor vendedores e clientes aos riscos de contami-

nação da covid-19. A atividade está concentrada em 36 pontos fixos espalhados por 13 Regiões Administrativas. É possível ver todas as cidades participantes no infográfico a seguir. O feirante Cristiano Barbosa, 50 anos, atua no ramo desde 2016 e emprega mais cinco pessoas. Ele é

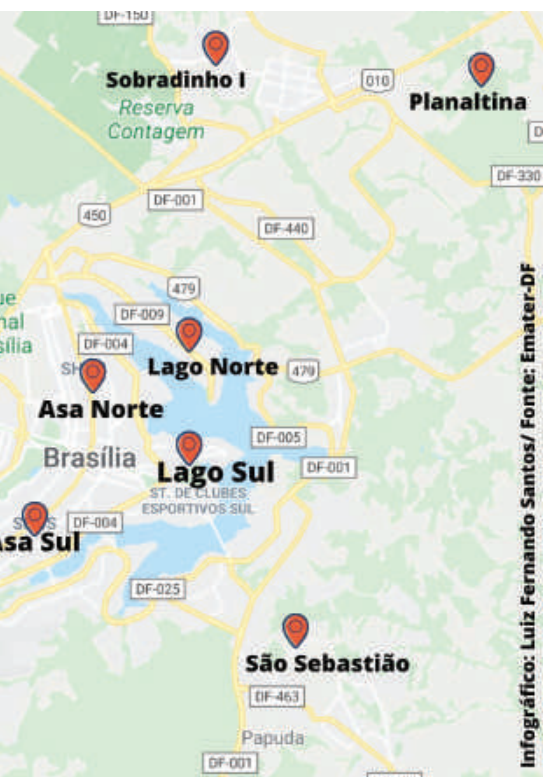


O Distrito Federal apresenta 36 pontos fixos em 13 Regiões Administrativas.

responsável por organizar um desses pontos na Asa Norte, região em que mora. Primeiramente, o empreendedor decidiu adotar os sistemas de delivery após perceber que muitos de seus clientes não gostavam de ter que fazer compras aos finais de semana. “A ideia surgiu de uma forma

natural. Eu tenho a feira (fixa), mas há pessoas que não gostam de ir à feira aos sábados. Então, me pediam para reservar ou entregar produtos. Em relação ao sistema de drive-thru, ou take away, ele já existia antes da pandemia, porém houve um aumento do número de pedidos e de entregas. No caso, os compradores nos enviam mensagens, nós fazemos a separação e, a partir de um determinado horário, eles passam para buscar os alimentos orgânicos que foram encomendados’, detalha.

Como medida para a diminuição dos riscos de contaminação, Cristiano Barbosa mudou a maneira de realizar a cobrança. “Durante a pandemia, eu não aceito pagamentos feitos por meio de cartão, para evitar contato e manipulação. Por isso, os clientes estão fazendo as compras via transferência bancária”, explica o feirante. Assim como Michelly Slany, o empreendedor destaca a importância desse sistema de negócio. “Sempre fui defensor de que o feirante tem de usar esse método de comercialização, pois diminui a perda do feirante. No meu caso, eu compro de outros produtores e revendo. Em caso de prejuízo, eu que arco.”



Créditos: Google Maps/Arte: Luiz Fernando Santos

Por ser produtor rural cadastrado junto à Emater-DF, Cristiano Barbosa possui uma documentação especial para continuar comercializando seus produtos em feiras. Porém o feirante garante que não tem pretensão de retornar às atividades tradicionais no momento. “Eu nunca quis abrir, porque julgo que o público ainda não está preparado para uma flexibilização do isolamento social. Por isso, minha feira não está funcionando. Continuo fazendo entregas.” Além disso, o empreendedor avalia que, mesmo, em meio à crise sanitária, o setor comercial agrícola conseguiu se estruturar e se adaptar aos modelos atuais de negócio. “As vendas aumentaram. As pessoas estão ficando e cozinhando em casa. Estão se alimentando mais. Isso foi o lado ‘bom’ para o comércio de supermercados, hortifrútis. E tem sido o suficiente para cobrir as despesas.”

Para superar as dificuldades, Cristiano Barbosa precisou investir na apresentação do próprio negócio. Ele destaca uma decisão que foi fundamental e proporcionou a alavancada de seu trabalho. “A comunicação é muito importante, pois as pessoas estão acostumadas a sair de casa para ir à feira, e não para fazer e

receber uma encomenda. Então, até hoje, eu trabalho a questão da divulgação bem forte mesmo. De levar ao cliente, tudo o que eu tenho, informar, buscar encomenda. Por isso, o trabalho de publicidade e comunicação é essencial para continuar vendendo bem.”

O feirante afirma que, mesmo com a segurança pelo método de pagamento empregado, algumas precauções devem ser tomadas quanto ao espaço destinado para o negócio. “A gente cerca as tendas que compõem a feira com fitas zebreadas, com isso, as pessoas têm o acesso controlado. Todo mundo se protege, usando máscaras para separar os produtos. A gente pede para os clientes que vão buscar os alimentos para que não se aglomerem. É um público muito bacana, então não temos muito trabalho quanto a isso.”

Artesanato como complemento de renda

Com a diminuição da venda de alimentos, algumas pessoas buscam se reinventar nesse meio tempo. Este é o caso da produtora rural de hortifrútis e artesã Priscilla Cutrim Oliveira, 33 anos, que viu a oportunidade

de complementar a renda familiar na produção de máscaras protetoras sob encomenda. “Trabalho com artesanato há 10 anos. A confecção das máscaras começou como um forma de ajuda às pessoas que não estavam encontrando mais as descartáveis para comprar”, relata. As entregas são realizadas por delivery na Região Administrativa de Planaltina-DF.

Para atender as demandas, a comerciante, que trabalha sozinha, adquire

os tecidos, elásticos e linhas a partir de um fornecedor de Goiânia, uma vez que, segundo ela, os produtos pesquisados na capital federal apresentam preços elevados. “O que tem complicado bastante é o valor dos materiais que, em alguns casos, está cinco vezes mais caro. Para conseguir manter o preço e a qualidade das peças, tenho buscado de outros locais”, completa. O método de confecção de cada máscara é feito por etapas. Primeiramente, o cliente escolhe o modelo desejado. Depois é feita a



**A produtora e artesã confecciona as máscaras como complemento de renda.
Créditos: Priscilla Cutrim. 18/06/2020**

separação do tecido e, então, a artesã passa ele com um ferro elétrico para facilitar o manuseio. Em seguida, as marcações são realizadas para que o corte seja efetuado de modo adequado e, posteriormente, a peça é costurada. Ao final, os equipamentos de proteção são passados novamente, embalados e entregues aos consumidores.

Devido ao distanciamento social, Priscilla viu as vendas agrícolas diminuírem drasticamente. Como a comercialização de máscaras não é a fonte de renda principal da família, Priscilla optou por adotar novos meios de se relacionar com os clientes. Para vender os hortifrúteis, ela criou cestas de produtos para delivery. “Estamos nos reinventando nessa área com uma nova forma

de vender nossos produtos. Agora vamos começar a entregar cestas de verduras e legumes que vão diretamente para o consumidor final, pois assim é uma forma de ajudar as pessoas a ficar em casa e estabelecer uma melhor comunicação com os nossos consumidores.”

Linha de crédito e auxílio governamental

Outras alternativas à disposição dos produtores rurais são os créditos emergenciais, durante esse período de calamidade, e a participação em programas governamentais. O objetivo é prestar auxílio a esses comerciais assim que se encontra em situação de vulnerabilidade social.

O auxílio emergencial para ajudar os



O Governo do Distrito Federal (GDF) tem auxiliado pequenos produtores.
Créditos:
Pedro Ventura/
Agência Brasília.
13/02/2015

feirantes com despesas cotidianas foi aprovado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) a pedido do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Cada agricultor familiar pode fazer o uso de até 20 mil reais dessa linha de crédito, com juros mais baixos que o normal e ter até três anos para quitar o empréstimo, sendo o primeiro ano de carência. Para ter acesso ao benefício, os agricultores devem apresentar um projeto que comprove que o dinheiro recebido será investido para manter a qualidade de vida do trabalhador e de seus familiares, como conta Igor Alves, Gerente de Desenvolvimento Econômico da Emater-DF. “O agricultor pode comprar não apenas insumos e animais destinados à produção, mas remédios, agasalhos, alimentos para subsistência e utilizar os recursos para a manutenção do bem-estar dele e de sua família.”

A outra modalidade de auxílio vem do Governo local, que ajuda o produtor rural comprando as suas mercadorias. O destino das frutas, legumes e verduras são as residências de famílias carentes. A distribuição desses mantimentos é realizada pela Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) e acontece por meio da

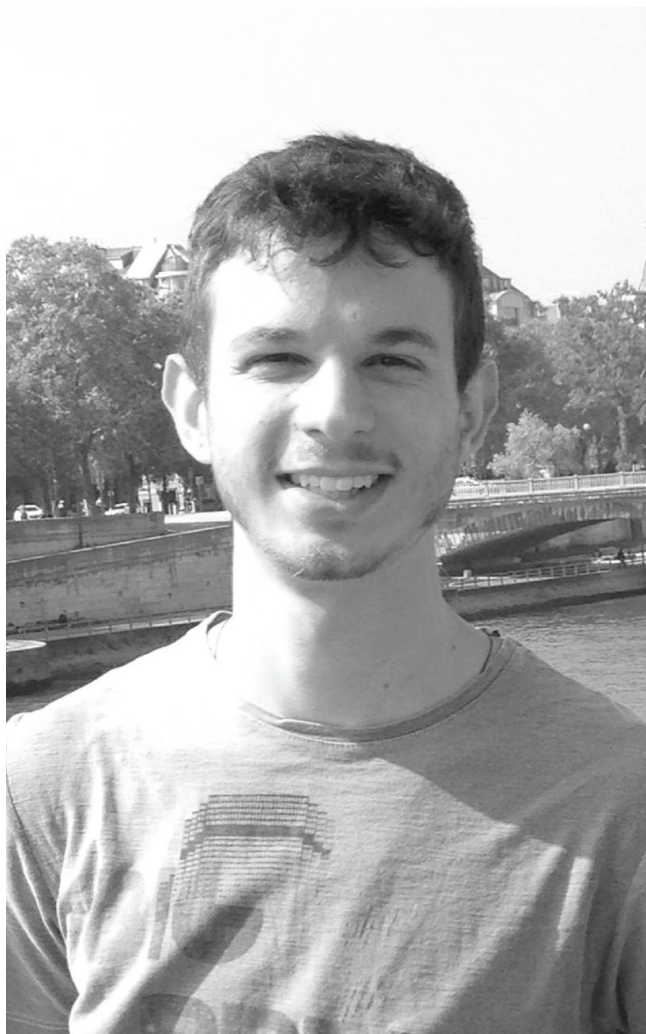
iniciativa Cesta Verde, que juntamente com o Programa de Aquisição da Produção da Agricultura (Papa-DF) está fornecendo frutas, verduras e legumes às casas de pessoas em situação de vulnerabilidade social. As ações disponibilizam alimentos orgânicos para a população que possui renda per capita menor que meio salário mínimo.

**Acesse também o
conteúdo audiovisual:**





João Paulo de Brito, 24 anos, é estudante de Comunicação Social, no Centro Universitário de Brasília, e exerce a função de monitor na Agência de Notícias UniCEUB. É participante e produtor do podcast Foco no Cerrado. E integra o grupo de pesquisa Comunicação em Emergência e Desastres. Acredita que o Jornalismo é um importante instrumento de conscientização e transformação social.



Luiz Fernando Santos, 27 anos, é formado em Engenharia Eletrônica pela Universidade de Brasília, com parte da graduação realizada na École Nationale Supérieure d'ingénieurs de Caen, na França. Por ser apaixonado por esportes decidiu fazer Jornalismo no Centro Universitário de Brasília. Seu sonho é fazer parte da equipe de transmissão de uma Copa do Mundo.

Vivência 7

*Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente
E sei que o estudo é uma coisa boa
O problema é que sem motivação a gente enjoa*

*Estudo Errado - Gabriel, o Pensador,
álbum: Ainda É só o Começo, 1995*

ESCOLA – UNS EM CASA E OUTROS EM AULA REMOTA

Por Mateus Arantes e Renato Queiroz

A pandemia do novo coronavírus vem desencadeando uma série de problemas no mundo, afetando a vida de bilhões de pessoas. Um dos problemas, no Distrito Federal (DF), é a discrepância social envolvendo os estudantes. De acordo com o sociólogo da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais de Educação (EAPE), Bruno Borges, essa diferença fica mais evidente em contextos de crise, pois o tempo de resposta entre a rede particular e a rede pública são muitos diferentes com as aulas presenciais suspensas por conta da covid-19. Um bom exemplo são as universidades particulares, como o Centro Universitário do Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB) e o Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), que estão tendo aulas remotas desde março, enquanto a Universidade de Brasília (UnB), que é pública, não.

Vale lembrar que as escolas particulares da Educação Básica do Distrito Federal iniciaram as aulas online desde o começo do período de distanciamento social, que teve início no dia 11 de março, enquanto as escolas públicas começaram com essas aulas, em caráter opcional apenas no dia 22 de abril, ou seja, mais de um mês de atraso. Além disso, apenas no dia 29 de junho elas passam a ser obrigatórias. A Secretaria de Educação do Distrito Federal (SESED-DF) divulgou plano pedagógico que estabelece o ensino a distância, com videoaulas, e o acesso a plataformas na internet, para a rede pública da Educação Básica. A partir do dia 1º de julho é obrigatório, inclusive computando a presença dos alunos, pois, no DF, a volta às aulas presenciais ainda não tem data prevista, no momento que estamos escrevendo.

Para o sociólogo Bruno Borges, da EAPE, o caráter heterogêneo dos alunos explica o porquê de a resposta não ser rápida nos colégios públicos. “Temos 80 mil estudantes na rede pública no Ensino Médio do Distrito Federal, são estudantes que têm acesso a uma excelente internet e um excelente celular, mas são estudantes que às vezes estão em situação de profunda vulnerabilidade”. Borges ressalta que são várias as diferenças entre o ensino público e privado, embora o jovem tenha sonhos, projetos e medo muitos similares. “É evidente que você vai ter fatores extra sala de aula também influenciando. O mais forte é o que a gente chama na pedagogia de Efeito Pigmeleão ou profecia auto-realizadora. São as expectativas que você nutre dentro do contexto que está inserido. Então numa comunidade, numa família, onde a conclusão do Ensino Médio já é um feito, há uma expectativa estrutural de você estabelecer isso como seu grande projeto”, conta.

Durante esses tempos de isolamento social, ter acesso ou não à internet torna ainda mais evidente a discrepância social existente no país. Não só porque, desde 2011, ele é um di-

reito básico do ser humano, conforme a Organização das Nações Unidas (ONU), mas também porque, segundo dados de pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2020, cerca de 53 milhões de pessoas ainda não possuem acesso à rede no Brasil. Em 2019, 4,8 milhões de alunos entre 9 a 17 anos que não tinham acesso à internet em casa, no país, correspondendo a 17% de todos os brasileiros nessa faixa etária.

Ainda que o problema de acesso esteja presente, Bruno Borges está convencido de que a aula online é a melhor saída possível para o momento, mesmo não sendo o ideal. “Não é o modelo perfeito, mas em cenário prolongado de paralisação da educação, algo precisa ser feito”, diz Borges. Ele explica que diante de um cenário que é de médio e longo prazos, a rede pública se mobilizou e está oferecendo educação por intermédio de plataformas e de acesso subsidiado a serviços de internet de alta velocidade. Borges conta que, num primeiro momento, houve uma parceria com a TV Justiça, na tentativa de alcançar um público mais abrangente, em que foram disponibilizadas atividades e programas que

podiam ser acessados pela televisão de sinal aberto. Num segundo momento, segundo Borges, o objetivo é utilizar a internet e o Google Classroom. “Agora o GDF está trazendo essa nova política subsidiando o acesso à banda larga para parte dos alunos que não tem acesso, o que se torna um braço paralelo para viabilizar a permanência e acesso à educação à distância”, esclareceu Borges.

O professor de literatura do colégio Projeção, Thiago Henrique, em entrevista, contou que não está feliz com o sistema de aulas à distância. “Eu não estou satisfeito. Eu acho que o ensino a distância, no Ensino Médio, revelou muitas fraquezas do sistema educacional que a gente possui hoje”, disse. Thiago comenta que as dificuldades estão nos dois lados, tanto por parte dos professores que enfrentam dificuldades para se adaptarem às novas tecnologias, e também por parte dos alunos que não tem maturidade para esse tipo de ensino. Na visão de Thiago, este é um problema cultural que pode ser resolvido com o tempo.

Thiago Henrique comentou também sobre as desigualdades que existem entre a rede pública e privada



Colégio Projeção de portas fechadas
Foto: Mateus Arantes

de educação. Ele defendeu que os meios de ingresso para universidades deveriam ser cancelados neste período, porque, segundo ele, o Ensino Médio é visto hoje como uma ponte para o vestibular e, nesses termos, os alunos destes dois nichos não estão tendo o mesmo suporte e oportunidade.

A estudante da escola pública CED 11 da Ceilândia, Letícia Alves, de 18 anos, conta que o maior problema que está vendo com as aulas remotas não a atinge pessoalmente, mas sim a alguns colegas dela. “Eu não tenho dificuldades para acessar as aulas, porém existem muitos alunos que não tem condições de ter acesso às aulas online e isso prejudica muito o rendimento escolar do es-

tudante”, disse Letícia. Além disso, ela contou que desistiu de participar do ENEM, em 2020, porque entende que o ânimo é um sentimento importante para fazê-lo. Em entrevista, a estudante disse que nas aulas presenciais os professores conseguiam focar nestes momentos, mas com o formato à distância isso não aconteceu da mesma forma.



Colégio CEMTN de portas fechadas
Foto: Mateus Arantes

Já a estudante da escola particular ESPU COC, Maria Eduarda Veloso, de 17 anos, resolveu tomar uma decisão diferente de Letícia e prestará o vestibular. Maria entende que a escola em que estuda está fazendo todo o possível para deixar a situação mais leve, mas ainda assim o aproveitamento não é o mesmo. “Sim, irei fa-

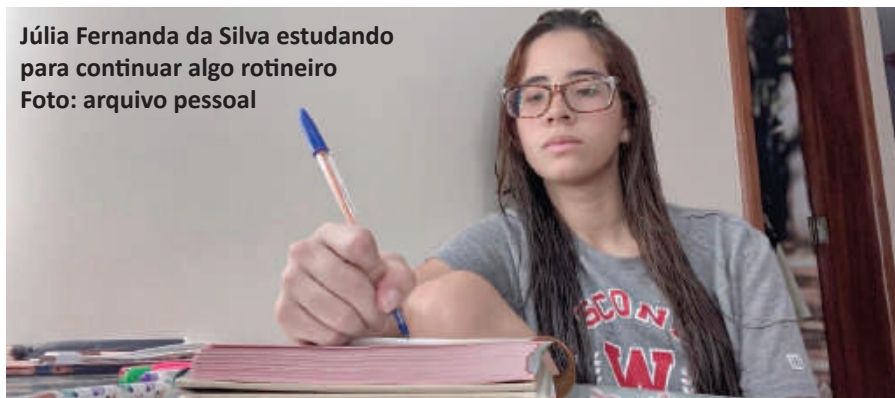
zer o ENEM. Minha preparação está pouca, pois perante essa situação que estamos vivendo meu psicológico e o emocional andam muito abalados, pois o pensamento está em outro lugar bem longe dos estudos. Acredito que sou muito prejudicada por essa situação em que estamos vivendo, pois as aulas online não são o suficiente para suprir todo o conteúdo”, explica.



Colégio ESPU COC fechado pela pandemia
Foto: Mateus Arantes

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) do Ministério da Educação (MEC), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) será adiado de 30 a 60 dias, após votação no Senado Federal (75 a favor, 1 contra). Diante das diversas indagações judiciais e reclamações de alunos em

**Júlia Fernanda da Silva estudando
para continuar algo rotineiro
Foto: arquivo pessoal**

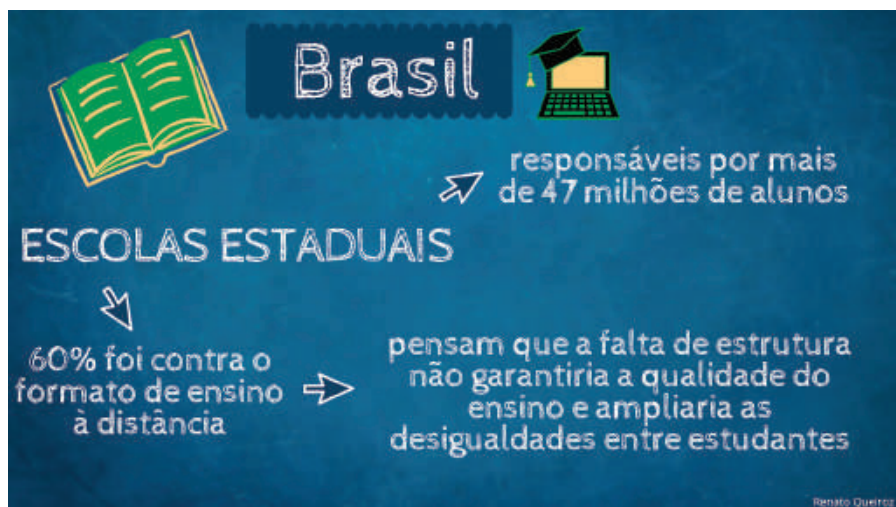


redes sociais, que cobraram o adiamento devido a paralisação de aulas presenciais causada pela covid-19, a nova data será escolhida por enquanto. Ela será realizada apenas com inscritos, e será feita por intermédio do site oficial da prova. Anteriormente, a versão digital da avaliação estava marcada para os dias 22 e 29 de novembro e o modelo tradicional para o dia primeiro e dia oito de novembro, levando em conta o lema “O Brasil não pode parar”.

Saindo do Ensino Médio e entrando no Ensino Superior, as diferenças que observamos são maiores. É o que nos contou a estudante do quinto semestre de Engenharia de Redes de Comunicação da UnB, Júlia Fernanda da Silva, de 19 anos, em entrevista. “As aulas estão suspensas, tanto presencial quanto online, o semestre tam-

bém. Não se sabe ainda quando o semestre vai voltar, se vai voltar ou vai ser cancelado.”

A estudante disse que está tendo aula neste período com um professor que se disponibilizou a ensinar sem qualquer vínculo com a universidade e com cursos relacionados à formação que escolheu. Ela entende que a UnB está fazendo o possível, porque está ajudando em causas relacionadas ao combate à pandemia do novo coronavírus, mas não acha que seja possível manter as aulas para todos os alunos, porque muitos deles não contam com o necessário para estarem amparados por aulas online. “Não acho que seja viável manter as aulas remotas para todos os alunos, porque muitos deles não contam com o necessário para estarem amparados por aulas online”, relatou Júlia Fernanda da Silva.



Arte: Renato Queiroz

Fonte: www1.folha.uol.com.br

Enquanto escrevíamos este capítulo, a maior dificuldade que nós enfrentamos, foi o desânimo. Vimos que somos privilegiados por estar sofrendo apenas com as questões de aulas remotas, neste período, até porque existem locais que não estão tendo aulas de maneira nenhuma.

O sociólogo Bruno Borges diz ser difícil prever as consequências da covid-19 na Educação, pois a pandemia é um fenômeno que está acontecendo no momento presente. No entanto, comenta que, no campo da especulação, especialistas estão levantando alguns fatores, como a

ansiedade e a sanidade desses alunos, pois há relatos nesse cenário de isolamento social. “As próprias cobranças da dinâmica escolar podem potencializar problemas vinculados a saúde mental”, enfatizou o especialista.

Outras discrepâncias relacionadas à Educação

Se a pandemia do novo coronavírus trouxe evidências de que o acesso à internet e às condições de educação colocam os estudantes em lados opostos de um muro metafórico - que é o direito básico à educação ga-

rantida pela Constituição Cidadã de 1988 - outras questões que acabam envolvendo desigualdades começam a se fazer presentes, como por exemplo a cor da pele.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que entre a população preta ou parda de 18 a 24 anos que estudava, o percentual cursando ensino superior aumentou de 2016 (50,5%) para 2018 (55,6%), mas ainda ficou abaixo do percentual de brancos da mesma faixa etária (78,8%). A questão racial está quase sempre ligada à social. Em pesquisa realizada em 2018, a Associação Nacional de Dirigentes das Instituições de Federações de Ensino

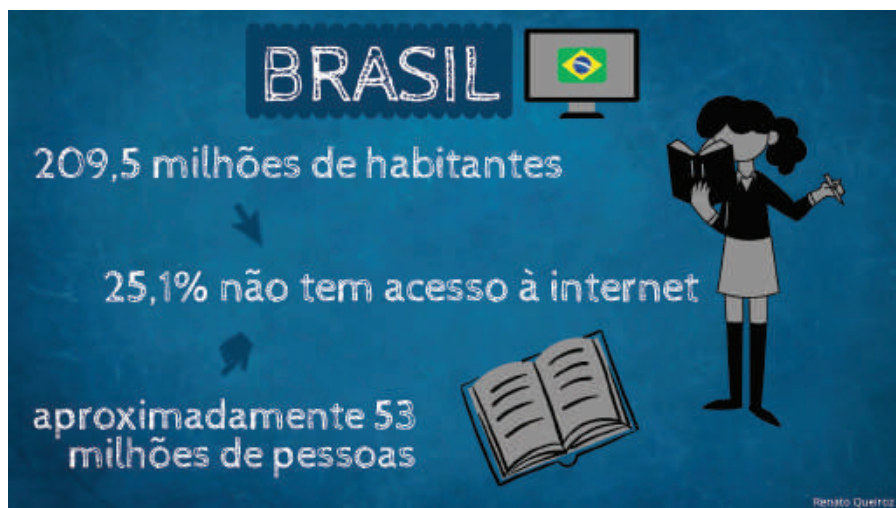
Superior (Andifes) revelou que a maior parte dos alunos de graduação das universidades federais brasileiras vem de família com renda per capita de até um salário mínimo e meio, é parda ou preta, cursou o Ensino Médio em escola pública, e tem pais que não fizeram faculdade. Em 2018, ainda segundo o IBGE, um terço dos jovens candangos não concluíram o ensino médio. Entre negros, o cenário é ainda pior: quatro em cada dez jovens negros não terminam o ensino médio.

Segundo dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), 65% dos alunos do 5º ano do ensino fundamental em escolas públicas não sabem reconhecer um simples quadrado. Esse dado sugere que mesmo em tempos em que não há isolamento social em virtude da pandemia, a educação brasileira é subdesenvolvida.

Ainda de acordo com o IBGE, existe o reflexo disso no mercado de trabalho, os pretos ou pardos representavam 64,2% da população desempregada e 66,1% da população subutilizada. Enquanto 34,6% dos trabalhadores brancos estavam em ocupações informais, entre os pretos ou pardos esse percentual era de 47,3%. O rendimento médio mensal das pessoas brancas empregadas (R\$2.796) foi 73,9% superior ao dos pardos e pretos (R\$1.608). Os brancos com nível superior completo ganhavam por hora 45% a mais do que os pretos ou pardos com o mesmo nível de instrução. E 50% das pessoas vivem com apenas R\$ 413,00 por mês, menos da metade de um salário mínimo, que hoje bate a casa dos R\$ 1.045. Esse valor não permite a uma família comprar os itens necessários

para que o filho tenha aulas virtuais. Dia 29 de julho ficará marcado com a obrigatoriedade pela retomada do ano letivo em colégios públicos. Além de web aulas, os alunos que não têm como acompanhar o ensino remoto poderão receber tele aulas e apostilas impressas, entregues pela escola. A secretaria de Educação definiu o prazo de uma semana para que alunos e responsáveis possam tirar dúvidas e se ambientar à plataforma que será utilizada para as aulas. Especificamente para os estudantes e professores de colégios públicos

do DF, um dado preocupa e pode ser considerado alarmante. Segundo o Sindicato dos Professores no Distrito Federal (SINPRO-DF), em pesquisa realizada entre os dias 21 e 31 de maio de 2020, com mais de quatro mil professores e orientadores sindicalizados e com cerca de dez mil responsáveis, mostrou que cinco mil professores não têm computadores e 127 mil estudantes não contam com internet em casa para discorrer as atividades relacionadas a educação remota.



Arte: Renato Queiroz

Fonte: IBGE

Os dados do IDH são divulgados em relatórios pela Organização das Nações Unidas (ONU). O Índice de Desenvolvimento Humano é um índice composto por três das mais importantes áreas do desenvolvimento humano: vida longa e saudável (longevidade), acesso ao conhecimento (educação) e padrão de vida (renda).

IDH baixo: reúne todos os países que apresentam IDH abaixo de 0,500. IDH médio: países com IDH entre 0,500 e 0,799. IDH alto: países com desenvolvimento humano entre 0,800 e 0,899. IDH muito alto: países cujo índice encontra-se igual ou acima de 0,900. A máxima é de um ponto.

Números assim refletem na posição do Brasil quanto ao índice de desenvolvimento humano (IDH), já que de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), mesmo com um aumento de 24% entre os anos de 1990 e 2018, ocupamos a posição 79 no ranking entre 183 países. Já na América do Sul, o Brasil apresenta o quinto melhor IDH, e está estagnado na posição há três anos. Em Brasília, o contraste social em relação ao IDH é escancarado, prova disso, é que Asa Norte (0,957), Sudoeste

(0,957), Águas Claras (0,956), Noroeste (0,955), Lago Sul (0,955) e a área central de Brasília registraram Índice de Desenvolvimento Humano Metropolitano (IDHM) classificado como muito alto, próximos da pontuação máxima. Já as quadras Q508, Q510 e Q511 do Recanto das Emas, a Q629 de Samambaia e os bairros São Bartolomeu, Tradicional Rua 26 e 27, de São Sebastião, a Vila Estrutural, Aterro do Lixão e Vila Rabelo, em Sobradinho, ficaram entre os piores. Tiveram índice de desenvolvimento de 0,616, considerado médio. Uma diferença enorme e visível em comparação a outras melhores.

**Acesse também o
conteúdo audiovisual:**





Meu nome é Renato Queiroz, 20 anos. Escolhi o Jornalismo porque sonho em trabalhar no meio esportivo, e ser comunicador neste nicho é algo que me encanta. Sou entusiasta de competições e admiro jornalistas que conseguem transmitir emoções competitivas mesmo distante, além disso gosto muito da área do fotojornalismo.



Sou Mateus Arantes, tenho 20 anos. No atual momento, estou estagiando no Aqui DF/Correio Braziliense. Sempre fui apaixonado por cultura e esporte, principalmente por futebol, filmes, séries e músicas. Encontrei no Jornalismo uma forma de me expressar. É uma profissão nobre que mostra a verdade para a sociedade. Para mim, somos como pais e professores, formadores de opinião sem, na maioria das vezes, ser de fato. É um paradoxo que quero levar para a vida.

Vivência 8

*Amanhã está toda a esperança por menor que pareça
O que existe é pra vicejar, amanhã apesar de hoje
Será estrada que surge, pra se trilhar*

*Amanhã - Guilherme Arantes,
Álbum Ronda Noturna, 1977*

UM POUCO DA VIDA EM TAGUATINGA E NO RIACHO FUNDO I

Por Maria Carolina Guimarães e Paloma Cristina Campelo

Taguatinga e Riacho Fundo I são duas Regiões Administrativas dentre as 33 existentes em todo o Distrito Federal. Então, para organizar e cuidar da vida na cidade, cada região possui uma Administração Regional que está vinculada à secretaria das Cidades e representa o Governo do Distrito Federal (GDF) no âmbito dessas regiões administrativas. As Administrações supervisionam e executam programas, projetos e ações de interesse público. Em Taguatinga, há o administrador Geraldo César de Araújo, e, no Riacho Fundo I, a pessoa responsável por gerir e estar à frente da administração, pela segunda vez, é Ana Lúcia de Melo, formada em Administração e Gestão Ambiental.

As administrações regionais, que são braços administrativos do GDF, funcionam como instituições governamentais, em que os gabinetes são

as sedes. Então, cada administração conta com: a Assistência Técnica (ASTEC) que presta orientação jurídica; a Assessoria de Comunicação (ASCOM) que é responsável pela comunicação institucional; a Ouvidoria que garante a participação da população, a transparência e a realização dos serviços públicos; a Assessoria de Planejamento (ASPLAN) que planeja, promove, coordena, monitora planos e projetos referentes ao planejamento estratégico e regional; e a Junta de Serviço Militar, comum na maioria das Administrações Regionais.

Além disso, as administrações são divididas em áreas, como a Coordenação de Administração Geral, Coordenação de Licenciamentos, Obras e Manutenção e Coordenação de Desenvolvimento; e subdivididas em gerências, diretorias e núcleos - todos são voltados para o bom funcio-

namento da Administração Regional. No Riacho Fundo I, por exemplo, ações de cidadania foram organizadas pela Administração, como a doação de cestas básicas para famílias que estão vivendo situação de vulnerabilidade causada pelo período de pandemia. Essa parceria, criada entre o Instituto Pró Educação e Saúde (Instituto Proeza) e a Administração Regional, também distribuiu máscaras e disponibilizou álcool em gel, além de incentivar a doação de mais cestas básicas e de agasalhos para famílias da região.

O distanciamento social trouxe com ele não só a ideia de que realmente estamos passando por um problema grave de saúde, mas também dificuldades econômicas e sociais que afetam a vida de milhares de pessoas pelo Brasil. Neste capítulo, iremos falar sobre duas regiões administrativas do Distrito Federal: Taguatinga e Riacho Fundo I, que estão sofrendo com a pandemia e, por conta disso, a vida de seus habitantes foi diretamente afetada.

Taguatinga: comércio sempre perto de casa

Paloma Cristina Campelo

Taguatinga foi fundada em 5 de junho de 1958 em terras do município de Luziânia – Goiás (GO), na fazenda Taguatinga, a oeste de Brasília. A cidade surgiu devido ao crescimento populacional rápido e desenfreado da Cidade Livre, hoje, Núcleo Bandeirante. Foi o princípio do povoamento da primeira cidade-satélite de Brasília. Em sequência, com o decreto 571/70 de 1970, o governador da época, Hélio Prates da Silveira, reconheceu Taguatinga oficialmente como cidade. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2010, a população de Taguatinga já passa de 250 mil habitantes e a área da unidade territorial chega a 2.437.399 km². Há subdivisões que formam Taguatinga Norte, Taguatinga Sul e Taguatinga Centro, que apresentam setores com quadras residenciais, comerciais e industriais.

Taguatinga Centro, por exemplo, entendemos que é o ponto de encontro onde se localiza boa parte do comércio, com múltiplas variedades. Em Taguatinga Sul e Taguatinga Norte, há vários comércios também, porém podemos destacar que a maioria são casas e apartamentos.



Taguatinga Norte - QNL 10

**Foto: Paloma Campelo,
10 de junho de 2020**

Ao andar pelas ruas de Taguatinga, estou acostumada a sempre ver uma grande movimentação de pessoas, comércio funcionando a todo vapor, movimentação de estudantes [por conta da quantidade de escolas e faculdades espalhadas pela região] e de um grande fluxo de trânsito. Há uma variedade de comércio em cada esquina que passo. Então, sempre que estou andando nas ruas posso ver uma movimentação de pessoas nos supermercados e nas lojas, especificamente em estabelecimentos de roupas e de calçados, como é o caso do Feirão dos Goianos, em Taguatinga Norte, onde há concentração de pessoas. No entanto, ao contrário de antes, devido ao isolamento social, a feira está fechada e, até o momento em que escrevo, por tempo indeter-

minado, porque não é um serviço essencial. Porém, mesmo com as restrições, alguns comerciantes abriram as bancas que ficam do lado de fora, os chamados camelôs.

Desde o início do isolamento social, em março de 2020, encontrei abertas somente atividades importantes para a sobrevivência diária, como farmácias, supermercados, padarias, pet shops e lojas de materiais de construção. No início, as pessoas estavam com medo de sair de casa para realizar as compras essenciais, principalmente, nos meses de março e abril, em que as pessoas respeitavam ainda mais o decreto do GDF. Com a chegada do mês de maio, o que eu pude perceber foi que as pessoas começaram a sair mais para as ruas. E, mesmo com os casos confirmados da doença aumentando, há uma grande concentração de pessoas no centro de Taguatinga, perto da Praça do Relógio, já que agora foram reabertos outros pontos comerciais, como os shoppings. No Pistão Sul, as medidas de higiene estão sendo conferidas a todo momento, como medir a temperatura das pessoas antes de adentrarem as lojas, deixar entrar 2 ou 3 pessoas por vez, e, nas praças de alimentação, não será possível re-

alizer refeições no local, somente por sistema de delivery e drive-thru.

Na feira permanente da QNL, pôde ser reaberta a parte de alimentação, sendo proibido comer no local, e por isso, foi diminuída a quantidade de mesas para que não haja aglomerações. Então, os serviços de deliverys se tornam uma alternativa. Além disso, as óticas e lojas de eletrodomésticos também foram reabertas, como a Star Móveis, o Ponto Frio, a Ricardo Eletro e as Casas Bahia, que ficam localizadas em Taguatinga Norte e Taguatinga Centro.

Um bom exemplo de delivery que está cada dia mais conhecido no Instagram, é o Carcará Burger, localizado no Pistão Sul, em Taguatinga Sul e o Lord Burguer, localizado em Taguatinga Norte. O dono do Carcará Burguer, Thiago Henrique Rodrigues, de 34 anos, tem feito cada vez mais uso da ferramenta para promover sua lanchonete e tentar alcançar o público através de encomendas entregues em casa. O proprietário da hamburgueria, que está há cinco anos no mercado, também é morador de Taguatinga e acredita estar vivendo a sua maior dificuldade até

**Feira Permanente da QNJ -
Taguatinga Norte**
Foto: Paloma Campelo,
10 de junho de 2020



então. Afinal, o fluxo de clientes diminuiu, estão vendendo menos do que a metade do que estavam acostumados, e o aplicativo de celular Ifood ainda fica com 25% das compras vendidas. Para ele, as perspectivas são de tentar pagar todos os funcionários e, apenas no ano que vem, se recuperar das dívidas.

Entrevistei outro proprietário de lanchonete, o Gustavo Henrique Silva, de 27 anos. Sua hamburgueria – Lord Burger – foi criada em 28 de outubro de 2016. A loja em Taguatinga possui dois anos e 4 meses e Gustavo mora em Vicente Pires, região administrativa próxima de Taguatinga. Segundo ele, como empresário, em meio à pandemia do coronavírus, é necessário focar totalmente no delivery, ainda que seja difícil, devido à concorrência. Entretanto, o lado bom para ele, é que o fluxo aumentou bastante, em razão dos descontos oferecidos pelos aplicativos. Para os próximos meses, a sua perspectiva é de baixa no faturamento e de que isso continue por mais alguns meses.

O que chama a atenção na cidade

Em Taguatinga, o que mais chama minha atenção é a quantidade de

comércios como feiras e shoppings que vendem de tudo: cosméticos, roupas, alimentos. Tudo o que uma pessoa precisar comprar, consegue encontrar em um estabelecimento perto de casa. O lado ruim, é que nas ruas há vários problemas, como buracos e condições adversas da via, principalmente na rua perto do Senai e do Pistão. Notei, também, que a administração regional não ficou trabalhando muito por esses locais e já tem um bom tempo que está assim, prejudicando os automóveis que passam e até mesmo as pessoas a pé que podem se acidentar.

Moro em Taguatinga há exatamente 20 anos, sempre morei na mesma residência e posso dizer que cresci junto com Taguatinga. Assim, uma das coisas que mais mudou na minha região, desde aquela época, foram os calçadões da QNL e QNJ, pois antigamente não tinham muitos locais para realizar caminhadas, corridas, ou passear ao ar livre, somente as ruas por onde andam os carros. De uns tempos para cá, começou a aumentar a quantidade de calçadões, visto que sempre tem um supermercado ou uma farmácia perto da casa das pessoas e, por isso, muitos preferem ir a pé, até por ser mais se-

guro caminhar pelas calçadas do que pelas ruas. Desde há um bom tempo, em meados de 2009, existiam muitas Lan Houses espalhadas pelas cidades, pois a tecnologia não era muito avançada. Além disso, muitas pessoas não tinham computadores em suas casas e pagavam para mexer na internet em lojas próprias para isso. Hoje em dia, é muito raro ver alguma Lan House, já que agora as pessoas utilizam a internet de suas próprias casas.

De perto, posso acompanhar o fluxo diário de pessoas e veículos nas ruas, principalmente na parte da manhã e da tarde nos dias de semana. Há aqueles indivíduos que precisam ir ao serviço e se destinam até o local desejado, e há aqueles trabalhadores especializados que limpam as ruas, recolhem o lixo, consertam algo se estiver ruim, como a Companhia Energética de Brasília (CEB) e a Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB). Neste ano, notei também que está acontecendo várias obras na rua onde moro, na QNL.

O comércio em geral ampliou bastante e começa a retornar aos poucos. Percebo o cuidado que os fun-



cionários têm com os seus clientes, a partir do momento em que há fiscalização de seguranças, que impedem a entrada de pessoas que estão sem máscara e medem a temperatura das pessoas com laser, pois, quem estiver com temperatura muito alta, nem sequer poderá entrar no estabelecimento. Outro local que foi autorizado a ser reaberto recentemente foram os shoppings centers, onde também há a mesma higienização, álcool em gel disponibilizado pelos corredores, exigência do uso de máscaras, e, quem trabalha na loja, deve ser submetido ao teste da covid-19 de 15 em 15 dias para que não corram o risco de contaminar pessoas que comparecerem no local. As feiras também continuam com as atividades paradas, podendo abrir apenas as permanentes e as de



EQNL 05-07 Taguatinga Norte
Foto: Paloma Campelo,
10 de junho de 2020

produtos alimentícios. Os salões de beleza e estética, em geral, e as academias ainda não foram liberados. Assim como boates, bares e casas noturnas que sempre foram a diversão dos moradores aos finais de semana e que viviam lotados.

Ainda que fechados, por conta do distanciamento social, é importante ressaltar que Taguatinga também conta com espaços de cultura e lazer. Localizados em diversos pontos da cidade, os espaços culturais do Serviço Social do DF (SESC) são responsáveis por proporcionar à população acesso à cultura de qualidade. Eu mesma já frequentei bastante um desses locais, na área de clubes, aos finais de

semana e, para entrar, é preciso pagar um valor determinado e realizar exames. Os espaços culturais estão sempre recebendo grupos de teatro, dança e música. Atualmente, perto de Taguatinga também encontramos outros espaços culturais: Espaço Paulo Autran em Taguatinga Norte e Sesc Newton Rossi na Ceilândia Norte.

Em meio à essa pandemia, estive saindo somente para os supermercados e padarias para realizar as compras para casa, e, de vez em quando, procuro me exercitar com alguma atividade física ao ar livre, como por exemplo, realizar caminhadas, já que em Taguatinga têm muitos calçadões, e, nessa época, muitas pessoas estão caminhando ou fazendo corridas, uma vez que as academias estão fechadas. Em Taguatinga, também são constantes as reuniões com várias pessoas incluindo parentes e amigos, um indo na casa do outro. Muitos, inclusive, desrespeitando o decreto sem a utilização das máscaras, e sem manter uma distância segura de quem está por perto. Isso não é só dentro de casa, nas ruas continua acontecendo da mesma forma.

Este período de isolamento social está sendo uma tarefa muito difícil, não só aqui em Brasília, como no mundo inteiro. Os dias incertos desde março preocupam a população, visto que as pessoas não têm mais aquele conforto em sair de casa para realizar seus afazeres. Estamos, dia após dia, com a expectativa de que tudo isso passe logo para que as pessoas, que dependem do comércio, possam voltar a trabalhar e a garantir seu sustento. Por fim, espero que todos voltem à vida como sempre foi.

Riacho Fundo I: um bom lugar para se viver

Maria Carolina Guimarães

Às margens do Ribeirão Riacho Fundo, uma vila residencial para os funcionários que fizeram parte da construção de Brasília fora construída, dando início à Região Administrativa XVII. No dia 13 de março de 1990, 30 anos após a inauguração de Brasília, o Governo do Distrito Federal (GDF), para acabar com as favelas na periferia da cidade, loteou a Granja do Riacho Fundo, transferindo para cá moradores de diversos bairros e principalmente do antigo acampamento da TeleBrasília, localizado na

Asa Sul. O dia 13 de março passa então a ser o aniversário do Riacho Fundo. Com a Lei nº 620/93 e o Decreto nº 15.514/94, o assentamento passou a ser considerado Região Administrativa, que sofre nova divisão territorial, em 1994. Em 2003, essa nova divisão se tornaria o Riacho Fundo II, a Região Administrativa XXI, por intermédio da Lei nº 3.153.

O Riacho Fundo é uma Área de Preservação Ambiental (APA), por conta da sua contribuição ecológica, por



ser cercado de nascentes de diversos córregos - incluindo o córrego Riacho Fundo - e por sua diversidade na fauna e flora nativos do cerrado e que podem ser preservados. A localidade foi, por muito tempo, a Residência Oficial dos Governos Militares, mais tarde, se transformando no Instituto de Saúde Mental (ISM), que funciona até o momento. A RA XVII possui atualmente cerca de 50 mil habitantes entre área urbana e rural. A área rural é composta pela Colônia Agrícola, pelo Combinado AgroUrbano - CAUB

1 e por outras áreas isoladas. Sua área territorial tem 56,02 km² e a cidade conta com uma diversidade de comércio, feira permanente, skate park, praças, diversas quadras de esportes e academias ao ar-livre, shopping, pista de cooper, parquinhos e muito mais.

É visível o gosto de se morar na região. Andando pelas ruas do Riacho Fundo e conversando com moradores locais, vizinhos e amigos, recebi muitos feedbacks positivos. É uma região que engloba grande extensão de área e garante aos moradores o acesso fácil as atividades que lhe forem necessárias. Um dos locais mais falados e comentados por todos daqui é o parque ecológico vivencial do Riacho Fundo I, criado em 1997, pelo decreto da Lei 1705/97 que abrange uma área de 480 hectares e é classificado também como Área de Preservação Ambiental (APA), ou seja, outra parte do Riacho também é de preservação local. Várias espécies de animais vivem no parque e são vistos pela população, como jaguatiricas, macacos e peixes, e conta com uma grande extensão de mata, garantindo a diversidade biológica da fauna e flora locais. É o local que proporciona um grande contato com a natureza e



Avenida Central do Riacho Fundo 1
Foto: Maria Carolina Guimarães,
20 de junho de 2020



Parque vivencial do Riacho Fundo I

Foto: Maria Carolina Guimarães, 20 de junho de 2020

com o meio ambiente além da recreação e lazer à população.

A vida antes da pandemia

Moro no Riacho Fundo XVII há exatamente 14 anos. Como moradora e frequentadora dos espaços pude acompanhar o crescimento da cidade com o comércio, as ruas sendo asfaltadas e a construção do primeiro shopping da região. O shopping, mesmo sendo pequeno, é conside-

rado aconchegante e um dos lugares mais agradáveis para o lazer e a distração, com lanchonetes, restaurantes franqueados, como: Frango no Pote, Subway, Sushiloko, Chiquinho Sorvetes; bares, academia, serviços públicos, como o Na Hora, além de ser um centro empresarial que fornece salas de escritório para aluguel. No site, é possível encontrar maiores informações sobre o shopping.

Acompanhei de perto o aumento di-



Shopping Mall - Riacho Fundo I

Foto: Maria Carolina Guimarães, 20 de junho de 2020

ário no fluxo de carros e de pessoas, o crescimento e variação do comércio que torna a cidade completa com diversos tipos de serviços e opções, de supermercados a mercadinhos pequenos, farmácias, salões de beleza, lojas de roupas, verdurões, barraquinhas ao ar livre de verduras e ovos, academias, escolas, bares, distribuidoras, bancos, fórum, dois postos de saúde, papelarias, quadras de esporte, academias, parquinhos infantis e principalmente, a varieda-

de em opções de alimentação, entre lanchonetes, restaurantes e os modernos *food trucks*.

Em dias comuns, é possível ver a movimentação diária de moradores nos comércios e nas ruas, o fluxo de carros e os trabalhos que vêm sendo mantidos e realizados pela Administração local, mesmo com a pandemia, como a coleta de lixo e manutenção das ruas. Para entender melhor a opinião dos moradores – além da mi-

nha visão como moradora – conversei com Alzira Delfina Freitas, de 68 anos, moradora do Riacho há quase 18 anos. Ela conta que, como moradora, não tem reclamações sobre a vida que leva no bairro. Para ela que está na terceira idade e precisa se locomover pelas ruas a pé para realizar suas tarefas diárias, as dificuldades enfrentadas são poucas. “O comércio é variado, tudo que eu preciso, eu consigo comprar, é pertinho de casa. As pessoas aqui, que moram perto da gente, são sempre educadas e ajudam uns aos outros. A gente se conhece há muito tempo, isso conta muito numa vizinhança”, conta Alzira que mora com a filha mais velha e acaba ficando sozinha na maior parte do tempo.

Com a procura e a variedade, o Riacho Fundo é reconhecido por parte dos moradores e por mim como um bom lugar para se viver em bairro. A Administração peca apenas na área da cultura. Há poucos incentivos para eventos e, até mesmo, o acesso ao espaço cultural local é dificultado. Poderia ser mais efetivo e promover constantemente eventos, palestras, shows, teatros, formas que incentivem a cultura na região.

O nosso parque ecológico permite o acesso para exercícios físicos e para o lazer da população. À noite, o fluxo intenso de pessoas nas ruas continua, e as opções de lazer são infinitas. Bares com música ao vivo, restaurantes, lanchonetes e os mais conhecidos *food trucks* que ficam localizados no “quadradão”- local que possui um espaço grande e quadrado, se encontra no meio da cidade e, por isso, recebe esse nome. No Quadradão, há uma imensa variedade de comidas e é o maior atrativo das pessoas que frequentam a região.

A vida com a pandemia

Hoje, com o momento em que estamos vivendo, essa realidade passou a ser diferente. O decreto sobre isolamento social no GDF, iniciado em 11 de março de 2020, fez com que grande parte desses comerciantes fechassem suas portas, impossibilitando muitos a trabalharem e saírem nas ruas. Os primeiros dias não foram fáceis. O isolamento foi parcialmente considerado por uma boa parte da população, e o grande fluxo de pessoas andando pelas ruas da cidade, que antes era normal, nas primeiras semanas, tornou-as desertas. Sem movimentação, comerciantes locais precisaram pensar em

formas de continuar trabalhando sem prejudicar a saúde de seus funcionários e clientes.

Ingrid Silva, que mora há 10 anos, em Kanegae, região rural do Riacho Fundo XVII, teve seu negócio prejudicado nas primeiras semanas, já que com o decreto precisou interromper as atividades presenciais. Ingrid trabalha com a venda de legumes e verduras em uma feirinha que ocorre no estacionamento do restaurante Giraffas - e que se tornou hábito para os moradores, assim como eu, que frequente e sou cliente. Para enfrentar esse momento difícil e incentivar seus clientes a permanecerem em casa, ela, que é conhecida por muitos na região, passou a fazer entregas, mandando as opções e valores para os clientes pelo WhatsApp, e seu irmão ficou encarregado de realizar as entregas nas casas dos consumidores. “Pensamos nas entregas para conseguir permanecer com o serviço, para continuar atendendo a demanda e para não perdermos mercadoria”, enfatizou Ingrid que explica que o que vende é tudo colhido por ela. “É o meu produto e eu teria ainda mais prejuízos vendo tudo estragar, é a renda da minha família”, conta a microempresária.

Com a proibição das atividades consi-

deradas não essenciais, comerciantes e moradores locais, com pouco mais de um mês de paralisação, já sentiram na pele os efeitos provocados pelo vírus. Conversando com a funcionária de uma das cinco maiores academias da região, Neda Alves, de 48 anos, que realizava os serviços de limpeza gerais do estabelecimento, viu de perto seu desespero em ficar desempregada. Por sorte, pode contar com a ajuda de familiares e amigos próximos para se manter, já que o local que trabalhava resolveu dispensar seus empregados por não poderem abrir as portas. Hoje, declararam falência.

Restaurantes, lanchonetes, e até mesmo *food trucks*, passaram a realizar ainda mais a opção do delivery e se associarem aos aplicativos de entrega, para evitar as aglomerações. O primeiro mês era visível que as pessoas estavam se dedicando ao isolamento social, permanecendo longe das ruas e somente serviços essenciais estavam funcionando. Com a flexibilização do Decreto, a imagem começou a mudar. Aparentemente o isolamento passou a não ser tão considerado pelos moradores, já que muitos resolveram voltar às ruas. Por aqui, vejo todos os dias, ao sair de casa para realizar tarefas necessárias, que a movimentação está cada

vez maior. Algumas atividades que antes estavam proibidas, como a feirinha realizada pela Ingrid, e outros trabalhadores, voltou a funcionar normalmente. Mas, claro, com os cuidados necessários para manter o serviço e a saúde de todos.

Por aqui, as coisas vão se “normalizando” a cada dia. E as pessoas aparentemente não se mostram mais tão preocupadas com a doença, já que estão se expondo mais nas ruas da cidade. Vemos isso por conta do fluxo de pessoas que tem voltado a ser grande todos os dias. Estamos passando por um período de adaptação e algumas das atividades puderam retornar e devem ser mantidas, mesmo que a situação da doença esteja instável no país. O pedido de grande parte dos comerciantes é para a reabertura total do comércio, pois, para muitos, é a sua única forma de sobrevivência.

O parque ecológico vivencial criado, em 1997, é frequentado por grande parte dos moradores da região, além do famoso “calçadão”, onde costumam praticar exercícios, tem estado movimentado. Com o decreto, houve o fechamento desse parque ecológico e das academias, e então, para praticarem seus exercícios, as pessoas

passaram a realizar suas atividades ao ar livre, o que, por aqui, tem causado muitas aglomerações. Ainda mais agora com as flexibilizações.

Ao sair de casa para realizar tarefas como ir ao mercado e à padaria, tenho visto cenas assim: calçadas e pistas de cooper lotadas, equipamentos para malhação ao ar livre cheios e, mesmo com as restrições, o uso de máscara obrigatório e o distanciamento, a situação passa a ser muito preocupante. Para todos, não tem sido fácil, já que o Distrito Federal já passa dos 44 mil casos confirmados da doença e chega a pouco mais de 540 mortes até o dia 29 de junho de 2020.

O distanciamento social, mesmo que necessário, tem trazido desafios diários. Por exemplo, a busca por se manter empregado, manter seus funcionários e, até mesmo, seu negócio funcionando. A esperança de todos é o retorno das atividades em breve e, enquanto isso, fica a incerteza, a insegurança e a espera. Esperar que o tempo passe, para que, aí sim, consigamos ver os estragos causados pelo vírus não só na saúde e nas mortes, mas também na economia, no desemprego, nos comércios, que talvez não consigam mais abrir suas portas.

**Acesse também o
conteúdo audiovisual:**





Me chamo Maria Carolina Guimarães, 23 anos, estudante de Jornalismo do 5º semestre pelo UniCEUB. Escolhi o Jornalismo por me identificar com a área da comunicação, por sempre gostar de escrever e editar, além de ser encantada pela fotografia, próxima área que pretendo agregar conhecimento.



Meu nome é Paloma Cristina Campelo. Tenho 20 anos e sou estudante do 5º semestre de Jornalismo do UniCEUB. Escolhi o Jornalismo por ser o curso que mais se parece comigo. Desde pequena já gostava de escrever e de assistir aos telejornais e foi isso que inspirou a me interessar pela área da Comunicação Social, especificamente pelo telejornalismo.

TRANSPARÊNCIA DO PROCESSO DE APURAÇÃO DO CAPÍTULO 2: IDOSOS EM ASILOS, ISOLAMENTO E SOLIDARIEDADE, POR THAYSSA VIDAL.

A entrevista com Lorena Sidor e Rodrigo Lima foi obtida através do endereço de e-mail de ambos os lares, que estava disponível no site institucional de cada um.

A entrevista com a professora Viviane Ximenes foi feita pelo Whatsapp, o número me foi passado através de de pessoas da minha família que tinham o contato.

Para encontrar um fisioterapeuta, eu procurei algumas pessoas conhecidas que estudam na área de fisioterapia e perguntei se tinham algum contato para me passar, e uma delas, a Luana Guimarães, me indicou a Alessandra Prieto, que inclusive é professora de fisioterapia no CEUB.

Já Juliana Barcelos faz atendimento na mesma clínica de atendimento psicológico que eu frequento, encaminhei as perguntas por Whatsapp e ela foi super solícita em me responder.

Lorena Sidor – Assistente Social – Lar dos Velhinhos Maria Madalena - Data da Entrevista: 21/05/2020

O quanto a falta de doações tem afetado o abrigo? Qual foi o impacto disso no local e como vocês com a questão?

No início da pandemia tivemos uma queda de mais de 80% nas doações, mas agora já nos estabilizamos mais. Na verdade, logo depois que teve a queda tivemos um pico, com toda aquela mobilização da mídia e das pessoas, mas agora voltamos a nos estabilizar e estamos mais ou menos na linha do que era antes.

Como estão sendo estimuladas as doações? As pessoas têm se solidarizado para doar mesmo diante da pandemia?

No LDVMM além dos meios de doação comum, outros recursos estão sendo disponibilizados, como o boleto bancário para tornar-se um doador contínuo sem necessidade da pessoa sair de casa para realizar a doação.

Rodrigo Lima – Coordenador Administrativo - Lar São José – Casa do Candango - Data da Entrevista: 25/05/2020

O quanto a falta de doações tem afetado o abrigo? Qual foi o impacto disso no local e como vocês com a questão?

Inicialmente estivemos muito afetados devido a falta de suprimento para os idosos, mas depois de uma reportagem feita pela Rede Globo, as pessoas se sensibilizaram e começaram a nos doar alimentos, produtos de limpeza, equipamento de proteção individual, entre outros recursos para conseguirmos manter a instituição de maneira a se ter maiores recursos.

Como os idosos estão se sentindo perante a regra de não receber visitas no abrigo? O que os funcionários têm feito para ajudá-los a lidar com a sensação de solidão nesse momento?

Infelizmente como nosso público de trabalho é o mais afetado, todos residentes estão sem ver seus familiares pessoalmente, para minimizar essas questões quanto a saudade dos familiares, fazemos videochamadas via Skype para que os mesmos possam se manter atualizados quanto aos procedimentos e quadro de saúde dos idosos.

Algumas pessoas têm levantado doações por conta própria para ajudar o abrigo. Quem são essas pessoas? Como elas tem recolhido e entregue as doações evitando contato pessoal?

Recebemos doações de grupos e de pessoas que nos doam esporadicamente, temos também a comunidade que já conhece as nossas necessidades que nos ajudam no trabalho de divulgação de nossas necessidades.

Como estão sendo estimuladas as doações? As pessoas têm se solidarizado para doar mesmo diante da pandemia?

Através de nossas redes sociais e por intermédio das emissoras de rádio e TV locais.

Neste momento temos recebido doações de maneira que estamos conseguindo nos manter, o nível de doação se elevou nos meses de março e abril, já no mês de maio teve uma baixa, mas já estamos fazendo campanhas para que consigamos dar o suporte da melhor forma possível.

Pedro Galvão – Doações Lar dos Velhinhos Bezerra de Menezes - Data da Entrevista: 02/05/2020

Me conta um pouco sobre as doações que você fez e como foi o processo.

Não fui eu quem chefiou a doação, na verdade. Foi feita em conjunto com mais dois colegas do curso de Publicidade. Quem organizou mesmo foi um amigo meu, o Arthur. Não teve exatamente um motivo. O Arthur sempre ajuda lá. A gente só soube que eles estavam sofrendo muito com a falta de doações e nos mobilizamos para ajudar. Nós divulgamos isso no Instagram, mas infelizmente pouquíssimas pessoas ajudaram. Na divulgação fomos eu, ele e mais um amigo. No total acho que foram doze pessoas que ajudaram, ou algo assim. No fim das contas nós juntamos o dinheiro total e ele (o Arthur) foi ao mercado e comprou várias coisas como cestas básicas, itens de higiene, etc... E levou tudo lá para o local.

Dinalva Oliges – Artista – Doações Lar dos Velhinhos Maria Madalena - Data da Entrevista: 25/05/2020

Como surgiu a ideia de fazer quadros em troca de doações e desde quando você está fazendo isso? Foi você quem procurou o Lar de Velhinhos ou o contrário?

A ideia de fazer quadros em troca de doações surgiu depois de ficar uns 4 anos desmotivada com a arte mas ao mesmo tempo não querendo abandonar de vez. Depois de muito refletir consegui resgatar algo que poderia me motivar a continuar. Essa motivação é exatamente fazer algo para ajudar o

próximo. Sempre fiz esse trabalho aqui em Brasília. Iniciei em 2003 com um pequeno ateliê e tão logo percebi a necessidade e o interesse das pessoas que não tinham condição de pagar por aulas. Ofereci bolsas para jovens carentes, onde eu dava as aulas de pintura e fornecia todo o material para que eles pudessem desenvolver suas habilidades e se descobrirem como artistas. Escolhi o Lar dos Velhinhos porque desde a infância sempre tive uma proximidade muito grande com os idosos e sou muito observadora da rotina e do cotidiano deles. Consigo extrair da longa experiência de vida de cada um, um grande aprendizado que busco levar para a minha vida enquanto ainda jovem e também pensando no futuro. A partir do momento que os vejo no Lar tenho a certeza que para muitos idosos só lhes resta receber ajuda e que oferecê-la já é um afago mesmo que inconscientemente.

Como tem sido a adesão? Você tem conseguido muito retorno nas doações?

O propósito das doações para o Lar seria mesmo para ajudar a instituição e incentivar outros artistas e artesãos a despertar um olhar à solidariedade voltado para entidades que prestam um serviço grandioso e extremamente necessário para a sociedade. Acredito que obtivemos um bom retorno junto a instituição.

Como está o seu trabalho (enquanto artista) nesse momento de pandemia?

Neste momento tenho buscado inspiração para voltar a desenvolver meu trabalho voltado para a solidariedade em maior proporção, não para alimentar o ego ou elevar meu nome como artista, mas para expressar minha gratidão pelo dom que Deus. Acredito que posso usar minhas habilidades como artista para servir as pessoas e isso não tem preço.

Você faz ou fazia antes mais algum tipo de trabalho voluntário nesse sentido?

Sempre fiz trabalhos assim com pessoas carentes, também com jovens e crianças. Levo a arte até as escolas públicas, instituições e casas de apoio e sempre sou surpreendida com a descoberta de grandes talentos. Também no Parque de Águas Claras, sempre que posso, gosto de desenvolver um trabalho com crianças, adultos e idosos. Também na ABAC já fiz um trabalho

com as mulheres que fazem tratamento de câncer e que tento levar leveza à elas para enfrentar a situação através da arte. E assim vou prosseguindo e levando a arte ao alcance das pessoas.

Viviane Ximenes – Doações Lar dos Velhinhos Maria Madalena - Data da Entrevista: 27/05/2020

Como surgiu a ideia de fazer as doações para o Abrigo?

Tudo começou em um belo dia em que eu acordei e pensei “Meu Deus, o que será que eu posso fazer nesse momento tão trágico que a gente está passando?”. E aí, eu já tinha visto algumas matérias na televisão com relação às necessidades que os idosos que moram nesses locais estavam passando. E que realmente as doações tinham diminuído. Eu conheço essa situação. Então resolvi ir para o computador, elaborei cartazes sobre o assunto, coleí nas portarias do prédio pedindo doações para os condôminos do prédio e aí eles ficavam de me interfonar ou deixar na caixa que eu depusitei na guarita do prédio. A adesão foi boa. Eu esperava mais, mas ainda assim foi boa. As pessoas até hoje perguntam se eu ainda estou fazendo e eu digo que podem me entregar que eu posso levar até lá de novo... E foi mais ou menos assim.

O que foi doado?

Foi bastante coisa. Alimento, materiais de limpeza... Consegui levar um carro cheio de coisas.

Você fez doação para mais algum local?

Enquanto eu arrecadava, uma coisa que eu percebi foi que muita gente não ajuda porque nessa situação que estamos vivendo algumas pessoas realmente não tem certeza do amanhã e tem medo de realmente passar necessidade. Como é que eu tiro um pacote de arroz pra doar se amanhã eu posso acabar ficando sem ter pra comer? Acabei observando que lá na escola onde eu trabalho algumas famílias de alunos estavam passando por necessidades também. Então me juntei com o corpo de professores, arrecadamos um valor em dinheiro e compramos algumas cestas básicas e dis-

ponibilizamos para essas famílias mais carentes que nós percebemos nesse momento de pandemia. Às vezes a gente não percebe que quem precisa de ajuda está bem ali na nossa convivência também.

Alessandra Prieto – Fisioterapeuta - Data da Entrevista: 12/06/2020

Você acha importante que todo idoso faça algum acompanhamento com um fisioterapeuta?

Sempre. O envelhecimento causa alterações fisiológicas e um profissional, como o fisioterapeuta, pode ajudar e minimizar os efeitos deletérios desse processo

Observamos que o tratamento em muitos idosos era mais no sentido de recuperar ou simplesmente fortalecer movimentos simples, como o de levar o garfo até a boca, etc. Entretanto, no momento em que a pandemia começou e os fisioterapeutas pararam de ir até o abrigo, alguns idosos regrediram nesse sentido.

Falando como especialista, o quanto você acha que essa pausa por tempo indeterminado no tratamento pode afetar na vida dessas pessoas?

Pode afetar a independência funcional, levando o idoso a ficar cada vez mais sedentário, deixando de participar das atividades de vida diária e, em algumas circunstâncias, sofrendo os efeitos prejudiciais do imobilismo.

Qual seria, na sua opinião, alguma solução possível para essa situação (de pessoas idosas sem tratamento) nesse momento de pandemia?

Com todos os cuidados de contágio, algumas instituições estão se adequando no atendimento ao idoso, voltando aos atendimentos habituais o mais precoce possível.

Há algum tipo de exercício padrão que é importante para toda pessoa nessa idade um pouco mais avançada e que esses abrigos poderiam estar aderindo caso não possam ter esses profissionais presentes até o fim da covid-19?

Exercícios de mobilidade, auto-alongamentos e alguns momentos de caminhada ao ar livre, além de, pelo menos, 15 a 20 minutos de sol por dia.

Mesmo que haja regressão no tratamento nesse momento, é possível que depois, com a volta dos profissionais, a perda seja compensada e essas pessoas recuperem o que foi perdido?

Sim, com certeza, nosso sistema nervoso tem alta capacidade de se adaptar, inclusive nas pessoas idosas.

Psicóloga – Juliana Barcelos - Data da Entrevista: 27/05/2020

O quanto você acha que a pandemia tem impactado na saúde mental das pessoas e como você tem percebido isso nos pacientes?

Eu tenho visto que tem aparecido de uma forma bem significativa pois as pessoas foram tiradas das suas rotinas e estão aprendendo a lidar com novas rotinas tanto de trabalho, quanto no núcleo familiar, e isso tem mexido muito com os seres humanos. Isso gera muita angústia, devido a dificuldade de estar isolado, à solidão, à incerteza acerca de quando isso tudo vai acabar, e o incerto deixa as pessoas mais angustiadas mesmo. O que tenho dito é para as pessoas tentarem se acalmar, entenderem que por mais que a gente não saiba quando, isso vai passar, e compreender que há momentos que a gente precisa parar um pouco mais pra refletir, pra se colocar no lugar do outro, pra entender que nem tudo funciona no nosso tempo... E talvez o momento seja esse. Mas eu vejo sim muito medo no geral. Isso está bem a florado.

O quanto o isolamento ou o distanciamento social pode afetar na sensação de solidão, na sua opinião?

Pode afetar muito. Porque as pessoas precisaram se isolar. Eu vi inclusive algumas famílias que por trabalharem na linha de frente, acabaram precisando se afastar. Isso pode ter muitos danos. É por isso que na minha opinião é muito importante essa comunicação à distância, as videochamadas, as ligações por voz mesmo... Os idosos, principalmente, muitas vezes não tem

o mesmo costume ou sequer o mesmo conhecimento tecnológico que nós temos em relação a mensagens de texto. Então é importante que a gente se faça presente. É importante lembrar que a gente precisa falar. Ouvir a voz da outra pessoa. Mostrar que a gente está aqui. Nesse momento, por mais que a gente tenha muitos afazeres, é importante que a gente não esqueça do outro. Principalmente daqueles que podem estar sentindo mais falta e se sentindo mais sozinhos.

Você acredita que, em idosos, esse problema é diferente ou mais intensificado? Se sim, por quê?

Eu acredito que no idoso isso é mais intenso. Porque muitos idosos, principalmente nesse caso de idosos que estão lá abrigados, houve um afastamento da família no sentido de visitas, etc. Eles estão somente na companhia de pessoas que moram ali com eles. Essas visitas são muito importantes, algo que eles esperam muito. Para eles, isso é muito ruim. Eu já peguei alguns pacientes que não conseguem entender muito bem que o outro que pode simbolizar risco pra ele, e não o contrário. As vezes eles falam algo como: “Mas eu não estou doente. Por que ele não vem me visitar?” Entende? Sendo que o risco maior é o contrário. Fora que alguns já tem certo comprometimento cognitivo, e não compreendem totalmente a gravidade do que está acontecendo. E mesmo para os que estão entendendo, a solidão vem de forma avassaladora, porque eles deixaram de sair de casa para realizar as atividades de ginástica, de pintura, de dança, da igreja, as caminhadas na praça... Que eram as distrações do dia a dia, sabe? Então a depressão ela pode ficar muito aflorada.

E, para você, quais seriam as possíveis formas de lidar ou amenizar essas questões?

Para mim, a resposta é a família. São as pessoas que mais podem ajudar nesse momento. Ligando, mandando cartinhas, encontrando alternativas para que o idoso possa se distrair, ouvindo mais... Precisamos ouvi-los. Porque às vezes nós só queremos falar e não estamos dispostos a ouvir o que eles têm a dizer por acharmos repetitivo ou algo do tipo. Precisamos ser mais pacientes, fazer menos críticas, ouvir mais. É realmente ter paciência

pra estar presente de uma maneira mais leve e tranquilizar essas pessoas nesse momento.

Morador do Lar dos Velhinhos Maria Madalena - Luiz Gonzaga - Data da Entrevista: 29/05/2020

Como tem sido aí dentro, vô? Como você está se sentindo?

Estou bem. Não é as mil maravilhas, né? Ainda mais agora, com essas visitas assim. Mas ainda tem tido algumas atividades aqui, estou participando do bingo de vez em quando. Só um dia desses que eu caí.

Como assim caiu?

Dormi no banquinho e caí pro lado. A moça até chamou o samu, mas não foi nada sério. Fiquei com galo na cabeça uma semana. (Risos)

Entendi... E as pessoas? Como estão aí dentro com essa pandemia?

Ah, está indo, filha. Fizeram teste em todo mundo aqui, mas eu até hoje não soube se eu tenho ou não a tal da doença, e olha que já tem um bom tempo. Estão construindo uma ala ali atrás só pra isolar quem for diagnosticado com coronavírus (ele disse isso apontando em uma direção) acho que ia ficar pronto por esses dias, mas nem sei direito como é lá. Tô doido pra acabar esse trem (corona) logo, porque complicou mais ainda por aqui. Mas semana passada mandei fazer uma máscara pra mim. A gente pode escolher como quer a nossa. Mandeí fazer a minha do vasco. Já estão tirando sarro (risos). Mas eu nem ligo. Acho que fica pronta hoje.

Fora isso, só estou um pouco enjoado da comida, então não tenho jantado. Como só pão com ovo, umas 18h, todos os dias. Depois só como no outro dia. Não quero, não tem jeito, enjoiei mesmo. Mas dizem que a imunidade tem que estar boa pra gente não pegar o corona, porque não pode gripar.

E você tem tido com quem conversar quando não podemos vir ou ligar? Como é a divisão dos quartos?

É... É aquela coisa, né. A gente sempre esteve meio isolado aqui na verdade.

Com pandemia então...

Eu divido o quarto com mais uma pessoa. É tranquilo. É consciente. A gente conversa às vezes. Converso muito com os técnicos de enfermagem. São os mesmos todo dia. Mas é ruim. Com o isolamento agora que ficou ruim mesmo. Pelo menos agora tem essas visitas pelo portão. Agradei a Deus.

Não estamos tendo mais um monte de coisas, de atividades que tínhamos antes. Eu estava quase ficando bom da mão pra tentar voltar a comer sozinho graças a fisioterapia, e agora as fisioterapeutas pararam de vir, porque eram vinculadas a uma faculdade. Aí acaba que a gente fica sem os exercícios. Mas hoje teve uma apresentação aqui pra gente, da orquestra dos bombeiros. Bem bacana. Durou uns trinta minutos. Foi aqui fora, tocaram várias músicas. Ficaram bem de longe e nós assistimos de máscara né. Mas tinham vários instrumentos. É bom pra distrair um pouco a cabeça. E você tá se cuidando né? Trabalhando de casa...

DEPOIMENTOS NA ÍNTEGRA DO CAPÍTULO 4: EMPREGO – MUDANÇA PARA TODO LADO, NÃO ESCAPA UM

Depoim. Matheus Dantas:

“Fiquei com medo. As agências de comunicação trabalham com um sistema de rotatividade muito grande, mesmo fora de uma pandemia. Basicamente, a equipe muda todo mês, ou seja, pelo menos uma pessoa é mandada embora. Mas, por sempre trabalhar em iniciativas privadas, essa sempre foi minha realidade e sempre tentei me manter no mundo do jornalismo com meu talento e contatos.

O clima na agência, nas primeiras semanas de casos de coronavírus no Brasil, foi tenso. Muitas pessoas com medo de perder o emprego e muitas incertezas. Como trabalho na parte de assessoria, fiquei mais tranquilo, visto que nossa equipe é bem sólida, mas não descartei a possibilidade de demissão.

É por essa incerteza no mundo da comunicação que sempre trabalhei como freelancer em outros locais. Tenho muita facilidade em trabalhar com publicidade e, por conta disso, sempre fiquei tranquilo em relação ao pagamento de contas dentro de casa, mas claro que meu salário na agência supre a maioria das minhas necessidades.

Logo quando começou o isolamento, a agência já desligou todos os estagiários, por corte de gastos mesmo, afinal, querendo ou não, eles sempre são os profissionais mais vulneráveis em uma empresa de âmbito privado. Depois disso, já fiquei um pouco mais “gelado”. A estagiária de assessoria era muito querida por nós e não imaginávamos que ela seria mandada embora tão rápido.

A rotina de trabalho também mudou completamente. Querendo ou não, o jornalismo que o assessor de imprensa faz é, na maioria das vezes, o “sentado”, o que é positivo nesse momento. A única coisa que não estamos fazendo com frequência é o acompanhamento de pautas com os clientes, já que as demandas caíram muito. Quem mais está trabalhando nessa área é a assessora de saúde, que possui diversos clientes, como infectologistas e

cardiologistas.

Em relação à diminuição de salário, não fiquei com medo. Nós ganhamos um pouco mais que o piso salarial de um jornalista, então acredito que uma redução traria problemas à empresa.

As últimas semanas foram mais tranquilas em relação à quantidade de demandas, mas, utilizei algumas alternativas para tornar o home office mais agradável, como ter dois ambientes de trabalho: escrivaninha no quarto e uma mesa na varanda, para quando a mente cansar. Além disso, sempre tento manter uma rotina de produção e horários porque, como eu disse, trabalho como freelancer em alguns projetos secretos (risos).

Espero que minha rotina de trabalho volte logo. Por mais que trabalhar em casa seja prazeroso em alguns momentos, sinto falta de ver gente, sinto falta, até mesmo, do ‘busão’ de cada dia.”

Depoim. Pedro Brito:

“Como funcionário público há mais de 30 anos, não me preocupei muito em relação à mudança brusca no trabalho. Aqui, no Buriti, o trabalho acaba que fica muito monótono e não há muita coisa que possamos fazer, mas sim, houveram adaptações em relação à produção e, até mesmo, rodízio de funcionários.

Quando a coisa começou a ficar “feia”, ou seja, quando Brasília começou a ter casos de Covid-19, fomos instruídos pela chefia a nos organizarmos em um rodízio: segunda, quarta e sexta um grupo trabalhava, e terça e quinta trabalhava o outro. No início, essa medida funcionou bem. Nós não precisávamos exercer nenhum tipo de função em nossos dias de “folga”, salvo casos de emergência.

A chefia foi muito paciente e receptiva com todos os funcionários da casa, ou seja, não temos muito do que reclamar. Acredito que esse seja o momento de agir com calma. Mas sim, sou a favor do home office nesses casos extremos. Gosto de ficar na minha sala de trabalho, é óbvio que a produtivi-

dade é outra, mas precisamos nos adaptar.

Em relação às decisões de líderes políticos, acredito que não podemos colocar todos no mesmo “saco”. É claro que estamos tendo opiniões e divergências na política do país, mas não podemos negar que a atitude do governador do DF em ser o primeiro do país a suspender o funcionamento de diversos setores foi sábia. Poderíamos estar em um cenário completamente diferente e catastrófico.

Sobre o presidente da república, prefiro me abster. Acredito que todos nós sabemos que descumprir ordens da liderança mundial da saúde não é um ato inteligente. Mas, de acordo com um levantamento feito pela CNN, tal presidente possui mais de 27 milhões de apoiadores nas redes sociais, o que não é surpresa.

Sobre o futuro, acredito que vamos ter que ressignificar as palavra “trabalho” e “convivência”. Nada mais será da mesma forma. Aglomerações? Nem pensar. Estamos no ápice da crise no Brasil e ainda existem pessoas inundando as redes sociais com fotos de festas, como se estivesse tudo bem. Não precisamos de festa, mas sim, de conscientização.”

Depoim. Thais Helena do Nascimento:

“Tudo mudou nesse momento de pandemia, agora, por exemplo, a hamburgueria abre todos os dias - de segunda a domingo - para tentar cobrir os prejuízos. Antes de tudo isso, as coisas eram mais organizadas, as folgas eram mais definidas e, atualmente, está tudo meio bagunçado, porque a gente não sabe direito quem vai folgar em cada semana e qual será o dia. A gente também teve redução do salário, porque, com o atendimento ao público, ganhávamos 10% em cima de cada pedido. Então, no final do mês, esse valor aumentava nossa remuneração.

Apesar de ter tido a demissão de três funcionários, eu não corri esse risco, porque fui informada que seria uma das últimas opções de dispensa. Porém, ainda que eu tenha a garantia do emprego, o sentimento de trabalhar no

meio da pandemia é de preocupação. Eu tenho familiares que são do grupo de risco e sair de casa todos os dias, mesmo tomando os cuidados possíveis, é complicado e eu tenho medo do contágio. A gente fica a maior parte do tempo pensando “será que eu to contaminada? será que eu peguei?”.

Para tentar me prevenir, eu separei uma chinela que utilizo ao sair na rua. Além disso, eu não entro com o tênis, que uso no trabalho, dentro de casa e geralmente eu deixo-o dentro do carro. Eu também separei uma chinela só para usar em casa e, assim que eu chego, eu tiro minha roupa e deixo no varal para tomar o ar. O uso do álcool em gel é muito frequente, eu utilizo o tempo inteiro.

Os meus dois chefes são muito bons e muito chegados aos funcionários, eles sempre se importam com o nosso bem estar. Então, eles foram muito “tranquilos” e sinceros para conversar e explicar as mudanças que iriam ocorrer. Eu e meus colegas recebemos apoio para se adaptar às modificações, acho que posso dizer que eles foram bem coerentes.

O movimento de vendas varia muito pelo dia, mas a demanda caiu nesse período. A hamburgueria está trabalhando por meio de aplicativos, que sempre têm taxas e fazem subir o preço, e alguns clientes optam por não consumir, o que afeta os lucros. De segunda a quarta, o fluxo é bem parado, mas acho que o fim de semana dá uma salvada e compensa a semana inteira.

Eu trabalho com amigos próximos, que já trabalhei em outros lugares, e acredito que, por isso, o ambiente é tranquilo. No entanto, há dias que está um “climão” e, geralmente, é por causa do sentimento de preocupação. No geral, o pessoal tá sabendo lidar da melhor forma possível com toda a situação.

Acho que quando tudo isso passar vai mudar muita coisa, sabe? Acredito que aquelas medidas de restrição vão continuar sendo seguidas, como uso de máscara, luvas e higienização. Acho que até o ambiente vai mudar, porque os clientes vão ficar mais “de lado” e distantes quando forem lá. Eu não sei quanto tempo vai demorar pra tudo isso passar, mas tenho certeza que muita coisa vai mudar e, até mesmo, para melhor, como a questão da

higiene.

O meu maior medo é sair de casa, mesmo porque eu saio todos os dias. Eu tenho medo de contrair e trazer a doença para dentro da minha residência, colocando as pessoas que eu convivo em risco. A minha preocupação não é nem em contrair a Covid, mas passar para as pessoas. Eu acredito que esse seja, também, o receio do pessoal que tem que sair para trabalhar e, por mais que a gente siga todas as formas de prevenção, é sempre um risco.”

Depoim. Flávia Guimarães Arantes:

“As demandas aumentaram com a pandemia, porque alteramos nossas rotinas diárias e, por se tratar de algo desconhecido, todos os dias revisamos e alteramos processos, o que gera um cansaço físico e mental. Temos que lidar com nossos medos, incertezas e ainda ter emocional para dar apoio para toda equipe, sem transmitir nossas inseguranças. Ao mesmo tempo, sabemos da nossa responsabilidade e importância de permanecermos firmes, sem podermos desistir, com uma missão de amor ao próximo!”

Eu acredito que o maior apoio vem de dentro de nós, entender o nosso papel na sociedade é fundamental e o maior desafio é não deixar o medo, a vulnerabilidade e as incertezas prevalecer em nossos pensamentos. Nós profissionais da área de saúde somos visto como uma ameaça, todos olham com a certeza de que estamos contaminados. Nunca imaginei um dia viver essa situação, mas entendo o comportamento de pânico das pessoas.

Minha rotina começa já na entrada do carro, onde retiro meus sapatos e higienizo minhas mãos. Chego em casa, tiro minha roupa na entrada, coloco de molho e eu entro para o banho. O maior medo é saber que não podemos ficar em casa protegidos, me contaminar e/ou contaminar minha família. Além disso, como faço parte do grupo de risco, a incerteza de se contaminar e não ter um bom prognóstico. Lidar com o psicológico, no início, foi bem difícil, mas com o passar do tempo fomos nos adaptando com as novas demandas, nos reinventando e nos apoiando entre as equipes. E, também, recebemos o apoio e carinho da família e amigos. A maior preocupação é com

o colapso dos hospitais, por isso a importância do isolamento social, para dar tempo de nos preparar para receber os doentes e evitar, ao máximo, que nossos funcionários adoeçam para não comprometer a assistência.”

Depoim. Larissa Pontes:

“Eu ainda trabalhava em um salão de beleza quando a pandemia começou. Já possuía meu empreendimento em maquiagens naturais, orgânicas e veganas, mas ainda atendia alguns clientes nesse salão. Meu ex-chefe sempre foi muito tranquilo em relação à demissão de funcionários, visto que a equipe é bem antiga e ele possui uma relação de confiança com todos, então não ficamos com medo.

Estávamos no meio da pandemia quando decidi me desligar do salão e me dedicar apenas ao meu negócio. Foi difícil, uma vez que não estamos tendo nenhum tipo de evento ou festa para a mulherada se maquiar, mas eu não me desesperei e corri atrás de alternativas.

Nesse cenário, criei o primeiro curso online de automaquiagem natural, orgânica e vegana, a fim de dar continuidade ao meu trabalho nesse ramo e também pagar as contas. Ainda estou no processo de vendas e gravações do curso, mas espero que dê tudo certo.

Minha rotina não mudou muito. Sempre fui acostumada a fazer tudo em casa, como estudar e trabalhar. Gosto desse ambiente e até acho menos tóxico, uma vez que não temos que lidar com diferentes tipos de pessoas todos os dias. Mas, em relação ao dinheiro, confesso que fiquei com um pouco de medo no início, medo de não conseguir pagar minhas contas, mas está tudo caminhando bem.

O mundo da maquiagem é um mundo muito volátil, ele pode se ressignificar a todo tempo e é por isso que eu amo fazer o que faço. Podemos criar e reinventar a todo momento, e é aí que está a beleza nas coisas. Espero que o pessoal faça bastante festas e casamentos quando essa pandemia acabar (risos). Quero voltar a maquiar muita gente por aí com produtos de beleza

sustentável.

No mais, estou aproveitando esse momento para aprimorar minhas técnicas e usar meu rosto como tela. Semana passada, eu testei uma maquiagem que está em alta nas redes sociais, a famosa “foxy eyes”. No fim, deu super certo e várias clientes me procuraram no direct falando que queriam uma igual.

Acho que o momento deve ser dedicado a isso: aprimoramento de técnicas e estudo. Também sou estudante universitária de farmácia, então também tive que adaptar minha rotina de estudos.

Bom, espero que isso tudo acabe logo. Estou louca para ter minhas clientes de volta, mas acho que um momento de reflexão mundial era necessário. Temos que dar mais valor às pequenas coisas, como família, bichinhos de estimação e comida de vó.”

Depoim. Álefe Felipe de Souza:

“A pandemia mudou praticamente tudo, antes eu tinha uma rotina que deixava até o meu humor melhor. Acordar cedo para ir pra faculdade, tomar café da manhã e socializar, fazia do meu dia ser bem mais produtivo. Porém, ficar dentro de casa e sem fazer muita coisa está me afetando um pouco, até nos estudos.

Eu tinha acabado de conseguir o emprego quando começou a quarentena. A minha família ficou preocupada, porque percebemos que isso não era brincadeira. Em seguida, eles me pediram pra eu sair do trabalho e não pôr meus familiares em risco, principalmente os do grupo de risco. No momento, não estou procurando outros empregos, mas, assim que tudo isso passar, irei procurar.

A sensação é horrível, tudo fica muito monótono e você acaba procurando outras coisas para fazer, mas chega um momento que nem mais ânimo você tem. Ficar muito tempo em casa acabou trazendo o meu vício em jogos novamente. Acho que o principal desafio está sendo focar nos estudos, por-

que o meu sono está totalmente desregulado e percebi que não me adaptei com aulas EAD.”

Depoim. Erica Silva da Cruz:

“É muito estressante sair todos os dias para trabalhar. Precisamos ter excessos de cuidados para não levar a doença pro trabalho, não trazê-la para casa e, também, não se contaminar. É uma rotina de troca de jaleco, troca de máscara [a cada duas horas], passar álcool em gel nas mãos e borrifar álcool o tempo inteiro no teclado, na mesa e em todos os objetos que são compartilhados com outras pessoas - eu, no caso, divido materiais com mais seis pessoas. Posso dizer que é muito tenso, principalmente quando surge pessoas infectadas pelo vírus e você precisa acompanhar.

Então assim, acaba sendo muito estressante, porque você precisa tomar cuidado com o manuseio ao colocar um capote [avental descartável], uma luva, um óculos e, ainda, tem que lavar ou trocar tudo a cada duas horas para poder higienizar. Além disso, usamos propé [sapatilha de proteção descartável] e viseira a depender do caso que estamos atendendo.

Apesar de ser muito gratificante trabalhar em prol da sociedade, ao mesmo tempo é uma situação de muita pressão e receio. E, principalmente, quando você pára pra pensar que pode estar ali contraindo o vírus e passando para outras pessoas sem saber.

Em relação a minha rotina de sair de casa, eu tomo banho antes de sair e, como eu uso o transporte público, sempre ando com um borrifador. Assim que entro no ônibus, eu borriço o álcool e limpo com um pano o assento e, também, o vidro da janela ao meu lado. Andar de ônibus é igualmente estressante, porque eu sempre abro a janela para ventilar o ambiente e muitas pessoas ficam reclamando. Então, às vezes, você acaba discutindo com as pessoas. Ao chegar no meu trabalho, eu tomo banho novamente, troco toda minha roupa, colocou roupas limpas, troco o calçado, coloco o jaleco e todos os equipamentos de proteção individual que já comentei. Só depois de tudo isso que eu posso começar a trabalhar.”

Depoim. Israel Oliveira Alves:

“O povo preto, em geral, têm dificuldades em qualquer âmbito e no trabalho não vai ser diferente, na verdade vai ser pior. A gente percebe que a preferência é sempre por pessoas brancas e, caso seja uma pessoa preta, vai ser a de pele mais clara que será escolhida para o cargo. Assim, você pode ter estudado na mesma universidade, ter feito a mesma graduação, ter o mesmo currículo e, mesmo assim, quem será escolhido será a pessoa branca.

Além disso, temos a questão do acesso, porque muitas pessoas pretas não têm acesso a um emprego digno, como uma pessoa branca teria. Então, o privilégio começa desde esse ponto. Outra questão são as áreas de acesso das pessoas negras, elas são, na maioria, largadas na periferia. E, dentro da periferia, o que se torna mais fácil? Conseguir um emprego no mercadinho do seu bairro ou numa grande empresa no centro?

Acredito que o povo preto sofre muito com o fato de não ter um alcance, não estar perto desses ambientes de oportunidade e de não ter o direito de estar em certos lugares e, quando estão, se tornam a segunda opção. Depois da pandemia, essas coisas pioram, porque a gente tem que temer o fato de não ter comida na mesa. As famílias pretas no Brasil, geralmente, têm muitos filhos e moram em lugares de risco (violência, falta de saneamento e falta de oportunidade), por isso colocar comida na mesa se torna essencial, principalmente, para a população preta.

Essas famílias, na quarentena, não podem ficar em casa por diversos fatores, como alimentação e o medo de ser demitido ou ter uma diminuição do salário. Elas precisam, mesmo que morem sozinhas, manter a renda de sua casa. Então, se a pessoa preta para de trabalhar para ficar em casa, ela não tem onde tirar uma renda. Nós vemos que o auxílio emergencial não tem funcionado tão bem e apesar de ter sido uma saída, não acho que a forma que foi feita é certa.

Quando você vê que o número de pessoas pretas mortas por corona é 5x maior no Brasil, eu não consigo ver esse fato como números. Afinal, são

peessoas que têm famílias, sonhos, histórias e, tudo isso, é muito triste. Eu trabalho como designer, no âmbito do jornalismo, e eu acompanho notícias todos os dias e vejo crianças, adultos, adolescentes e idosos negros morrendo o tempo inteiro. As mortes vão além do Corona, as pessoas pretas morrem por muitas coisas, como tiros, agressões e outras doenças. É muito doído e o luto é eterno.

O luto também é acumulativo, porque as pessoas pretas morrem por conta do que foi tirado delas há muito tempo atrás e da falsa liberdade que foi dada a todos nós. Esses fatores fazem a gente continuar morrendo e não tendo alcance, oportunidades ou direitos. Precisamos tentar sobreviver dentro de um sistema que, o tempo todo, tenta massacra a gente através da necropolítica.”

Depoim. Bruna Sousa de Almeida:

“Atualmente, trabalho em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) da Região Leste do Distrito Federal. Essa região em comparação às demais, vem apresentando mais lentidão nos casos de pessoas infectadas pela COVID-19 e que vieram a óbito. A rotina de trabalho da UBS, quanto a carga de trabalho, não aumentou ainda. No entanto, os processos de trabalho tiveram muitas alterações. No início, foi difícil estabelecer uma rotina, a cada dia tudo era incerto, decretos novos, circulares, notas técnicas. Essa mudança brusca da rotina no trabalho e o incerto do que seria no dia seguinte gerou angústia, medo...

Atualmente, a rotina está ‘mais ou menos’ estabelecida, no entanto começamos a ter o afastamento de profissionais (ora por questões psíquicas ora por infecção pelo vírus) e, conseqüentemente, acarretará na sobrecarga sobre outros profissionais, e possivelmente ampliação da jornada de trabalho. Trabalhar na área da saúde, em meio a pandemia do coronavírus, é um misto de sentimentos. Nem todos os dias são felizes e gratificantes por poder ajudar de alguma forma e nem todos os dias são tristes. É, na minha opinião, um desafio.

Acredito que ficamos mais vulneráveis em situações de desastres e calamidades públicas, mudança de rotina, incertezas do amanhã. Então, acho que o medo e o receio nos deixam mais vulneráveis. O apoio, para lidar com essa situação, vai depender do que se entende como apoio... quanto a recursos, quanto a preparação para atuar em uma pandemia, quanto a saúde e segurança do trabalhador não acredito que recebemos o apoio necessário. Dentro do serviço, estamos criando esses tipos de apoio, entre nós, promovendo espaços de escuta, de atividade física, de relaxamento para os pacientes, respeitando o uso de máscaras, distanciamento e todas as normas.

A minha relação com a família mudou muito, por exemplo os amigos e os familiares não vejo desde que começou a pandemia. Enquanto a rotina ao chegar em casa é seguir a risca todas as indicações de higienização e tentando ao máximo fazer um isolamento social, não compartilhar objetos, higienizar, etc.

O meu maior medo é de infectar meus familiares, principalmente quando estes estão seguindo a quarentena e são grupo de riscos. Voltar para casa é sempre difícil. Fazemos testagem a cada 15 dias e são os únicos dias do mês que voltamos um pouco menos despreocupados.

Eu já lidei com casos de coronavírus de perto, como amigos que perderam os familiares e pacientes. Dá medo, mas ao seguir as medidas corretas de lavagem das mãos, uso de epi e distanciamento nos traz um pouco mais de segurança. É difícil saber que pessoas próximas estão em risco ou que foram a óbito. Para lidar com meu psicológico nesse momento, eu estou fazendo terapia, exercícios físicos, cuidando da alimentação, imunidade, espiritualidade e evitando ao máximo televisão e notícias.

Acho que muita coisa vai mudar, no meu ambiente de trabalho, quando tudo passar. Mudanças na atenção primária, nos processos de trabalho, na atuação dos profissionais, na atenção às vulnerabilidades e nos impactos pós COVID 19. Na minha opinião, as medidas de prevenção - afastamento social, quarentena e isolamento - são as formas mais eficazes de lidar com a situação. O aumento diário desses números é reflexo do posicionamento político, das inconsistências nas decisões, dos afrouxamentos das medidas

sanitárias e da negação do estado quanto ao dever de assegurar a vida das pessoas.”

Depoim Marcos Rodrigues de Aquino:

“Minha rotina mudou muito com a pandemia e eu acredito que nada mais vai voltar a ser como antes, principalmente pelo lado físico e afetivo da relação com as pessoas. Como professor, eu acho que uma das coisas mais difíceis é estar longe dos meus alunos. Eu não consigo encubir, da forma que gostaria, o papel que escolhi para a minha vida, que é lecionar.

A falta de contato presencial me afeta bastante, porque sou professor de contrato temporário e, infelizmente, não consigo ficar longos períodos em um única escola. Então, em cada ano, eu trabalho em uma escola diferente e isso impede que eu mantenha laços com os alunos. Porém, minha relação com os estudantes mudou demais nesse momento, em razão da falta de contato físico. Eu acabo ficando a cargo das políticas públicas para o ensino remoto, que, para mim, não está sendo satisfatório, porque não teve preparação para a implementação.

As escolas, os diretores, a coordenação e os professores fazem seu papel da melhor forma possível. Na minha escola, eles se organizaram para gravar vídeos aulas, disponibilizar curso de formação e, tudo isso, se “virando nos trinta”. Porém, acho que nem com todas essas ações e suporte, por parte da secretaria de educação, foi possível dizer que está sendo suficiente e gratificante. Infelizmente, acredito que nem todos os meus alunos tiveram acesso, porque vemos diversas realidades dentro de cada grupo, desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio.

Antes dessa situação passar, acredito que virão muitas mudanças e que, muitas delas, vão ficar depois que tudo acabar, principalmente dentro da minha área de profissão, que é a Educação Física. Acho que os alunos vão ter restrições e receio de ter contato físico, o que pode dificultar o aproveitamento de uma aula rica em movimentos. As máscaras, as medidas de proteção e de higienização do ambiente, as normas e as regulamentações vão

modificar muitas coisas, mesmo voltando com aulas presenciais. De acordo com tudo isso, vamos tentar desenvolver metodologias diferentes, porém a expectativa é que as aulas voltem com novos desafios.

No meu trabalho, eu não passei por nenhuma redução salarial e desconheço colegas, da minha profissão ou que trabalham comigo, que tiveram algum corte. No entanto, os sentimentos que mais predominam são de incerteza e insegurança. Eu continuo acreditando que tudo ainda possa melhorar, no sentido das políticas públicas voltadas para o acesso de todas as pessoas à educação remota.”

Depoim. Daiane de Oliveira Coelho:

“Eu trabalho com turmas desde o nono ano até o ensino médio e, enquanto professora, estou sem contato com os alunos desde o dia 12 de março. Eu acredito que tudo mudou e muita coisa ainda vai mudar quando acontecer o retorno. E, principalmente, quando tratamos de educação física - que é a área que atuo - em que as aulas são trabalhadas de forma cooperativa, coletiva e com princípios de socialização e participação. Atualmente, eu tenho turmas que chegam até 42 alunos e, dessa forma, estamos em uma situação que não é possível ter a volta das aulas presenciais.

O que está sendo mais difícil de lidar nesse período são os anseios, inseguranças e pensamentos, como ‘quanto tempo isso vai durar?’. É preciso cuidar, também, do nosso emocional, porque se trata de um vírus que era desconhecido, que não tem - de forma concreta - um tratamento, um remédio ou uma vacina. E, tudo isso, deixa a gente muito preocupado, enquanto profissional, enquanto mães e pais e como pessoa mesmo. Então, essas inseguranças e incertezas têm sido as coisas mais complicadas de lidar. Eu e minha família estamos tentando sempre buscar um equilíbrio, otimizar o tempo dentro de casa e criar mais diálogo.

Em relação às reduções salariais, graças a deus, eu não tive. E, mesmo ainda sendo professora em regime de contrato temporário, não vi relatos de demissões ou cortes dentro da secretaria de educação. Então, eu continuo

recebendo e estamos começando uma nova forma de trabalhar, que é por meio do home office. Bom, esse modelo não tem sido satisfatório, pelo menos na minha visão. Afinal, lidamos com o movimento, com o corpo a corpo, com o cara a cara, com diferentes espaços e tempos e, dessa forma, o home office acaba não sendo acessível a todos.

Eu atendo uma comunidade do campo e, em razão disso, grande partes dos meus alunos não têm acesso às essas tecnologias, moram em lugares que não tem sinal e, alguns alunos, moram em assentamentos sem-terra. Então, para mim, o home office não é uma solução 100% viável. Eu entendo que, o momento atual, é a hora de usar essas tecnologias em prol da educação, mas é algo difícil de ser exercido dentro de casa. A minha chefia tem possibilitado diversas coisas e tem sido muito acessível, porque temos reuniões por videoconferência e estamos tomando algumas medidas. Porém, ficamos a mercê, também, da secretaria de educação.

Por fim, eu acredito que a volta para o ambiente de trabalho vai mudar tudo, desde o aperto de mão ao abraço ou, até mesmo, os espaços. No entanto, não podemos perder a fé e a esperança de que coisas boas estão por vir.”

Depoim. Kauã Ferreira Costa:

“Antes de mais nada, entrar no mercado de trabalho, hoje em dia, já é difícil para as pessoas cisgêneras, principalmente se for o primeiro emprego. Todos precisam lidar com pressões sociais e psicológicas, porém, para uma pessoa transexual, lidar com essas pressões é bem mais complicado.

Eu tentei entrar no mercado de trabalho, sendo lido como uma mulher cisgênero “masculinizada”, e foi bem difícil. Sendo um homem trans, além das dificuldades, é muito constrangedor, porque as pessoas te olham de outra forma e, até mesmo, entregar um currículo, com seu nome de registro, se torna uma questão complicada!

Acredito que o mercado de trabalho não está preparado para receber pessoas trans, porque muitos acham que ter uma pessoa trans, dentro da equipe,

pode manchar a marca da empresa. Ainda, pode ser difícil, também, dentro do cargo. Afinal, mesmo superando todas as dificuldades para entrar, podem haver problemas maiores, como o convívio com os colegas de trabalho.

O número casos de violência contra pessoas trans têm subido com a pandemia. Eu pensei que, com o isolamento social, esse número diminuiria. Porém, a situação afeta bastante a pessoas trans, como mulheres trans que são trabalhadoras sexuais e continuam nas ruas para garantir seu sustento. Esse momento aumenta, também, a nossa vulnerabilidade, porque muitos têm medo de não conseguirem sobreviver, se alimentar ou pagar as contas. Ainda, muitas não receberam nenhum auxílio ou nenhuma ajuda e se sentem desamparados.

Para mim, a pandemia mudou muito minha rotina, porque eu estava trabalhando no comércio da minha mãe, que teve que ser fechado nesse período. Tudo isso abalou a rotina, na qual eu estava acostumado. Eu também me sinto completamente abalado, porque eu moro sozinho e morar sozinho, estando de quarentena, é uma das coisas mais difíceis que estou passando nesse momento. Os meus principais sentimentos são tristeza e ansiedade. Estamos vivendo um tempo muito complicado e sem previsão de quando tudo vai acabar. Acho que todo mundo sente saudade das pessoas que ama, saudade de fazer coisas que eram lidas como normais e hoje em dia não podemos.

Além da pandemia, ser uma pessoa trans, no Brasil, é uma luta diária, é andar com medo nas ruas e é uma vitória, pelo menos, voltar pra casa vivo. Temos que lidar com a luta interna, com a disforia, com os sentimentos ruins por não ter um lugar na sociedade e, principalmente, por estar no país que mais mata transexuais.

Eu já tive e tenho dificuldades para me inserir no mercado de trabalho. A maioria das empresas acham que, o fato da pessoa ser trans, pode de alguma forma ter um impacto negativo para a imagem deles e outros não dão nem a chance da pessoa se destacar ou mostrar o que sabe fazer.

Conheço uma mulher trans que infelizmente teve essa experiência desagra-

dável, no ambiente de trabalho. Antes e depois de se inserir, ela teve que lidar com piadinhas, falta de respeito e exclusão social. Sabemos que é mais difícil quando pessoa trans não está “hormonizada” ou está no início desse processo, porque quando a pessoa não está perto do padrão cis, elas sofrem ainda mais discriminação e agressão. A sociedade impõe muitos padrões a serem seguidos, que estão inclusive dentro desse mercado, e isso nos abala muito.

Eu, particularmente, acho que sou privilegiado se comparado com outras pessoas trans. Privilegiado por ser uma pessoa de pele branca, porque infelizmente homens e mulheres trans e pessoas não binárias de pele negra sofrem muito mais. Afinal, elas fogem totalmente dos padrões, que a sociedade impõe, e com isso sofrem um número maior de casos de violência e preconceito.”

Depoim: Gabriel Alves de Almeida Avelar:

“A minha rotina de trabalho, depois da pandemia, se tornou praticamente “infernal”. Primeiramente, porque os pais dos meus alunos tinham total acesso ao meu número pessoal - eu não tinha essa divisão de telefone pessoal e telefone de trabalho - e, então, eu comecei a receber mensagens constantes de alunos, dos seus pais, dos meus chefes e de outros professores. Além disso, tinha as mensagens dos meus amigos e familiares. O que gerou uma grande desordem no meu whatsapp pessoal e um aumento de demanda muito excessiva.

E, principalmente, no início da pandemia, as demandas eram muitas, desde dúvidas dos alunos, dias de reposição, quais aplicativos iríamos utilizar, pais perguntando os dias das aulas e muitos outros questionamentos. Eu trabalhava em duas escolas e, uma delas, demorou mais de um mês para voltar a dar aulas. Tudo isso gerou uma grande confusão na minha agenda e era muito difícil de administrar tudo.

E a maior dificuldade, dentro do mercado de trabalho, para uma pessoa negra, é o próprio racismo. O racismo é estrutural, porque toda pessoa branca

que vive em uma sociedade racista, ela se torna racista. Então, a primeira dificuldade seria ser uma pessoa negra - em razão do racismo - e a segunda seria o acesso ao trabalho.

A gente sabe que certos empregos só contratam pessoas que têm carros ou com um nível específico de línguas - entre outras coisas - e, muitas vezes, as pessoas pretas são negadas a terem esse tipo de acesso. E, principalmente, durante a pandemia, se a gente parar para fazer análises, como um quadro comparativo entre alunos de ensino público e privado. Nós vemos que a maioria das pessoas do ensino particular seguem tendo aulas, enquanto os alunos do ensino público, em grande maioria, não. Além disso, a transição dos estudantes das escolas particulares para o EAD foi muito mais confortável, do que para a maioria dos alunos em instituições públicas. Há uma pesquisa, por exemplo, que indica que cerca de 35% dos alunos dos ensino básico da rede pública têm computadores em casa, enquanto na rede particular esse número sobe para 78%.

A gente tem uma desigualdade muito grande. Então, tirando a questão do racismo e do acesso, ainda temos os pré-requisitos que são impostos para uma pessoa preta. A nossa sociedade já nos exclui e generaliza de formas absurdas e, ainda, nos mata. A cada 23 minutos um jovem negro morre no Brasil. Dessa forma, a maior dificuldade é a gente chegar lá e estar vivo para poder trabalhar. Se a gente tá dentro de casa se cuidando e se protegendo para não pegar o corona, a polícia entra nas nossas casa, mata nossas crianças e, no outro dia, a pessoa aparece no IML. Então, tudo isso, me assusta e, depois da pandemia, tudo piorou.

E essa piora fica muito clara, porque, desde o início da pandemia, já percebemos a exclusão de muitos trabalhos e, conseqüentemente, haverá empregos que nem vão existir depois de tudo isso. Todo mundo está tentando se adaptar, inclusive o mercado de trabalho. Acredito que as coisas vão complicar depois de tudo e chega até ser difícil criar um cenário futuro, mas lidar com as mudanças não vai ser fácil. A gente não sabe como vamos nos reerguer e isso serve não apenas para as pessoas pretas, mas todas no geral. No entanto, os grupos minoritários - sociais e econômicos - são os que

mais sofrem. Afinal, a classe A tem um certo conforto e maior estabilidade, enquanto a classe C sofre bem mais e tem que lidar com impostos altos e preocupações financeiras. Então, o que eu mais me preocupo e fico me perguntando é 'será que essas pessoas vão ter o que comer? Vão ter onde morar? Será que eu vou ter o que comer em casa?'

A gente sabe que, claramente, a maior parte da população preta do país é pobre e que nós fazemos parte do grupo de trabalhos essenciais, como garis, varejistas ou vigias. O meu pai mesmo é vigia de um banco e ele não parou, na verdade ele continua tendo que sair de casa e fazer o trabalho dele. Então, é uma situação muito complexa, porque ele pega ônibus de segunda a sexta e eu tenho medo dele trazer o vírus para dentro de casa - mesmo que ele tome todos os cuidados.

A população preta é a que mais sofre em relação ao corona, porque a gente tenta se cuidar e se prevenir, mas, por exemplo, como as pessoas vão se proteger dentro da periferia ou das favelas? Como vão se prevenir se no meio da pandemia, ainda, está ocorrendo operação policial no morro? É muito difícil porque nesses ambientes - morro/favela - o policial não pergunta antes de atirar, na verdade ele atira, espera morrer e depois nem faz a pergunta. E ele já diz ou que era ou não era, de acordo com o que ele pensa e esse pensamento sempre é racista.

O sentimento que eu tenho é de desespero, porque eu sei que meus 'irmãos e irmãs' estão morrendo constantemente. E, já não bastava a gente morrer a cada 23 minutos, agora somos mortos, também, pelo corona, pela violência policial, por tiros ou por sermos tirados de dentro de casa e, no final, a gente se torna só um número. É sempre mais um número para a estatística e sobreviver se torna impossível. Na grande maioria dos casos, as famílias pretas são chefiadas por um mulher que trabalha em um serviço essencial, como funcionária de um mercado, farmácia ou como doméstica. E, como essas pessoas estão trabalhando? Sob quais circunstâncias? O meu sentimento é de total aflição.

Ser uma pessoa preta no Brasil traz um medo muito maior de demissão, porque muitos locais não nos contratam por conta da nossa cor. E, desde

sempre, nossas características são motivos de exclusão - os traços negróides ou os cabelos 'duros' - e eu vivi isso [de forma consciente] desde o meu ensino médio. O medo da demissão está ligado com a dificuldade de chegar lá, porque para a gente que é preto é muito difícil abrir essa porta. A 'porta' parece que se abre para todo mundo, mas pra gente parece que precisamos ficar batendo nela até abrir. Eu acredito que nós precisemos nos esforçar duas vezes mais para provar que damos conta do trabalho e que podemos fazê-lo de forma eficiente. Só de uma pessoa preta está ocupando um espaço branco, as pessoas já duvidam da sua capacidade."

Depoim. Silvia Souza, 36 anos, advogada:

"Eu me formei em 2011, me tornei advogada na sequência, e tive muita dificuldade para entrar no mercado de trabalho por várias experiências que envolvem a questão racial. Eu já era uma militante muito aguerrida da causa, mas teve uma experiência que potencializou a minha militância.

Eu trabalhava em um escritório de advocacia quando passei na prova da Ordem e, nesse escritório, eu trabalhava em uma função administrativa - era assistente jurídica. E, como eu já tinha passado na prova, eu pedi para concorrer a uma vaga de advocacia trabalhista - área que eu tenho duas especializações. Então, eu pedi pra participar da seleção interna, conversei com meu coordenador da área e com minha chefe. Assim, ninguém vai ter dizer [explicitamente] que você não pode participar, mas é importante entender que existem uma série de mecanismo que devido à estrutura racista - institucionalizada no setor público e privado - que vai tentar impossibilitar pessoas negras a acessarem esses postos.

No meu caso, eles disseram que eu podia fazer a seleção, mas marcaram a prova pro dia seguinte, me dando um tempo de preparo de 24 horas. Além disso, no dia da prova, ocorreram uma série de fatores - desde o tempo da prova [1h30] até a impossibilidade de usar o Vade Mécum - que me fizeram perceber que aquilo era um mecanismo criado para eu não conseguir passar. E fica muito claro por conta de toda a forma que o sistema foi construído, por-

que, por exemplo, eu não podia usar nem a calculadora para calcular o valor econômico, sendo que eu sou da área de humanas e não de exatas.

Então, depois disso, eu fiquei muito mal, porque o sistema racista massacra nossa dignidade e você não pode externalizar isso pelas vias normais. Depois demoram três meses para me darem o resultado da prova, o que eu vejo como um incrível processo de desconsideração. E quando minha chefe chega para falar o resultado da prova, ela me disse que eu tinha ido bem na prova, mas a questão não era a prova e, sim, uma questão de perfil. Bom, aquilo pra mim foi um soco no estômago e um fator determinante pra eu fazer da minha profissão uma de luta pelos direitos, pela efetivação deles e pelo acesso da população negra. Em seguida, eu resolvi fazer outra especialização, mas agora em direitos humanos.

Atualmente, eu trabalho na Câmara Legislativa do Distrito Federal no mandato do deputado Fábio Felix. E, eu posso dizer que meu trajeto [no setor trabalhista] não é semelhante ao de muitas amigas minhas - mulheres negras que concluíram a faculdade junto comigo ou depois - que ainda não conseguiram se inserir no mercado de trabalho de uma forma mais digna e recebendo um salário adequado. Há uma pesquisa feita pelo CEERT que identifica que menos 1% dos cargos de advogados - júnior e sênior - são ocupados por pessoas negras. Então, eu acredito que, se tivesse empenhado minha carreira na advocacia profissional - tributária e trabalhista -, eu não estaria no lugar que estou hoje.

E não ocorre apenas na advocacia, porque se olhamos pro judiciário o cenário é pior. Existe um Censo racial do judiciário feito, em 2016, pelo CNJ que mostra que um número muito pequeno de pessoas - cerca de 3% - são negras. E o próprio Censo fala que, de 1995 até esses últimos anos, a situação do judiciário em relação a representatividade de gênero e raça quase não mudou. E essa é outra discussão que precisamos entrar: o quanto lutas feministas e de inclusão de gênero precisam ser antirracista também.

As vulnerabilidades aumentam no período de pandemia, porque as pessoas negras, na grande maioria, se encontram nas periferias e afastadas dos grandes centros. Nós temos um processo histórico pós-abolição - de uma falsa abo-

lição - que vai jogando a população negra cada vez mais para a periferia, com menos assistência, menos saneamento básico, menos acesso a saúde e toda essa dinâmica das desigualdades sociais do Brasil. As vulnerabilidades aumentam em vários pontos, como na violência doméstica.

Eu me considero estar num lugar de certo “privilégio”, porque tenho a possibilidade de trabalhar de casa. Porém, minha família, que mora na periferia de São Paulo, continua trabalhando e sendo exposta ao vírus. Ainda, há as crianças que já estão vulneráveis a um sistema de ensino precário presencialmente e, em casa, esse sistema online é ainda pior. A pandemia escancara as desigualdades, que já existem e sempre existiram, cria uma situação limítrofe e ‘rasga’ na nossa cara essas diferenças de uma forma muito latente. Afinal, o número de mortos vai crescendo e as pessoas negras estão, na maioria, nesse lugar periférico e sem assistência. É uma situação muito triste e muito difícil de lidar.

Por exemplo, o prefeito de Belém, no Pará, determinou que a função de doméstica fosse considerada uma função essencial, para que as empregadas não parassem de trabalhar. E é isso tipo de atitude, na política e na vida, que demonstra qual é a valoração ou a não valoração que as nossas vidas tem para essas pessoas. Ainda, demonstra, de uma forma muito clara e criminosa, o pensamento racista que é incutido na cabeça desses governantes e que, no contexto da pandemia, se sentem à vontade para expor sem nenhum tipo de pudor.

Eu acredito que as pessoas pretas, com certeza, têm mais medo de serem demitidas. Por exemplo, meu irmão e meu cunhado eles são vigilantes e nem cogitaram a ideia de parar de trabalhar, mesmo se não tivessem máscara ou álcool em gel. Além disso, temos que considerar outros fatores, como a forma que as notícias chegam nesses lugares e a relativização que se dá em relação ao isolamento. Então, o isolamento, na verdade, existe para quem? Porque ele não se aplica a todas as pessoas. Agora surgiu o discurso de que o isolamento deve ser tratado como um direito, porque ele não consegue abarcar a todos.

A gente para e pensa ‘quais os lugares que ocupamos no mercado de trabalho?’ e são locais mais subalternos, que recebem os menores salários e se vamos olhar as pesquisas elas mostram essas diferenças. A pesquisa do Instituto

Ethos faz um perfil racial social das 500 maiores empresas do Brasil, fazendo o recorte de gênero e raça. Então, demonstra que, quando sobe a escalada da chefia, a presença de pessoas negras vai diminuindo, tanto que a presença de mulheres negras em cargos de diretoria é menor 1% e pessoas negras - contando com homens e mulheres - é menor que 3%. Entretanto, se você olha a pesquisa inteira, a presença de mulheres nos níveis operacionais acaba sendo um pouco maior.

Ainda, é interessante observar que as mulheres que estão em cargos de chefia e gerência, elas são bem mais qualificadas profissionalmente com mestrados ou doutorados. Enquanto isso, os homens param na graduação, porque eles sabem que a masculinidade e a branquitude são suficientes para que eles ocupem aqueles cargos. A pesquisa Ipea 'retratos da desigualdades' demonstra que a mulher negra recebe, em média, 44% do salário de um homem branco. Então, mesmo que a gente chegue num cargo de diretoria, não vamos chegar com um salário igual.

Acredito que a gente vai retroceder muito, quando saímos da pandemia, e vamos voltar muito piores. E, principalmente, porque, com bases nos meus estudos, estamos entrando em um estado fascista por conta das políticas adotadas, dos discursos anti-intelectualismo, das propagandas que vão contra a ciência e educação, do autoritarismo e do discurso de enfraquecimento das instituições jurídicas. Então, esse discurso de 'fecha STF, fecha Congresso' é perigoso e, também, uma característica dos estados fascistas.

Acho que quando saímos, estaremos com as desigualdades muito piores e maiores. Além disso, dependendo de como estivermos em 2022, estaremos com as políticas públicas de redução de desigualdades sucateadas, para não dizer minadas. Apesar de ser triste falar isso, eu não tenho esperança de sairmos melhores. Na verdade, teremos um trabalho muito grande, mas temos força para contornar esse cenário e precisamos dar oportunidade para que as pessoas possam se qualificar, no sentido da luta racial, para enfrentar o que teremos pela frente."

Agradecimentos

Mesmo durante a pandemia do novo coronavírus, um episódio histórico, onde nos vemos confinados por meses e tudo parece incerto, conseguimos juntos nos apoiar e concluir o desafio de apurar e escrever as histórias que compõem este livro do qual nos orgulhamos. Sozinhos, tudo se tornaria ainda mais difícil e por isso, ao longo de toda trajetória de construção deste trabalho, diversas pessoas se tornaram fundamentais para a nossa turma.

Assim, agradecemos de coração:

- a todas personagens reais deste livro, pessoas que confiaram em nós, se disponibilizaram a nos contar suas histórias e enviar fotos para ilustrar cada relato, nos permitindo ser porta-vozes delas;*
- à professora Mônica Prado por idealizar, organizar e conduzir esse projeto lado a lado conosco, alunos, enfrentando junto os contratempos desse momento atípico e nos motivando mesmo quando a desmotivação batia a nossas portas;*
- ao professor que se tornou amigo da turma, Bruno Nalon, que de forma generosa e cuidadosa planejou a capa e organizou nossas palavras na diagramação e projeto gráfico deste livro;*
- ao nosso colega e designer Danthon Amaral por ter transformado nossa imaginação na arte gráfica da capa com competência e dedicação;*

- à professora Sandra Araújo que de forma carinhosa aceitou nosso convite para fazer parte e participar do pré-lançamento virtual do livro-reportagem e dividir conosco sua experiência como escritora;*
- ao professor e coordenador do curso de Jornalismo do UniCeub, Henrique Moreira, pela disponibilidade em nos agradecer com as delicadas palavras na apresentação deste livro;*
- a todo corpo docente de Jornalismo que em algum momento do curso nos deu aula e transmitiu mais que habilidades técnicas, tornando-se exemplos desta profissão em que estamos ingressando. Nos influenciando indiretamente em todo trabalho de construção deste livro;*
- a todos os nossos amigos e familiares que de perto acompanharam do início ao fim o processo de realização dessas narrativas feitas inteiramente dentro da casa de cada um de nós;*
- a todos os profissionais do Centro Universitário de Brasília.*

ESCRITA EM TEMPO DE PANDEMIA: É PRECISO CORAGEM!

Em meio a uma pandemia que aterroriza o mundo, estes alunos do UniCEUB, jornalistas em formação, enfrentaram um desafio ainda maior: escrever um livro. Há quem pense que a escrita é um “dom” e que é preciso “inspiração”, como se as palavras viessem de forma mágica para quem escreve. Mas, grandes escritores da literatura brasileira e mundial já revelaram os desafios que enfrentam para colocar no papel aquilo que lhes toca.

Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, dizia que “o que a vida quer da gente é coragem”. E foi exatamente o que tomou conta desse grupo de jovens. É preciso coragem para escrever! E eles não mediram esforços para tratar do temido assunto “Covid-19”. Com sensibilidade para captar o reverso cotidiano que se apresenta, os futuros jornalistas, trataram do que salta aos olhos do país em crise. Prepare-se, caro leitor, pois o jornalismo feito pelos redatores emociona!

Sandra Araújo de Lima da Silva

Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa e escritora

Professora do UniCEUB